

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PROFESSOR SURDO: A POLÍTICA E A POÉTICA DA TRANSGRESSÃO
PEDAGÓGICA**

Flaviane Reis

Florianópolis-SC

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E PROCESSOS INCLUSIVOS

**PROFESSOR SURDO: A POLÍTICA E A POÉTICA DA TRANSGRESSÃO
PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação na Linha Educação e Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Mestranda: Flaviane Reis

Orientadora: Dra. Gladis Perlin

Florianópolis-SC, 2006.

Termo de Aprovação

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Área de Educação, defendida e aprovada, em 28 de Novembro de 2006, pela banca examinadora constituída por:

Nome do Professor

Nome do Professor

Nome do professor

Aos meus pais
e meu filho Clóvis
pelo apoio e incentivo em todas as horas...

Á Profª Dra. Gladis Perlin,

Incentivadora, guia e doutora sempre atenta
aplicada a minha formação profissional, amiga
sincera e mãe educadora em todos os momentos.

Á Profª. Dra. Ronice Quadros,
Pelo estímulo e importantes sugestões.
na realização deste trabalho.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	07
Resumo.....	12
Abstract.....	13
Sign Writting	14
Introduzindo com a minha trajetória	18
CAPÍTULO I - PERCORRENDO O REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
1.1 - Estudos Culturais: A ênfase dos territórios de Estudos Surdos	31
1.2 - Estudos Surdos: cultura e identidade surda.....	33
CAPÍTULO II- DEFININDO A METODOLOGIA: OBSERVAÇÃO E NARRATIVA	44
2.1 - O levantamento teórico/ bibliográfico.....	46
2.2-A metodologia da pesquisa: Observação e Narrativa	47
2.3.- Os sujeitos da pesquisa	50.
2.4 - Como fiz observações e colhi as narrativas	52
2.5 - O local da pesquisa	54
2.6 - Mais alguns dados a mais de minha coleta: atitudes de recepção	55
2.7 - Como fiz a análise das observações e narrativas	56
CAPITULO III.- ABORDAGENS DOS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO ...	58
3.1. Retrospectiva histórica do policiamento das fronteiras.....	60
3.2. Escola para surdos.....	62
3.3. Escola de surdos	65
3.4. Relações de Poder: Professor surdo X Espaço educacional..	69
CAPÍTULO IV – A CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA E A POÉTICA.....	78
4.1 Pedagogia da diferença ou dos surdos	82
4.2. Situando a pedagogia dos surdos	91
4.3 Identificação e “Modelo”: Uma questão da afirmação.....	97
4.4. A transgressão pedagógica com o professor surdo	103
4.5. A construção da política e a poética do professor surdo	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por gentilmente permitir-me sabedoria para incluir nas idéias de minha pesquisa os caminhos de uma dissertação. Agradeço igualmente pela quantidade de pessoas envolvidas nessa troca de experiências e de novas idéias. Agora, sinto gratidão diante de tudo e também por todos estes que o Senhor colocou em meu caminho.

A toda a minha família, principalmente ao meu filho Clóvis, pela compreensão durante a ausência e distância, como também nos meus momentos difíceis. Aos meus pais, por aceitarem a minha identidade surda e por entenderem o que o ser surdo significa para mim. De modo especial pelo esforço, pela ajuda em me apoiar nos estudos e por me ensinar sobre questões relacionadas com a atualidade, a globalização e a consciência política. E agradeço pela paciência e compreensão, apesar da nossa distância de 1.650 km. Obrigada por eles existirem e sem eles, não teria final.

Aos povos surdos, agradeço pela sua existência onde me envolvi e identifiquei com a cultura surda, e hoje tenho a minha identidade surda. Hoje olham-me como surda!

À turma de mestrado na linha de pesquisa: Educação e Processos Inclusivos em Educação da UFSC, pelos muitos momentos de trocas de experiências, de alegrias, de tristezas, de angústias e muita amizade.

Aos GES – Grupo de Estudos Surdos, onde abri minha mente, absorvi e captei os conhecimentos culturais, onde vivi profundamente a experiência vivida e pensada dos surdos, da cultura, da língua de sinais, das teorias nos Estudos Culturais, que possibilitaram trocas durante as aulas e as pesquisas.

Aos meus amigos surdos e ouvintes, pela amizade e apoio, pela compreensão e oportunidades. Como pertenço ao povo surdo, a amizade me fez enriquecer com as vidas, as experiências dos surdos e ouvintes. Em especial Edgar Correias Veras e Artur Moraes com quem sempre trocávamos reflexões e de experiências. O acolhimento veio na hora certa de luta, já o carinho levou a um verdadeiro trabalho de amor. Suas inteligências e forças são uma contínua fonte de inspiração.

À Marianne Rossi Stumpf, que naqueles idos tempos me enviou por e-mail o edital e me perguntou assim: “Está interessada em fazer mestrado?” Naquele momento, senti um desafio a me empurrar para entrar numa fase diferente de minha vida.

Em especial à Karin Strobel, por sua orientação e trabalho de reflexão. Agradeço pela sua ajuda e pela grande paciência. Você me fez crescer profissionalmente, despertar e me incentivou na leitura, escrita e pesquisa em diferentes teorias.

E também à Dra. Rosa Maria Hessel Silveira por sua presença e orientação na qualificação de minha pesquisa e o aconselhamento para suturar nos campos teóricos específicos dos Estudos Culturais no que se relaciona a questão do professor surdo .

A CAPES, pelo provimento através da bolsa recebida durante o mestrado.

Finalmente, gostaria de agradecer a duas pessoas especiais que me incentivaram e acompanharam nos passos, dando mais prazer no trabalho de estudos e pesquisas. A pioneira doutora surda Gladis Perlin, minha orientadora especial, pelo seu estímulo, coragem e exigências, como também segurança e apoio crítico, em minhas vacilações, por motivar-me a investigar e, em especial, pela amizade, cujo trabalho como mãe e educadora enriqueceu os nossos Estudos Culturais e também a compreensão de nossas vidas culturais surdas. E igualmente à doutora Ronice Quadros, pessoa batalhadora, uma bandeira para os surdos, pois abriu a porta e entregou espaço para os surdos mestrando e doutorando na linha de pesquisa: Educação e Processos Inclusivos na UFSC. E vitórias, abriu o curso de graduação com licenciatura em Letras/Libras para povo surdo. Elas são pioneiras numa forma diferente de inclusão dos surdos na UFSC como modelo para as demais universidades.

“Acredito que a Língua de Sinais é ao mesmo tempo estar diante de um espelho onde me encontro com o semelhante e isto é a pedra fundamental da cultura de um povo e eu adoro ser surda.”

(Anônimo)

ABREVIACÕES E SIGLAS

APAE: Associao de Pais e Amigos dos Excepcionais

CBS: Confederao Brasileiro dos Surdos

CEJA: Centro de Estudos Jovens e Adultos

FENEIS: Federao Nacional de Educao e Integrao de Surdos

FMS: Federao Mundial de Surdos

GES: Grupo de Estudos Surdos

NUCLEIND: Núcleo de Investigao de Desenvolvimento Humano

SUEE: Superintendncia do Ensino Especial de Gois

TDD: Telecommunications Device for the Deaf

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

REIS, Flaviane. *Professor Surdo: A política e a poética da transgressão pedagógica*. Florianópolis, 2006. Dissertação de Mestrado em Educação e Processos Inclusivos- Universidade Federal de Santa Catarina.

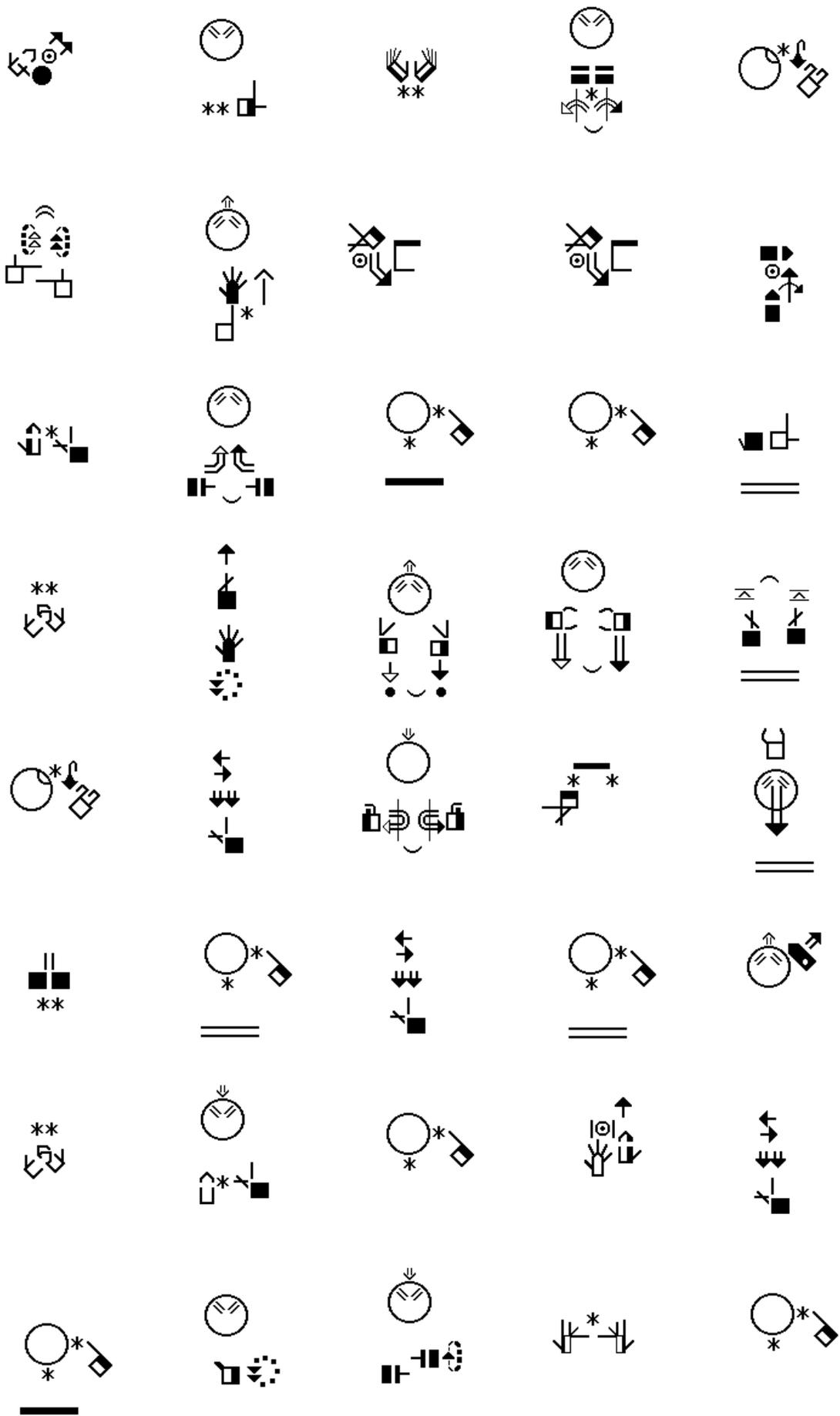
RESUMO

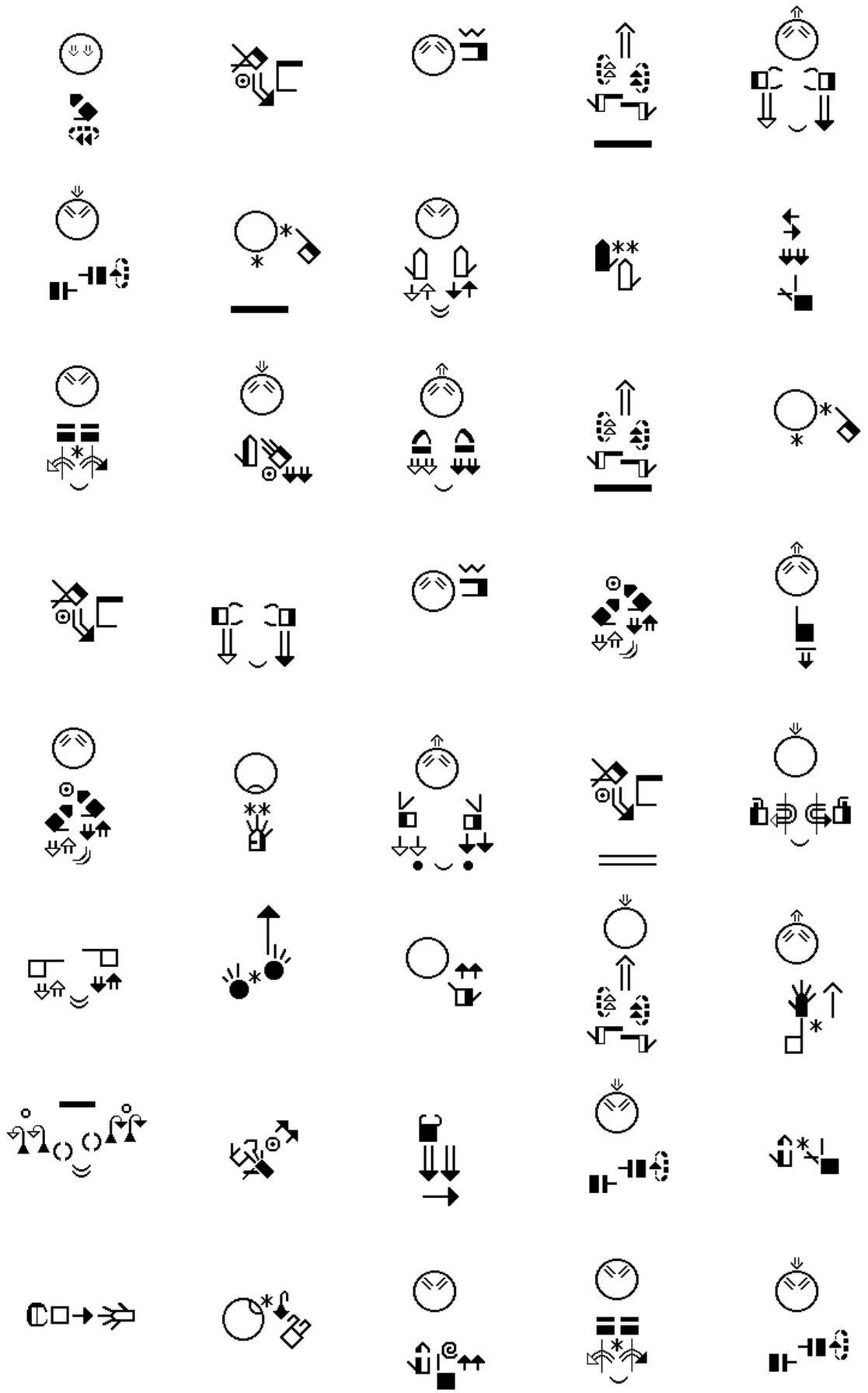
Nesta dissertação, o trabalho parte de uma perspectiva de Estudos Culturais e da que se constitui como Estudos Surdos. Tem a intenção de contribuir para a melhoria da representação do professor surdo, sua realidade, sua importância no quadro pedagógico dos surdos. Percebe a possibilidade do professor surdo transgredir através da pedagogia de surdos que se situa no povo surdo, através da identificação com a cultura que se encaixa, fazendo acontecer a alteridade, diferença, identidade, e que vai mais além do seu ser professor surdo, em um clima de transgressão pedagógica, com a implementação de uma política e poética características da pedagogia dos surdos. É realizada por meio de uma abordagem metodológica onde o conhecimento surge com uma série de teóricos culturais, passa pela observação e análise de suas perspectivas, bem como as observações sobre as narrativas dos sujeitos que a pesquisa envolve. A proposta está voltada para a prática pedagógica, tendo em vista o processo de transgressão, onde o professor surdo é concebido em suas possibilidades de mostrar a realidade de sua transgressão pelo espaço educacional surdo. Nessa transgressão as regras de uma pedagogia tradicional não mais servem ao quadro educacional dos surdos, hoje. Na realidade, pretendo um entendimento para o conceito de cultura, a possível vinculação da história ao longo do processo de transgressão pedagógica que está iniciando, e por fim, nos conceitos de pedagogia da diferença, de ser surdo, o espaço educacional surdo, tendo em vista um afastamento da visão clínica nas escolas e seu alvo de ação e poder como controle de saúde, em direção a uma visão mais pedagógica onde a presença do professor surdo enfatiza a pedagogia de surdos ou pedagogia cultural, para além da visão colonial, no nosso jeito surdo de ensinar, mas também da nossa cultura.

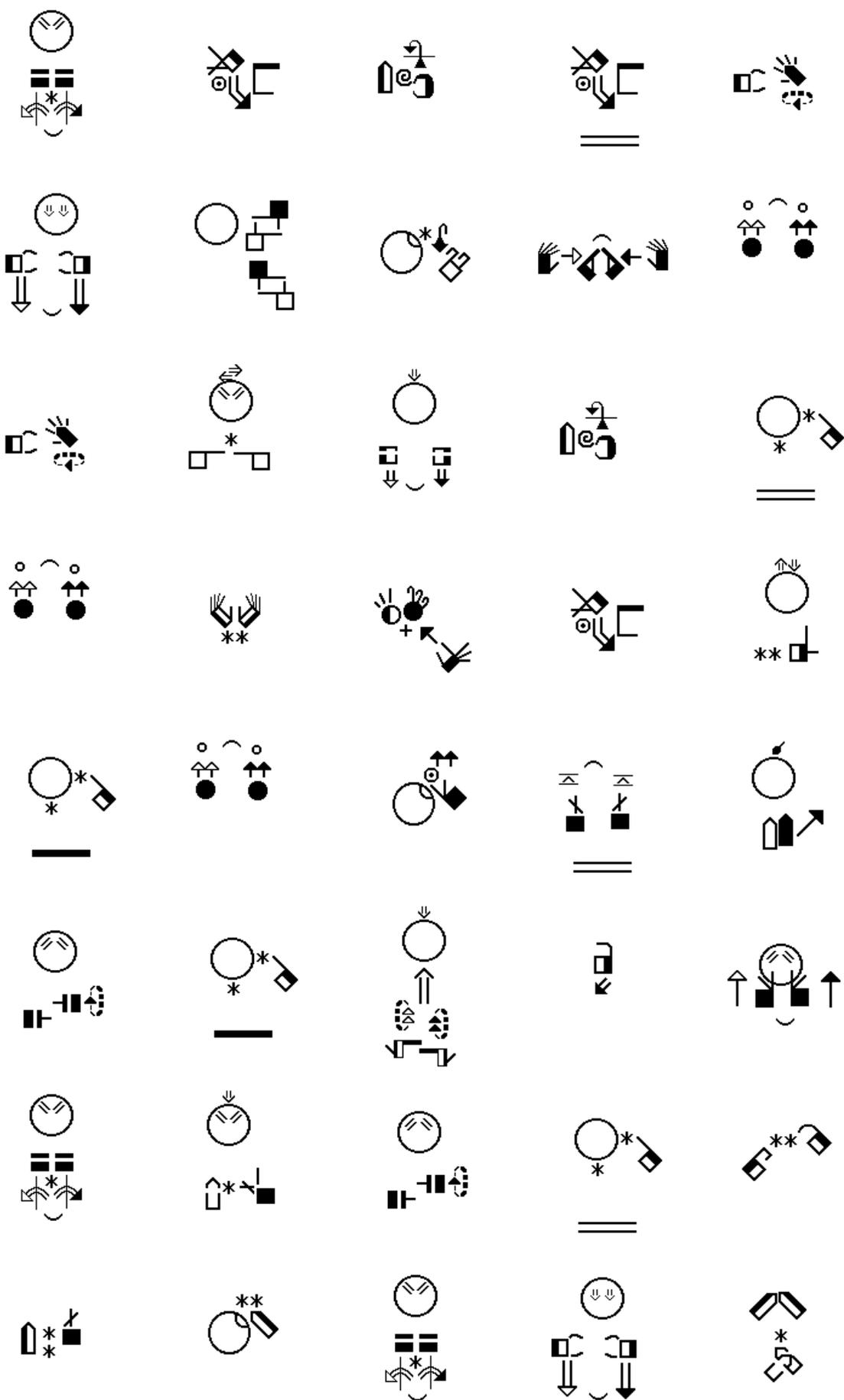
Palavras-Chave: transgressão pedagógica, professor surdo, identidade surda, cultura surda.

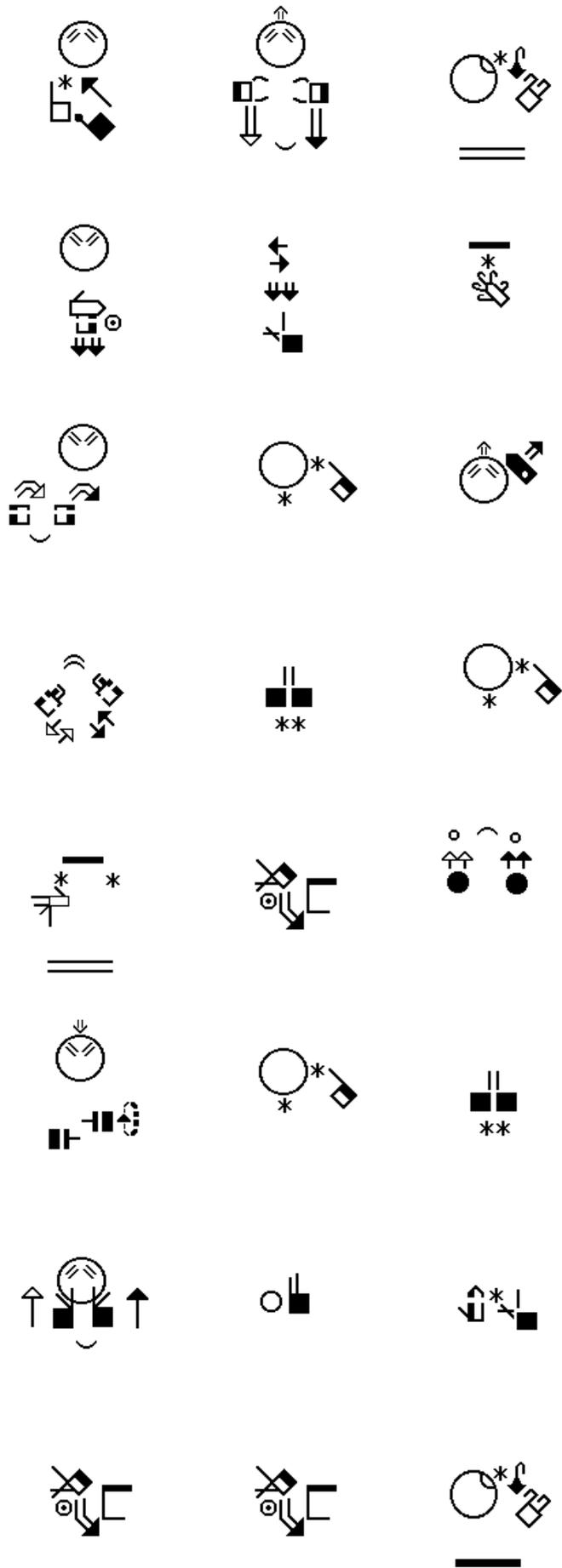
ABSTRACT

In this dissertation, the work is viewed from the perspective of the Cultural Studies constituted in Deaf Studies. It aims at contributing to the improvement of the representation of the deaf teacher, his/her reality, his/her importance to the deaf in the pedagogic board. It observes the possibility to transgress through the deaf pedagogy situated in the deaf people, through the identification with the respective culture promoting the alterity, difference, identity, that goes beyond being a deaf teacher, in an atmosphere of pedagogic transgression with the surgency of a politics and a poetic that is characteristic of the pedagogy of the deaf. It has a methodological approach through which knowledge comes from several cultural theory authors, goes through the observation and analyses of their perspectives, as well as observations about the narrations of the subjects and observations of the subjects involved in the research. The proposal aims at the pedagogic practice, viewing the process of transgression, in which the deaf teacher is conceived in his/her possibilities of showing the reality of his/her transgression in the educational space of the deaf. A transgression to the rules of a traditional pedagogy that does not fit the present educational situation of the deaf . In fact, I aim at an understanding of the concept of culture, the possible link of history throughout the starting pedagogic transgression process, to the concepts of pedagogy of the difference, of being deaf, the educational space of the deaf, aiming at a detachment of the clinical view at schools and its target as a control of health, leading to more pedagogic view, where the presence of the deaf teacher emphasizes the pedagogy of the deaf, or a cultural pedagogy, beyond the colonial, with our deaf way of teaching, but also in our culture.









INTRODUZINDO COM A MINHA TRAJETÓRIA

Estoy consciente de lo que es ser sordo y estamos orgullosos de nosotros mismos como personas sordas, orgullosas de nuestra lengua y de nuestra cultura. Nuestra función como sordos nos permite tomar consciencia de nosotros mismos y respaldar a nuestros iguales.
Juan Eugenio Ravelo-Mendoza

O tema sobre o professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica sugere o título para esta dissertação. Ele apresenta os desafios inquietantes que ocorreram e ocorrem com o espaço educacional de surdos em constante transformação de linguagens e de ideologias.

Na contemporaneidade a educação de surdos está passando por um período de crise que provoca transformações e recentemente ocorreram as profundas alterações. Elas estão afetando positivamente o povo surdo ¹que historicamente fez “ecoar” os seus discursos que eram silenciados pela pedagogia tradicional na visão clínica. Com estas mudanças ocorrem novas e diferentes práticas pedagógicas surdas favorecendo e envolvendo a nós, professores surdos.

Preparar-se para as mudanças significa uma tomada contínua de consciência face à pedagogia dos surdos, o que implica em respeitar a identidade lingüística e cultural de nosso povo.

¹ Povo surdo: Denominar povo surdo é uma estratégia de poder, de identidade. O que constitui este povo? As associações, organizações locais, nacionais e mundiais de surdos, as lutas, a cultura, das políticas. É uma representação simbólica não como uma simples comunidade a quem podem impor regras, mas como uma estrutura forte que se defende, impõe suas regras, seus princípios.

Quando procuramos conceituar o povo surdo, procuramos saber quem somos, como, com nossos companheiros, pensamos e agimos, quais são nossos medos e angústias, crenças e valores, forças e fraquezas. Desse modo mais fácil será este processo de transgressão através da experiência vivida com a cultura surda.

O espaço educacional necessita redefinir-se para atender as novas exigências, e no seu interior a pedagogia surda é a peça chave para que estas alterações sejam concretizadas de maneira segura e eficiente.

Ao levantar bibliografia sobre o tema: Professor Surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica, continuou o desejo e a oportunidade. Pude conhecer os trabalhos de outros pesquisadores bem como debater metodologias, teorias e práticas com os colegas mestrands e doutorands surdos do Grupo de Estudos Surdos - GES/UFSC- GES² e levantar os locais da existência da pedagogia dos surdos. Tudo isto é o espaço a que me levou a viver a experiência de conhecer a pesquisa em Estudos Culturais dentro do meu estudo de Mestrado.

Para fundamentar minha pesquisa então, quis definir os parâmetros de educação de surdos com apoio nos Estudos Culturais. Serviriam de base para esta pesquisa e iriam qualificar meu objeto, definir minha metodologia, solidificar meus conceitos.

Apesar da minha mudança ter sido grande, no aspecto geográfico, ela não fica no que diz respeito à distância entre Goiânia e Florianópolis. Ela é em relação à instituição UFSC, ao grupo de pesquisa GES, ao grupo da FENEIS de Santa Catarina, aos colegas pesquisadores, seminários, os cursos de curta duração especificando nos Estudos Surdos. Ela é em relação aos costumes e todo um estilo de vida que me incentivaram cada vez mais, me fizeram ampliar o conhecimento, me fizeram usar a reflexão a respeito da minha pesquisa.

² O GES- Grupo de Estudos Surdos, vinculado ao Centro de Ciências da Educação da UFSC, é composto por pesquisadores que produzem em Estudos Surdos. Envolve ensino, pesquisa e extensão, com a comunidade em geral, bem como com alunos em graduação, mestrands, doutorands. Tem apoio de profissionais que atuam na área de órgãos federais, estaduais e ONGs como a FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, Universidades do Estado de Santa Catarina, CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Movimentos Surdos de SC representados pelas Associação de Surdos da Grande Florianópolis, Sociedade de Surdos de São José. www.ges.ced.ufsc.br

Antes de entrar no enfoque e na forma de meu tema a ser abordado, quero narrar sobre a minha vida, como vivi dentro do mundo dos surdos, porque faço parte do povo surdo, da pedagogia surda e identidade surda .

Não tenho como esconder minha trajetória pois ela está inseparável de minha pesquisa. A minha trajetória escolar possui aspectos de singularidade que me orientam pelos labirintos da pesquisa. Não me deterei somente à descrição biográfica, mas em aspectos singulares constituídos por minha condição de surda imersa, na maior parte de minha vida escolar, num contexto regular de ensino.

Minha vida inicia com meu nascimento em 1977 em Goiânia. Quando tinha um ano e meio, minha mãe ao ouvir o diagnóstico do médico: “*a Flaviane apresenta surdez grave profunda*”, seu coração disparou. E ela pensou: “E agora? Como vai ser a vida dela, a educação, o convívio com os amigos?”. Recentemente, ela relatou-me a trajetória da minha infância e do processo educativo, achei-os interessante. É o conto da minha infância, do percurso que fiz na educação, e que na atualidade, completamente diferente, me acompanha no cotidiano.

Surgiu uma série de dúvidas, e ela nem sabia por onde começar. O médico lhe indicou uma escola especial para crianças surdas que possuía um sistema educativo com enfoque oralista no Distrito Federal. Ele disse que eu começaria com o tratamento de terapia da fala, usaria aparelho, enfim, era o início de uma longa caminhada na educação especial. Meus pais mudaram para Brasília, seguindo recomendações para matricular-me numa escola, uma referência nacional em educação oralista de surdos. Em casa ela me dava outra educação que sempre me incentivava em toda minha vida escolar.

Poucas lembranças tenho dos tempos minha infância, muito que lembro, vem de informações desde do meu início de vida escolar. Ao completar quatro anos já fazia meio período em uma escola especial. Meu convívio com as crianças ouvintes não era fácil, não me conseguia fazer entender pelos colegas e ficava extremamente agressiva. As mães das crianças ouvintes não me aceitavam e a discriminação era imensa. Minha mãe, às vezes, ouvia de certas mães que eu atrapalhava o desenvolvimento verbal de seus filhos. Mas ela, no papel de mãe de uma criança surda, no entanto, se sentia bem aventurada de me ver naquela escola tendo o mesmo desempenho que meus colegas. Raramente uma crítica ou discriminação lhe abatia.

Aos seis anos, fui para escola regular por meio período e no outro período continuava no atendimento especial. Iniciei o processo de alfabetização no ensino fundamental. Eu tinha também o reforço escolar, natação, uma série de atividades que contribuíram para o meu melhor desenvolvimento. No decorrer do tempo, ela sentia dificuldades em me ensinar através da leitura labial as matérias gramaticais e decidi fazer um curso com fonoaudiólogas para poder me entender e me ensinar. Depois de concluir o curso, consegui controlar as minhas ansiedades e juntamente com os gestos e figuras, conseguia me fazer assimilar palavras.

Mesmo sem ouvir, tive um bom desenvolvimento, sempre fui muito comunicativa, de índole expansiva. Quando estava cursando a terceira série, mudamos para Goiânia. Lá não foi fácil, porque as escolas particulares não me aceitavam devido a minha identidade surda. As escolas públicas eram indiferentes e a escola especial era só a APAE³. Nem sabia a quem recorrer até que um dia, por intermédio de uma amiga, a diretora de uma escola particular me convidou para ser aluna. Esta experiência foi ótima, os professores não tinham vivência com crianças surdas, mas eles tinham o principal, que era o seu interesse e muita força de vontade para educar-me. Posso ver nessa outra fase de minha trajetória escolar, uma intensa preocupação desta escola em cumprir seu papel educativo, já que seu papel era compartilhado com meus pais e objetivavam além da formação pedagógica de transmitir e construir conteúdos e conceitos, mas também minha formação como cidadã, seguindo o exemplo político.

Nessa escola, os professores tiveram um papel muito importante no meu processo de aquisição de conhecimentos, mesmo tendo a dificuldade de me comunicar na relação do professor e aluno, pelo fato da minha postura de ser surda. Sentia nos professores um interesse muito grande em se fazer entender por mim, e retribuía com redobrado esforço que levava a minha compreensão. Mais uma vez via neles o que é importante na inclusão, a visão de “ser surdo” como ser capaz de superar obstáculos.

Quando terminei as séries iniciais do ensino fundamental, continuei insistindo em prosseguir. E segui em frente no ensino médio, numa escola particular, mesmo com dificuldades em acompanhar as aulas. Muitos alunos, muitos professores em sala de aula e nenhum intérprete de língua de sinais. Todavia este não me ajudaria, pois na

³ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

época não sabia nada da língua de sinais. Contava apenas com o meu esforço e a ajuda de colegas próximos e professores que se sensibilizavam. Quando chegava em casa devorava os livros. Aprendi desde pequena com meu pai, algo que não esqueci até hoje. Ele perguntou-me, enquanto estava na sala de estar esforçando-me na leitura, desesperada para poder compreender o texto. Ele disse: “Quem é o melhor professor do mundo?” Eu lhe respondi: “Não sei”, assim ele me disse: “O melhor professor do mundo é o LIVRO!” Cada vez que enfrentava uma dificuldade os livros me ajudavam cada vez mais.

Aos 15 anos, comecei a conhecer o mundo dos surdos. Muitos surdos se encontravam na Associação dos Surdos de Goiânia. Ficava impressionada ao ver os surdos comunicando-se com a língua de sinais. Isto me conduziu na identificação com a cultura surda e despertou em mim muita curiosidade em aprendê-la. Desconhecia a língua de sinais brasileira, a cultura dos surdos, educação dos surdos, como se vive e a interpretação do mundo. Comecei a freqüentar a Associação aos domingos para aprender a comunicar em língua de sinais. Aprendi em um mês graças aos meus amigos surdos goianos.

Desta forma, devido à presença de um intérprete na minha sala de aula continuei os estudos, tendo agora menos dificuldades, pois já estava adaptada com a língua de sinais, resultando na ampliação do meu conhecimento. Realmente ficava mais tranqüila por tê-lo na sala de aula, não precisava fazer esforço para realizar a leitura labial. Neste método entendia apenas 60%, por outro lado, com o intérprete entendia 100%, pois era a leitura da língua de sinais que eu tinha para fazer. Concluí o ensino médio numa escola da rede pública, com a atuação deste intérprete o que facilitou o meu aprendizado. Isso me possibilitou olhar meu passado e entender que os surdos necessitavam dos intérpretes. Percebi que as crianças surdas tiveram muitas dificuldades nas várias vezes em que o intérprete estava ausente da sala de aula. Também na escola de surdos precisa ter a presença de intérpretes, pois muitos professores não têm fluência em língua de sinais.

Nesse período, fui convidada para trabalhar com as crianças surdas numa escola de surdos, trabalhei lá uns cinco anos. Realmente, não sabia por onde começar e o que ensinar para as crianças surdas. Em Goiânia, não tinha nenhuma informação de como ensiná-los, somente com as professoras ouvintes. Percebi que estas utilizavam

primariamente a língua portuguesa. Fiquei completamente desesperada, agoniada e preocupada com as crianças surdas. Várias professoras utilizavam muito bem a língua de sinais, mas o problema era a didática e a metodologia. Elas nunca usavam uma pedagogia adequada para os surdos. Apenas trabalhavam a parte do currículo dos ouvintes, preocupavam-se em ensinar a língua portuguesa. Por isso fui em busca do conhecimento referente a educação de surdos. Participei em vários seminários, congressos e encontros em educação de surdos. Esta busca me possibilitou ampliar cada vez mais minhas práticas em pedagogia dos surdos.

Neste momento decidi que faria vestibular para pedagogia, pois me sentia bem em dar aulas. Logo, fui aprovada na primeira tentativa. Começaram novamente as dificuldades, afinal uma aula na faculdade é bem diferente do ensino fundamental e médio. Os professores nem sempre estão disponíveis e o intérprete é o que fazia mais falta.

Depois de dois anos e meio lutando na faculdade ainda continuava do mesmo jeito sem conseguir o intérprete. Tentei conseguir intérprete através da SUEE⁴, mas não obtive sucesso. O jeito foi, como sempre, contar com a colaboração de meus colegas e com meu esforço. Ao mesmo tempo ameacei iniciar uma denúncia ao Ministério Público. Logo a reitoria percebeu e contratou imediatamente um intérprete de língua de sinais brasileira. Não fiquei satisfeita, pois perdi muitas matérias desde o primeiro período e contratação foi apenas no quinto período, mas consegui superar as dificuldades. Com a presença dele ampliei muito o meu conhecimento das teorias da pedagogia. Todavia o que me faltava era conhecer profundamente a teoria da educação de surdos. Do meu interesse faltou o conhecimento sobre os procedimentos e estratégias aplicadas na educação de surdos, sempre se falava sobre a inclusão.

Também tive minha experiência de trabalho na escola de surdos, tinha percebido pela minha própria produção pedagógica que, enquanto ensinava língua de sinais para os alunos surdos, isso me ajudava a crescer dentro das relações de poder. Acreditava que bastava entender a educação de surdos. Logo percebi que alguns professores ouvintes não tinham uma boa experiência, nem domínio da língua de sinais, nem conheciam a cultura dos surdos, e exigiam dos alunos ler e escrever na sua

⁴ Superintendência do Ensino Especial de Goiás

segunda língua, o português. Por isso os alunos não davam valor a sua primeira língua. Tudo isso me deixou angustiada, logo procurei buscar conhecimentos referentes à educação de surdos. Fui atrás e participei de vários cursos, o que me fez ampliar no conhecimento sobre a nossa cultura, nossa língua, nossa educação. Neste período também iniciei meus estudos na graduação em Pedagogia com os ouvintes numa faculdade, logo aprendi várias teorias de pedagogia como: Pedagogia da Autonomia (1997) e Pedagogia do Oprimido com Paulo Freire (1970); Pedagogia Crítica, de Henry Giroux (1997); Pedagogia da Sexualidade, da Guacira Lopes Louro (1999); e muitas outras Pedagogias. Dentro dos quatro anos, a minha visão começou a entender sobre a importância das várias teorias em torno da educação em geral, pois faz parte do mundo acadêmico. Sentia falta de maiores discussões específicas sobre os surdos, mas pelo menos foi bom aprender e aprofundar na teoria da educação em geral dentro da pedagogia tradicional. Formei-me com muita satisfação e com alguns conhecimentos.

Com essas concepções vem sendo difundida grandemente, no ambiente escolar, a perspectiva surda, tornando a escola de hoje muito mais histórica em suas bases pedagógicas do que antigamente. É importante aprender e ensinar segundo esta perspectiva da pedagogia dos surdos. O que passar pelo processo de interação vai facilitar para que ocorra a construção de conhecimento. Entendo o ser humano como ser histórico e é importante que este sujeito surdo seja inserido na sua cultura e torne-se conhecedor dela.

Enfim, minha mãe acompanhou toda essa trajetória, de me ver surda e também formada em pedagogia, mas uma surpresa maior para ela ainda estava por vir. Inscrevi-me para fazer a seleção para o mestrado em educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e mais uma vez consegui obter a vitória.

O mestrado já é algo totalmente diferente do que eu tinha vivido, uma proposta totalmente inovadora. Começar com o processo seletivo, realmente foi totalmente diferente. Fiz as provas de seleção de mestrado na Linha de Pesquisa: Educação e Processos Inclusivos, na língua de sinais. Fiquei motivada pelo poder da língua de sinais como primeira língua e o poder que foi dado à língua de sinais.

Minha melhor fase escolar iniciou aí. É aquela fase em que tive a oportunidade de dialogar com os colegas surdos, ter aulas em língua de sinais e ir nas aulas de integração acompanhada de um intérprete. Na UFSC meus professores estão

conscientes e aceitam nossa diferença cultural. Não há relações dissociadas nem tão pouco se sobrepondo, mas sim adaptando a relação intercultural.⁵ Refletindo, de maneira geral sobre esse percurso, posso usá-lo na confirmação dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais que favorecem o pensamento da inclusão noutra perspectiva.

Percebi que é de suma importância esta oportunidade para os surdos usuários da língua de sinais, pois respeitaram a nossa língua, a nossa identidade, a nossa alteração, a nossa história, a nossa pedagogia, a nossa diferença e a nossa arte. É outra visão, é totalmente inovadora esta que acontece dentro do GES, é um espaço para os estudos surdos. É de importância ter um espaço para discutir com diferentes teorias. Nele os mestrandos e doutorandos debatem sobre a pesquisa específica movimentando os Estudos Surdos. Neste espaço se tiram as dúvidas para descobrir novas perspectivas e para fortalecer e difundir a respeito de novos achados e entre eles a educação de surdos. Daí ampliamos os conhecimentos e entre outras coisas, o que é muito importante: olhar o espaço próprio que temos como surdos a respeito de nossas identidades e subjetividades culturais. Isso quer dizer é o próprio lugar da cultura surda, diferente, próprio de “ser nós”, como somos, os outros que somos, sob a visão dos surdos. E além de tudo, a construção do próprio pensamento dos surdos demonstrando a realidade das pesquisas e trabalho. Até na sala de aula também, há disciplinas em que a aula é ministrada em língua de sinais pelas professoras. Aí tanto os surdos quanto os ouvintes, mesmo que alguns deles não soubessem língua de sinais, se esforçavam para entender e acompanhar. Este episódio traz de volta aqueles anos em que tinha de ler os lábios dos professores na sala de aula, é como se fosse o inverso, o sofrimento de entender em língua de sinais na sala de aula.

Tem outro fato interessante na UFSC, pois esta tem uma surda, que é doutora em educação, contratada como professora adjunta. Uma surda doutora me deixa orgulhosa, porque ela faz parte do nosso mundo, da nossa língua, da nossa cultura. Com ela aprendi a descobrir e despertar muitas estratégias que ampliaram os meus conhecimentos em Estudos Culturais. Este campo teórico se encaixa muito bem na

⁵ É uma maneira de intervenção diante dessa realidade, que tende a colocar a ênfase na relação entre culturas. (SILVA, p. 27, 2003)

Educação dos Surdos, pois trabalha com temas referentes como as relações do poder, interculturalismo, identidade, diferença, culturas, currículo, pedagogia cultural e pedagogia da diferença. Tudo isso me fez mergulhar no mundo da pedagogia de surdos com suas características marcantes e seus paradigmas. Nesta situação senti que me foi dado um conhecimento teórico que me possibilitou posição de poder, pois quando eu estudava com os ouvintes, mesmo com a presença de intérprete, me sentia em desvantagem, inferior, subalterna.

Nas aulas ministradas em língua de sinais podia evoluir nos meus conhecimentos, debater, questionar de igual para igual devido ao ambiente comunicativo que a língua de sinais oferece, algo que flui de forma natural. Também aprendi a trocar experiências com os mestrands e doutorands surdos e ouvintes sobre a defesa e o respeito a educação que nós surdos queremos para melhorar a proposta da educação de surdos. Isto ocorreu principalmente no seminário de Estudos Surdos quando discutimos sobre os Estudos Culturais e Estudos Surdos como território investigativo. Adquiri muitos conceitos com estes debates de pesquisa. Aprendi muitos conceitos sobre a identidade, diferença, alteridade no campo teórico dos Estudos Culturais e também cheguei a entender a centralidade da cultura, bem como a pedagogia dos surdos, o que acontece a partir da política da identidade sua agência em defender a nossa diferença e nossa cultura. Por meio destes estudos entendo a educação dos surdos ficou mais acessível devido aos debates e ao conhecimento de diferentes teorias e suas implicações.

Por outra disciplina: Educação Intercultural, interessei-me porque contempla aspectos da minha pesquisa. Nela a possibilidade de aprofundamentos no conhecimento sobre intercultural, favorece aspectos que fazem refletir sobre as etnias, diferenças e raças. Continuei com estes estudos refletindo sobre o respeito aos diferentes aspectos culturais e aqueles que têm a nossa própria cultura. Percebi que o professor é totalmente flexível em suas aulas, havia muitas trocas de experiências, o grupo era muito unido. Nos convidaram, as mestrands surdas, para dar uma aula básica de língua de sinais na primeira meia hora de cada aula para que os alunos ouvintes pudessem tomar conhecimento desta e facilitar comunicarem-se conosco na sala de aula. Fiquei satisfeita em ver os alunos ouvintes esforçando-se e da grande

vontade em aprender a língua de sinais e percebi cada vez mais aceitação de nossa cultura.

Ao refletir sobre a minha trajetória, percebo que a minha visão é totalmente diferente agora com os conhecimentos teóricos dos Estudos Culturais, pois anteriormente a pedagogia só era a preocupação em ensinar-me o português e fazer eu oralizar, sem conhecimento, sem lutar pelos surdos, sem a minha identidade, enfim, sem luta pela educação que nós surdos queremos. Hoje, a minha visão é mais vasta, tenho mais consciência política e defendo a nossa educação, ou seja, a pedagogia dos surdos.

Antes do mestrado, que ampliou a minha percepção de mundo, sempre trabalhei como voluntária, quatorze anos, na Associação de Surdos, e também, na FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, durante mais de quatro anos e em algumas outras organizações. Estas militâncias possibilitaram que eu me sentisse politicamente apta em defender a educação que nós surdos queremos. Juntamente com esta aptidão desenvolvi a identidade e cultura nas interações com os amigos surdos. Entendo o mundo dos surdos através do cotidiano dentro das associações e eventos esportivos, a educação de surdos, as escolas de surdos e escola para surdos. Antes custava em entender a educação de surdos, pois pensava que o oralismo era o melhor caminho. Agora posso dizer que minha mãe, com as devidas explicações, compreendeu e aceitou com respeito à minha decisão de ser surda.

Para cumprir ou seja construir a tarefa de pesquisa, o requisito parcial a meu mestrado, organizei esta dissertação da seguinte forma:

Nesta Introdução coloquei minha trajetória e lutas, o que me influenciou e incentivou para a construção desta pesquisa.

No primeiro capítulo trago o esboço que fiz ao percorrer o referencial teórico que contém fundamentos desta dissertação. Esse espaço é preenchido pelos Estudos Culturais e os Estudos Surdos na reescrita da diferença cultural dos surdos. Porém, minha reflexão não fica apenas no terreno dos Estudos Culturais, apenas entendo que minhas investidas e marcas que faço estão em aproximação aos estudos da teoria cultural.

O segundo capítulo quer dar conta das trajetórias da pesquisa, o modo como foi feita sua concretização, a pesquisa de campo realizada, o aspecto onde se entende seus

labirintos. E também como fiz os produtos finais, uma interpretação possível das observações e das narrativas produzidas no encontro com os professores surdos a partir das suposições explicitadas nos espaços teóricos. Tudo isto visando o sentido de reescrever a transgressão pedagógica, ou ainda, o espaço da educação dos surdos enquanto diferença.

Na leitura do terceiro capítulo percebe-se que percorro os espaços de gestão da pedagogia dos surdos. Espaços onde o professor surdo realiza a política e a poética da transgressão pedagógica.

Durante o quarto capítulo, faço questão de traduzir para entender a constituição de estratégias do ser professor surdo nos espaços da pedagogia de surdos, nas escolas a partir. Indicando que iniciamos a entrada num túnel rumo a uma transgressão pedagógica. É nesta transgressão fortalece a nossa política e a poética. Esta transgressão favorece a nossa identificação à cultura, à língua de sinais, à diferença, à alteridade e às narrativas carregadas de artefatos culturais do povo surdo

Nas considerações finais, junto um punhado de tendências que mostram nosso ir além, nossa constituição de ser professor surdo. A conclusão está indicando e pressupõe que a questão não está pronta, necessita de longo prazo e enfrenta muitos desafios. O transgredir pedagogicamente acontece nas realidades complexas e nas diferentes posições dos professores surdos.

Enfim segue minha pesquisa vivida e pensada na luta por traduzir em sentido nesta outra língua⁶ complexa e misteriosa, tentando transpor a política e a poética da transgressão pedagógica que o professor surdo realiza.

⁶ O português como segunda língua para o surdo.

Capítulo I

PERCORRENDO O REFERENCIAL TEÓRICO

*As palavras só tem significado na corrente
do pensamento e da vida.*
Wittgenstein

Me adreitei nos percursos da teoria científica a partir do momento em que ingressei no GES/UFSC - Grupo de Estudos Surdos, onde discutimos vários campos teóricos para pesquisas científicas. Foi entre estes labirintos que conheci muitos autores tais como Hall (2003), Bhabha (1998), Foucault (1998), Skliar (1998), Fleury (2000) Silva (2000), Costa (2002), Veiga-Neto (2003), Perlin (2003) e Quadros (2005), por eles entendi a teoria de Estudos Culturais. E ali nos Estudos Culturais aprendi a me movimentar nos Estudos Surdos. Conforme palavras de Skliar :

“Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas Surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político” (1998, p. 5).

Os Estudos Culturais contribuem para a descoberta de nossos valores culturais entre eles os aspectos da pedagogia de surdo, eles enfatizam a cultura motivando para a identificação do jeito do ser surdo; como diz a autora e pesquisadora surda, Perlin sobre a respeito de ser surdo:

Não estou me referindo ao geral de surdos/as, mas à identidade surda, à alteridade surda e à subjetividade surda que, quando presentes com toda a sua força, gera uma política - a política da identidade surda que hoje faz transparecer essa cultura suavemente rica, particularmente com a presença de língua própria, um de seus pontos mais fortes. (2004, p. 81)

Os Estudos Culturais celebram os Estudos Surdos! O que Dra. Perlin cita acima já se mostra na sua transgressão a partir do momento que nos surdos fazemos rompimento com a modernidade, seguindo os exemplos de como os sujeitos surdos e seus múltiplos jeitos de ser surdo dentro do processo histórico mostram a maneira de seu jeito de viver. É o que acontece na visão dos campos teóricos dos Estudos Culturais que aproximando nos espaços investigativos dos Estudos Surdos, aí surge uma nova experiência visual⁷, as identidades múltiplas e multifacetadas, uma nova posição enfatizadora da nossa cultura, a nossa luta como povos surdos.

No campo de Estudos Culturais e Estudos Surdos se observa como se entrecruzam as relações de poder em que está envolvido o povo surdo. Também se divisam os aspectos da pedagogia no que se constitui como diferença sob a visão dos surdos. Segundo a autora Sá: “A pedagogia tradicional para surdos, que ainda hoje se arrasta, não considerou sua diferença, sua língua, sua cultura e suas identidades; por supervalorizar a voz, lhes negou a vez.” (2002, p. 7). Então surge uma abertura de questionamentos sobre esta questão nos Estudos Surdos sob a visão dos professores surdos. Há necessidade de intervenção pedagógica por parte dos surdos em que se questiona sobre o que se ensina e como se ensina. Uma outra questão a ser refletida é sobre como fazer com que os alunos surdos se identifiquem com a cultura surda, tendo em vista que a questão é tornar mais efetiva uma contribuição de valores por parte de Estudos Surdos.

Os Estudos Culturais desafiam a pedagogia de surdos às seguintes reflexões: Como os professores surdos podem ter o seu jeito de ensinar os conteúdos através de sua cultura, enquanto a sua formação continua celebrando a imposição do ouvintismo⁸? Como as subjetividades de alunos surdos e dos professores surdos são influenciadas pelos padrões culturais do povo surdo?

⁷ Cada movimentação, cada nova significação, como as ondas sobre o lago, movimentam a cultura surda. (Perlin, 2003, p. 27).

⁸ Ouvintizar, ouvintismo, ouvintização: constituem neologismos para descrever práticas colonialistas dos ouvintes que fazem com que os surdos sejam obrigados a narrar-se, julgar-se e pensar-se como se

Giroux pergunta sobre estas estratégias: “Como podemos construir um discurso que elimine os efeitos do olhar colonizador enquanto ainda estamos sob sua influência?” (1999, p.32).

Com este ponto de vista, poderia enumerar a outras questões sobre como os Estudos Culturais podem contribuir no campo dos Estudos Surdos. Nesse sentido, quero discutir questões em torno da cultura surda, da identidade, da alteridade, da pedagogia de diferença, da pedagogia dos surdos, da língua de sinais, entre outros.

Portanto, os Estudos Culturais possibilitam uma leitura e entendimento das diferentes estratégias culturais em relação as posições de poder nos campos de luta. Neste campo teórico há a possibilidade de analisar a produção de significados dos professores surdos, situados em diferentes posições de poder. Estes professores surdos lutam por uma educação melhor. Desta forma me valho deste campo teórico para discutir a pedagogia dos surdos para investigar uma variedade de observações relacionadas a educação de surdo. Ele me possibilita transitar pelos seus labirintos. No entanto, a seguir vou enveredar pelos Estudos Culturais?

1.1. Estudos Culturais: A ênfase dos territórios de Estudos Surdos

Os Estudos Culturais são estudos cuja discussão teórica se ocupa de cada cultura e investiga⁹ o que envolve seus espaços . Dentro de contexto de Estudos Surdos os Estudos Culturais enfocam os aspectos culturais dos surdos, as relações de poder entre sujeitos surdos e sujeitos ouvintes. Estas relações de poder resultam da conquista do espaço surdo, e como de tais relações nascem processos de resistência contra as práticas ouvintistas e de hibridação cultural que levam à idéia de universalização identidades.

O surgimento dos Estudos Culturais foi uma invenção britânica, no sentido de entender por que algumas culturas orgânicas desapareciam. E hoje, na sua forma, transformaram-se num fenômeno internacional. Eles se interessam entre a investigação

fossem ouvintes. É nessa prática, justamente, em que muitos surdos se vêem a si mesmos como deficientes, incompletos, pseudo-ouvintes, etc. (Skliar, 1998,p.15)

⁹ Thompson explica que os Estudos Culturais surgiram no momento em que se propuseram a investigar o desaparecimento de uma cultura sendo substituída por outra menos rica de valores culturais. (2005)

e as formações culturais, onde elas se desenvolvem, onde devem ser vistas tanto sob o ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob do ponto de vista teórico, para construir um campo de estudos. Do político, podem ser visto como correção política, identificada com a política cultural.

Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social. (Silva, 2002: 134).

Da teoria, reflete-se a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então a interdisciplinaridade, como reflete Hall: “Os Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade” (1980, apud Escosteguy, 2004, p.137)

Ao surgir este campo teórico, mostrou-se a grande importância da cultura e, conforme segue o texto:

Este campo de estudos surge, então, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra de pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, “As utilizações da cultura” (1957) Richard Hoggart funda, em 1964, o Centro. Este surge ligado ao departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação dessa mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa. (Escosteguy, 2004, p. 138)

No contexto desta dissertação, pois estes dão suporte teórico às pesquisas relacionadas aos espaços culturais, militância, relações de poder que estão nos processos culturais. Os Estudos Culturais também fornecem base argumental que os próprios movimentos culturais podem se valer deles. Em conformidade com estas possibilidades, a pedagogia dos surdos se vale destes estudos para fazer investigações e também examinar as relações de poder.

Dentro do contexto de Estudos Culturais há dois pontos de vista. Primeiramente a parte de ponto de vista político. Nela refiro-me ao descentramento dos surdos das posições ouvintistas que estão em vários lugares. Eles articulam, dessa forma, as lutas

políticas para defender a educação que nós surdos queremos, principalmente aquela que contempla professores surdos e uma construção da pedagogia dos surdos. Pedagogia esta pela qual os Estudos Culturais demonstram que nós surdos somos outros na nossa alteridade, que apresenta a nossa diferença. Em segundo lugar, como esta teoria pode mostrar a realidade da identidade do professor surdo, que a enfatiza e por outro lado, refletir a insatisfação dos professores surdos que estão sendo dominados pelo ouvintismo. Nisto já se percebe na leitura de vários autores como Stuart Hall (1997); Bhabha (1998); Carlos Skliar (2003) entre outros autores. Estes podem despertar os leitores que desconhecem a cultura dos surdos e o processo pedagógico dos surdos. Isto contrasta com a modernidade onde a maioria só se preocupa em oralizar os surdos, em ensinar o português para que eles sejam ‘normais’ ou que acompanhem uma universalização ouvinte. Para a escritora e pesquisadora Thoma:

[...] as marcas da normalidade e o discurso médico terapêutico são constituidores do sujeito surdo como patológico, doente, como um sujeito a recuperar. (...) a língua de sinais é vista como uma possibilidade de mediação dos surdos com a oralidade e não como uma produção cultural legítima. (2004, p.59).

Na medida em que percorri o referencial teórico até o momento, de fato, noto que os Estudos Surdos são evidentes e se tornam realidade dentro do que vem sendo chamado de Estudos Culturais. Isto rejeita as questões de anormalidade, deficiência, falta, visão clínica e que, de outro lado, pode-se discutir pontos de cultura, identidade, diferença, como sendo outra área. Considero indispensável, pelo menos, um esclarecimento a respeito. Antes de discutir sobre cultura e identidades surdas há necessidade de aprofundar sobre o que são Estudos Surdos. Parece-me certo porque após isto posso passar aos espaços onde os professores surdos estarão mostrando a sua identidades culturais, valendo-me dos Estudos Culturais.

1.2. Estudos Surdos: cultura e identidade surda.

Os Estudos Surdos associam-se como um campo investigativo que têm suas raízes dos Estudos Culturais, pois destacam-se as questões das culturas, das políticas,

das identidades, dos processos de formação dos povos surdos, das práticas pedagógicas, das diferenças e das relações de poderes e saberes surdos. A visão de Skliar & Lunardi já sentenciava:

Os Estudos Surdos em Educação podem ser definidos como um território de investigação educativa e de proposições políticas que, por meio de um conjunto de concepções lingüísticas culturais comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação ao conhecimento e aos discursos sobre a surdez e os surdos nesses estudos. (2000, p.11).

Ao iniciar este processo de explanação e consolidação de Estudos Surdos na presente pesquisa desejo entender que ele está inserido num contexto extremamente novo no Brasil. Eles iniciaram¹⁰ em 1996, num momento em que no contato com as teorias dos Estudos Culturais alguns pesquisadores focalizaram a área de educação dos surdos. Ao penetrar no contexto atual, estou compreendendo as profundas transformações vividas num cenário destes Estudos Surdos.

Estas mudanças em Estudos Surdos estão por aqui em todos os lugares. Elas são dinâmicas pois também Stuart Hall define mudanças em Estudos Culturais como um processo que está “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.(1997: p. 7). A seguir quero exemplificar como há cumplicidade entre Estudos Culturais e Estudos Surdos.

Para compreender este processo de descentralização da identidade do sujeito surdo como indivíduo moderno os Estudos Surdos possibilitam refletir sobre a teoria de Hall. Os espaços teóricos possibilitam ver que o homem pós-moderno está tendo sua identidade fragmentada, abalando a própria idéia que o mesmo tem de si mesmo. Isto permite compreender claramente a identidade surda. Ela se forma, basta que identifique as concepções de homem que existiam há algum tempo atrás, o sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Entendo então como segue, a teoria e como os Estudos Surdos podem ser considerados no contexto dos Estudos Culturais.

¹⁰ Skliar iniciou com os grupos de pesquisadores surdos e ouvintes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.

Mesmo no aspecto do sujeito do Iluminismo que representa um sujeito centrado, individualista. E que com o advento da sociologia como ciência passa a ter a representação de um sujeito que se forma à medida que se relaciona com o outro. Os Estudos Surdos permitem entender o papel do professor surdo que tinha que ser voltado para a perfeição; então esta é a visão de que ser um sujeito ouvinte, falante, então não havia muitos professores surdos, porque eram vistos como sujeitos ‘doentes’ e ‘anormais’ e seres ‘imperfeitos’. Nisto, novamente entendo esta flexibilidade dos Estudos Surdos nas posições teóricas dos Estudos Culturais. Eles se parecem como parceiros a se sustentar teoricamente na mesma fonte.

Prossigo analisando o que acontece em Estudos Surdos com o sujeito sociológico de Hall, que representa um sujeito não autônomo e auto-suficiente. Ele é formado na relação dentro de um contexto de interação entre eu e a sociedade. Dá para refletir e perceber que os professores surdos têm de viver de acordo com o que a sociedade quer, que é a visão clínica¹¹ dos ouvintes. Estes consideram os surdos como deficientes e aceitam língua de sinais, para reprodução da língua oral, seguindo o modelo ouvinte, isto é, ouvintismo.

Finalmente analiso a posição dos Estudos Surdos diante do sujeito pós moderno de Hall. O sujeito pós-moderno por sua é visto como possuindo uma identidade instável, fragmentada, composta de várias outras identidades algumas vezes contraditórias ou não. Identidade essa “formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987: p.13). Os Estudos Surdos indicam que os professores surdos passam por uma transgressão por nova política cultural, tendo o reconhecimento de sua cultura e identidade surda. Daí o campo aberto para a reflexão sobre a pedagogia dos surdos que será retomado mais adiante.

A autora surda, a Perlin, uma das pioneiras em Estudos Surdos em Educação no Brasil, em suas investigações, tem comentado no seu artigo: Identidades Surdas (1998) de que a identidade surda está em construção, em movimento, em constante

¹¹ Esta visão clínica, é uma visão mais específica da área de saúde, onde os profissionais como os médicos, fonoaudiólogos e entre outros, representam os surdos através de graus audiológicos ou seja diferentes graus de surdez (perda profunda, moderada, severa e leve). Muitos deles se referem ao ser surdo como perda de comunicação, como deficientes auditivos, como portadores de necessidades especiais, não reconhecendo os surdos como diferença cultural e lingüística. Esta área se preocupa com aparelhos de audiologia, entre eles implantes cocleares, oralização, treinamento de fala.

transformação e que as identidades surdas se apresentam multifacetadas. Explica que, para representar a identidade surda, há necessidade de afastar-se da visão clínica para uma visão de alteridade cultural, portanto afastando a concepção do sujeito surdo objeto para as concepções do Iluminismo e aproximado o surdo dos sujeitos da pós-modernidade, no campo teórico dos Estudos Culturais.

Hall (1987) salienta que nossa identidade se constrói no interior dos sistemas culturais que nos rodeiam e ali nossa identidade, portanto, é definida segundo Strobel (2006) pela história cultural dos surdos¹² e não biologicamente.

Os Estudos Surdos são esta investigação que permite esclarecer conceitualização da nossa cultura. Daqui para frente quero colocar alguns aspectos teóricos que se encaixam em Estudos Surdos.

Quanto ao termo da cultura, cito o conceito cultural, segundo Silva: “Na teorização introduzida pelos Estudos Culturais (...), a cultura é teorizada como campo de luta entre diferentes grupos sociais em torno da significação”. (2000 p.32). E com a pesquisa em Estudos Surdos ocorre grandes transformações na cultura dos surdos no aspecto da educação, segundo a autora Candau que diz:

De uma concepção reducionista da cultura-que privilegia as dimensões artística e intelectual - passa-se a uma perspectiva mais abrangente (...), em que a cultura é vista como estruturante profundo do cotidiano de todo grupo social e se expressa em modos de agir, relacionar-se, interpretar e atribuir sentido, celebrar etc. (2000, p. 61).

Em vista disto nota-se que a cultura não pode ser aprisionada, reduzida, amordaçada, como seguem os exemplos que farei a seguir.

Na visão limitada, o conceito da cultura identifica os objetos da transformação da natureza pelo trabalho humano, como, por exemplo, os índios brasileiros usam na floresta as roupas típicas feita de penas, armas como o arco, flecha e lanças para caçar e pescar e entre outros, devemos considerar isto a cultura de determinados grupos indígenas. Este conceito de cultura é o ideal? O que entendemos da cultura é que não

¹² A história cultural reflete os movimentos mundiais de povos surdos procurando não ter uma disposição em dar prioridade aos fatos vivenciados pelos educadores ouvintes, nem se tornando uma história das instituições escolares e das metodologias ouvintistas de ensino. A história cultural procura levar através das narrativas, depoimentos, episódios vivenciados e observações de povos surdos, um entrelaçado de acontecimentos e ações, levadas a cabo por associações, federações, escolas e movimentos de surdos que são desconhecidas pela grande maioria. (2006, p. 8)

pode ser confundida somente com as coisas e objetos utilizadas pelos povos e, sim, devemos aprofundar a cultura existente nestes grupos, ou seja, o modo de ver, identificar, transformar o mundo a seu jeito.

Na outra visão mais ampla dentro de Estudos Culturais, a cultura é o espaço que, nos grupos, consiste em compartilhar e acreditar no jeito de estar, de uma forma aceitável em relação aos outros grupos. A cultura envolve, aprender uns com aos outros, relacionar com as pessoas do mesmo grupo. Há também a cultura a partir da visão do sujeito que identifica sua maneira de estar no grupo, sua forma de ver, de transformar o mundo. Em relação a este aspecto de cultura do sujeito, estou citando aqui dados de minha observação¹³ que captei na sala de aula com um dos professores sujeito desta pesquisa, TC (2006): percebi que ele tem aspectos de diferença cultural. Ele fez com que os alunos ficassem em pé em forma de círculo. E daí passou a utilizar a pedagogia visual, usou várias figuras de fotografias constantes de diferentes culturas de vários países. Dispôs elas na mesa para discutir sobre a aula de cultura, basicamente nos aspectos gerais das culturas. Obviamente, há existência de outras culturas, pois a cultura não é homogênea, tem algo a mais que mostra as diferenças entre as culturas, seja a cultura dos surdos, seja a cultura dos negros, dos índios e outros grupos.

Em outra observação na sala de aula, captei experiências de cultura surda, especialmente em relação à identidade. De meu ponto de vista observei que a cultura surda passa por diferentes aspectos. Na minha observação de FF (2006) na sala de aula ele estava lembrando a aula anterior sobre configuração das mãos dentro dos aspectos de Sign Writing¹⁴ em grupo. Após isto se iniciou um novo tópico de discussão, de ensinar o que é ser surdo, escrevendo em Sign Writing no quadro “o que

¹³ Aqui inicio a colocação dos dados da pesquisa.

¹⁴ Segundo a autora Stumpf define: a língua escrita em sinais é como o sistema de escrita para línguas de sinais, denominado SignWriting, foi inventada há cerca de 30 anos por Valerie Sutton, que dirige o Deaf Action Committee (DAC), uma organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla, Califórnia, USA. Sua origem está em um sistema que Sutton criou para notar os movimentos da dança. Conforme as publicações do DAC o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais...O sistema comporta aproximadamente 900 símbolos. Entre esses símbolos, muitos trazem mais precisão à notação dos símbolos gestuais, mas não são indispensáveis à compreensão de um enunciado escrito por um locutor de uma determinada língua de sinais. A quantidade do número de símbolos que o SignWriting coloca para a notação dos elementos manuais revela a complexidade desses movimentos na composição das línguas de sinais. (p.45, 2005).

é ser surdo?”. Logo perguntou a alguns alunos o que é ser surdo? Deixou os alunos se expressarem livremente, explicando o que aprenderam sobre o que é ser surdo, deixou-os falando à vontade. Observei que este professor surdo possui uma forma de ensino cultural, pois se vale da sua própria língua de sinais. Isto facilita a comunicação entre professor e alunos surdos. Isso os deixa com um entendimento mais claro. Percebi que os alunos surdos têm a sua cultura, sua identidade, sabem explicar muito bem em língua de sinais a respeito da cultura surda e suas articulações com o ser surdo. Continuando a observação, notei que o professor surdo interagiu com os alunos e estes ampliaram mais suas reflexões sobre o ser surdo. Algumas de suas sinalizações referem: “O ser surdo tem o seu povo, tem mais experiência visual; exemplo: ver o intérprete na TV, contato com os surdos”. Neste momento uma aluna lembrou: “usamos o visual através das imagens”, possibilitando mais dinâmica à aula.

Na minha observação a experiência da cultura foi bastante apontada entre os professores surdos, especialmente a de caráter cultural, onde sempre identifica sentimentos de prazer de se ensinar através da língua. Além disso, também o caráter construído de experiência visual desse tipo e sua relação com os processos de transgressão foram muito evidenciados.

Os Estudos Surdos são um campo muito dinâmico quando se trata da cultura, das visões sobre a pedagogia dos surdos. Quando aplicados nestes espaços ampliam e dinamizam o ensino cultural.

Para muitos sujeitos ouvintes, que estão longe dos Estudos Surdos, com exceção de alguns, a cultura surda é simplesmente a condição patológica da ‘surdez’. Para estes as aulas se constituem no ensino do português, coisas próprias dos ouvintes, e às vezes com uma comunicação sem possibilidade de interação. O que acontece a representação dos surdos pelos ouvintes falam que a cultura surda são as fofocas, os surdos que gritam muito alto, os surdos que puxam as cadeiras com muito barulho, surdos que mastigam com barulho, surdos que chupam no canudo com barulho, surdos que gostam de cores fortes, surdos que são dependentes dos ouvintes, a comunidade surda como gueto, entre outras coisas.

Isto é uma cultura surda?

Onde está a cultura surda?

Por que não sabem conceituar e valorizar a cultura surda?

Então devo perguntar qual é a base teórica da cultura surda?

Conhecem eles os Estudos Surdos?

Em Estudos Surdos a cultura não é só a questão de ser surdo, a cultura surda envolve muito mais do que isto. A cultura surda envolve valores da língua de sinais, das identidades e da diferença cultural, da pedagogia dos surdos adquiridos ao compartilhar entre os povos surdos. Os surdos têm um jeito próprio de se “virar em” qualquer situação para o mundo já visto, de forma visual e não auditiva.

Segundo a autora Perlin, o conceito da cultura surda, em Estudos Surdos :

(...) é então a diferença que contém a prática social dos surdos e que comunica um significado. É o caso de ser surdo homem, de ser surdo mulher, deixando evidências de identidade, o predomínio da ordem, como, por exemplo, o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos surdos, o carinho para com os achados surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia, etc. (2004, p. 77).

A cultura surda é parte das comunidades surdas: as associações de surdos, lutas de surdos e outros lugares são valores dos povos surdos. Importante é que o mundo reconheça o valor cultural dos surdos que percebo que é imensamente rico e com uma complexidade bastante saliente.

A meu ver, a partir dos Estudos Surdos, alguns aspectos principais da cultura surda se sobressaem nos espaços surdos:

1. Ser Surdo: a subjetividade assume a sua postura com a identidade, cultura, alteridade, o aceitar a si mesmo como surdo, a política das lutas pela diferença;
2. Povo surdo: o grupo onde os sujeitos surdos participam nas lutas políticas, local de nossa cultura, língua e pedagogia, local onde os sujeitos surdos participam de esportes nos campeonatos de surdos, festas, casamentos entre surdos, teatro visual, e diversos eventos;
3. Política com suas bandeiras de luta: a) pelos direitos lingüísticos culturais reconhecidos; b) na educação de surdos e seus aspectos político/educacionais para defender a educação que queremos, c) pelas legendas nos filmes e programas de televisão, d) pelos recursos visuais em lugares públicos, e) pela conquista do espaço educacional adequado, currículo próprio dos surdos, pedagogia surda e outros;

4. Pedagogia: que os surdos queremos; ter a pedagogia adequada aos surdos, implantar uma nova pedagogia da diferença que influa na identidade, cultura, alteridade, língua de sinais e diferença aos alunos surdos para se identificar, do além, de usar o seu jeito de ensinar. Também pensar a formação dos professores surdos.
5. Lingüística: Respeito e ênfase de língua de sinais e de suas variações regionais, haver mais pesquisas científicas e cursos de língua de sinais para comunidade e cursos superiores, etc.

Os Estudos Surdos são o campo investigativo que permite explicar o compartilhamento da cultura. Por exemplo: suponha que um sujeito surdo tenha nascido nos Estados Unidos. Quando o sujeito norte-americano surdo atinge um ano de idade, os pais dele decidem mudar para o Brasil. No Brasil passa a frequentar uma escola de surdos onde aprende em Libras e, interage e adapta-se com os surdos brasileiros; depois de se graduar no colegial, entra numa Universidade e acaba se formando no Brasil. Então devo perguntar se esse sujeito surdo é norte-americano? Por um lado, se ele é de família americana, é exatamente norte-americano, de que forma ele vai se identificar com grupos americanos? Por outro lado, ele comprova que não é um sujeito na cultura surda norte-americana, pois nunca compartilhou qualquer experiência dos grupos surdos norte-americanos. Ele não sabe usar a língua de sinais deles, ou seja ASL. Também não sabe como os norte-americanos se comportam. É claro que não vai resolver nunca sua identidade ou entrar o jeito de ser norte-americano surdo. Então ele é norte-americano de nascimento, mas culturalmente, não é, isto é, culturalmente, ele é um surdo brasileiro.

Os Estudos Culturais ajudam a perceber o termo cultura como uma parte que faz sentido no mesmo grupo através dos valores, raças, crenças, participação política. Estratégias que se compartilham entre os grupos sociais, que no exemplo acima significa que ele seria sujeito norte-americano, mas que se tornou outro. Ele é visto como sujeito que aprendeu e se identifica, e está vinculado aos outros sujeitos surdos do Brasil. Isto denota que é importante descobrir que ele está experienciando na cultura de onde vive.

Os Estudos Surdos permitem ver que, hoje em dia, a cultura surda apresenta um grande valor para os povos surdos que se aproximam aos Estudos Culturais. Eles têm múltiplas maneiras de mostrar a realidade cultural do surdo. Eles atuam na realidade e identificam o que cada sujeito tem em sua subjetividade, o que sente de diferente dos outros sob a estratégia cultural de cada grupo. Quer sejam os surdos, os negros, os índios, etc. Está construída a cultura surda, do povo surdo, e também o valor da língua de sinais. Porém, a língua de sinais não é isto que dizem dela, como sendo inferior para discutir teorias com falta de sinais que as tornam pobre e, sim ela possui padrão como língua independente e capacidades como as outras línguas. Tem muitos valores e ricas possibilidades que fazem parte na lingüística. O uso de língua de sinais é um aspecto na constituição da cultura surda.

Em relação a esta temática dos Estudos Surdos de cultura, um primeiro aspecto a se destacar tem a ver com a observação que captei com o professor surdo FF (2006) na sala de aula:

Ele planejou uma aula com a intenção de que os alunos surdos entendessem as diferenças surdas, valorizando-as. Durante a aula, ele tentou fazer os alunos surdos compreender em que uma identificação de cultura é como uma forma de fortalecer o poder, claramente expresso. Ao se fazer uma comparação do comportamento dos ouvintes e surdos, os alunos propuseram que “o ouvinte tem a sua língua falada e escuta, e o surdo, sinaliza através da língua de sinais com expressão facial e corporal”. Percebendo que os ouvintes não têm movimento de mãos e corpo ao falar, só usam movimento com a boca, e os surdos têm movimento de mãos, corpo, boca ao mesmo tempo, uma aluna acrescentou: “um surdo tem piadas com muita expressão facial e é muito engraçado”. O professor surdo continuou perguntando o que é “cultura surda?”. Apenas ele deixava os alunos explicando à vontade sobre o que eles entendiam ser cultura surda. Captei que eles diziam: “contato de língua de sinais, teatro, o símbolo de placa no carro para os surdos, campanha para os surdos na escola, fax...” Daí o professor surdo continuou explicando que há várias manifestações culturais dos surdos e as comparou nas diferenças entre ouvinte e surdo: “o escutar e o visual; falar-língua de sinais...”. As diferenças são evidentes, mas não há a inferioridade que muitos ouvintes nos atribuem por usarmos língua de sinais.

Os Estudos Culturais são contra subalternizações e os Estudos Surdos têm a mesma tendência. A pedagogia dos surdos está aí, nos Estudos Surdos enfatizados pelos Estudos Culturais.

Outra observação que captei com o mesmo professor surdo refere-se ao que ele explicitou em relação à afirmação da questão de língua nacional e o que se constitui a cultura ouvinte¹⁵. Isto não se constitui como um artefato que atrapalhe o processo de comunicação entre os ouvintes e surdos. A comunicação é possível e pode acontecer num processo que afirme posições interculturais. Envolve dimensões de estrutura, cultura e história, o que supõe uma abordagem diferente, além de sugerir a utilização de estratégias para trabalhá-la no espaço educacional, assim a minha observação:

Professor FF (2006) pergunta: Qual é a primeira língua dos ouvintes?

“Português!”

E qual é a primeira língua dos surdos?” .

“Língua de Sinais!”.

Daí o professor aproveitou usar o contexto: “É fácil de ler os lábios dos ouvintes?”.

algumas palavras!”.

O professor voltou a perguntar: “Por que não conseguem ler tudo?”.

E um aluno sinalizou: “Um surdo ao dialogar com os ouvintes não se sente bem, mas com outros surdos sente-se bem devido a comunicação em língua de sinais”.

Outra pergunta do professor FF sobre a escrita: “Os surdos nunca chegam a escrever tão bem quanto os ouvintes, e as suas palavras ficam com ordem trocada?”

Um surdo sinalizou: “Não tem importância com a língua portuguesa, a produção escrita é diferente devido à diferença das línguas, é muito importante escrever em língua de sinais, seria mais claro para os surdos!”

¹⁵ A cultura ouvinte determina a diferença que se expressa em relação a cultura surda, por ex. a língua falada, o uso da audição, a cultura do som. Os surdos referem-se muito ao jeito ouvinte de “robô”, sem movimentos corporais e faciais e o uso reduzido das potencialidades visuais.

O professor FF concordou com eles, e aproveitou o contexto para explicar a diferença da frase correta para os ouvintes, por exemplo: “Eu chuto a bola” e a escrita surda é trocada, por exemplo: “bola chuta”.

Percebi que o professor FF aconselhou que é muito importante treinar a leitura em português como possibilidade, mesmo que não venham a escrever perfeitamente. Aconselhou a aproveitar agora, antes de entrarem na fase adulta. Exemplificou que eles precisam ter interesse em ler bastante, mesmo com muito esforço para conseguir escrever melhor, sendo que é normal a demora para escrever, imaginando que os ouvintes escrevem rápido devido a facilidade da aquisição da língua.

Os Estudos Surdos devem entender essa questão do professor FF onde a cultura surda é articulada com a questão da identidade surda. Cada surdo tem a sua identidade, no caso, tem a sua construção de identidade. Acredito que cada um deles tem a sua identidade diferente, pois cada sujeito é diferente. Seja as identidades surdas, identidades híbridas, identidades flutuantes, identidades de transição, identidades surdas incompletas, como diz a pesquisadora e doutora Perlin (1998).

CÁPITULO II

DEFININDO A METODOLOGIA: OBSERVAÇÃO E NARRATIVAS

... apesar das análises culturais envolverem uma configuração investigativa ampla, caracterizada pela possibilidade de incursão a variados campos de saber e suas metodologias todas elas partilham o compromisso de examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder.

Grossberg

O interesse em realizar a pesquisa me levou ao contato e conhecimento da metodologia. Esta atitude revelou-se e amadureceu de uma forma que eu jamais poderia imaginar. Com a ajuda da minha orientadora que me fez entender cada vez mais, percebi a riqueza na experiência ao realizar o trabalho de campo buscando os dados da pesquisa.

Pretendo com este capítulo apresentar o processo de construção e realização da parte prática da pesquisa bem como as questões que a nortearam. Busco detalhar aqui como consegui coletar dados para a minha pesquisa sobre *O professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica*

Para aprofundar o conhecimento sobre a transgressão pedagógica dos povos surdos, bem como do professor surdo, escolhi realizar observações e colher narrativas de professores surdos na sala de aula. Ali, na sala de aula é o lugar onde mais facilmente se desenvolve a pedagogia dos surdos, onde tem estratégias da pedagogia,

os espaços de subjetividade, os problemas diários. Trata-se de um espaço que escolhi com vistas a essa metodologia para tomar uma boa reflexão, como a autora Corazza que diz assim:

Ao assumir tal modo de investigar- ambíguo e desconfortável-, é visível que os Estudos Culturais efetuam importantes rupturas nos cânones da pesquisa acadêmica. Porém, Nelson, Treicher e Grossberg (1995) afirmam que a escolha metodológica caracteriza-se como “pragmática, estratégica e auto-reflexiva” (ibidem, p. 9), a qual fica na dependência das questões formuladas; enquanto estas questões dependem de seus contextos materiais específicos e são, necessariamente, conectadas a “problemas sociais e políticos reais” (ibidem, p. 18), tais como os de subjetividade, política, gênero e desejo. (2002, p. 122).

Assim, também, busquei uma nova estratégia para realizar essa pesquisa a partir das narrativas do professor surdo para demonstrar de que tem um novo jeito de ser professor surdo, como a autora Costa que diz:

Mas se essa é uma grande batalha, está longe de ser uma batalha perdida. A história continua, e narra sobre *novos* sujeitos, *novos* movimentos sociais, *novos* gêneros sexuais, e tantas outras identidades quantas os *óculos* deixarem ver, as possibilidades de interpretação permitirem compreender, e a flexibilidade cultural, social e política puder admitir. (2002,p. 18).

Com essa metodologia, mergulhei com prazer e me iniciei na investigação e comecei a batalhar nessa pesquisa. Isto me obrigou a muitas reflexões sobre a pedagogia de surdos, com vistas a enfatizar a existência da pedagogia de surdos no espaço educacional. E também sua presença e respeito dos Estudos Surdos em interface aos Estudos Culturais.

Mergulhei em estudos de várias metodologias para entender melhor como faria a pesquisa. Sei que são muitas formas complexas que estão por todos os lados. Mas me aproximando com a produção do campo dos Estudos Culturais em interface com os Estudos Surdos preciso procurar o campo de pesquisa que ajude a problematizar na prática. Com isto, os aspectos das metodologias escolhidas para mim se apresentam de uma maneira clara ao que se pesquisa. Serve para arriscar a possibilidade de mapear os espaços da pesquisa.

Meu contato com a teoria de Estudos Culturais e Estudos Surdos me fez ampliar e absorver os conhecimentos, somente especificamente nas minhas pesquisas, isso me ajudaria muito mais do que isto.

Ao observar o professor surdo na sua sala de aula me despertou a importância da observação do seu trabalho. Percebi que é possível usar a ótica das observações em Estudos Culturais para realizar análises do seu jeito de produzir a pedagogia de forma cultural, encaixada como está no povo surdo e em sua identidade.

Ao adotar as narrativas, o professor surdo narra a sua profissão, demonstra uma coisa importante para o povo surdo. Percebi que a narrativa dos professores surdos tem possibilidade de refletir com o campo teórico de Estudos Culturais e Estudos Surdos para conseguir entender o espaço dos surdos, principalmente entender o jeito do professor, o que ensina e o que pensa. .

2.1 - O levantamento teórico/bibliográfico

Para construir os capítulos desta dissertação optei por uma metodologia onde eles foram sendo organizados a partir das minhas pesquisas e leituras de livros de diferentes autores em Estudos Culturais. Fiz anotações elaborada quando a orientadora ou os professores ministravam, as disciplinas dos seminários obrigatórios ou não, seminários de dissertação e estudos dirigidos. Compartilhei com os outros mestrandos e doutorandos para buscar as novas pesquisas e leituras de teorias que se associam nos Estudos Culturais sobre: *O professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica*. Aqui aconteceu o despertar de muitas das idéias e opiniões e aqui começa aquilo que permanece como uma coisa de investigação. As investigações me desafiaram a que compartilhasse com os professores surdos as muitas certezas e dúvidas também como produtores de conhecimento. Estou de acordo com a autora Bujes que diz:

[...] “teoria” e própria prática de pesquisa; como, neste exercício, foram se modificando as minhas lentes e como elas, em suas refrações, foram desenhando um outro objeto que se foi ampliando, complexificando e sendo tecido em novas relações, permitindo que uma ordem de novas problematizações fosse “reconstituindo” esse objeto á medida em que eu avançava na investigação. (2002, p. 20)

Tem sido ofertada boa bibliografia sobre os Estudos Culturais na sala do GES. Em tais leituras, consegui realizar análises bastante marcadas sobre as práticas do

professor surdo, neste momento, nas culturas surdas, nas línguas de sinais, nas narrativas, nas identidades, na língua escrita de sinais, nas identificações, nas políticas, nas pedagogias da diferença ou dos surdos e entre outras coisas que estão encaixados nos Estudos Surdos. São leituras onde sou levada a concordar com a identificação do professor surdo que ora se firma.

Consegui decifrar as forças das transgressões presentes nos trabalhos dos professores surdos mais diretamente. As inquietações do professor surdo, mudanças que ele realiza nos currículos, o introduzir e construir a identidade e cultura dos alunos, se identificando como professor surdo, a virada para a pedagogia da diferença, além de tudo, a transgressão pedagógica tudo se manifestou presente com estas leituras.

[...] é preciso frisar, também, que as freqüentes incursões que fazemos a áreas de saber mais específicas, em nossas análises culturais, não devem ser vistas como tentativas de localizarmos nossos estudos nessas áreas; nossa intenção é, apenas, praticar aquilo que os Estudos Culturais nos autorizam-situarmo-nos “nas margens”, viajando no espaço intermediário no qual os limites delimitam, privilegiam ou deslocam um espaço ou uma prática em relação á outra. (Menser & Aronovitz, 1998, p. 90)

Assim, o estudo me fez mergulhar numa experiência para entender a transformação do professor surdo atuando na sala de aula. Percebi que, em educação, estão acolhendo as transformações referentes as culturas, assim como a autora Costa que diz:

[...] ao repensar a experiência formativa da leitura, não se deve tentar determinar sua verdade, mas acolher aquilo que tem impensável e abrir á transformação- para que percorram essa instigante conversação, mergulhando nos seus enigmas e emergindo, quem sabe, transformados e insatisfeitos...(2002, p. 22).

2.2 - A metodologia da pesquisa: Observação e Narrativa

Em relação a metodologia de pesquisa, optei, como disse acima, pela observação e narrativa. A seguir veremos como se desenvolvem estes dois momentos.

Quanto a metodologia da pesquisa escolhi, primeiro, a observação, em relação à pedagogia usada pelo professor surdo, para posteriormente fazer a análise dos dados.

A minha escolha da metodologia de captar a observação se apresenta mais adequada, além de permitir uma melhor adaptação a especificidades do estudo. É de importância observar a prática pedagógica para captar os aspectos culturais utilizados pelo professor surdo. Estes aspectos, são os gestos, as atitudes, as maneiras, os modos de se relacionar, a clareza com que transmite conteúdos e mensagens, as lições que ele dá para o dia-a-dia do surdo.

Selecionei quatro professores surdos pertencentes ao povo surdo e que são experts em pedagogia de surdos, como também muito da pedagogia de surdos se deve a eles principalmente no espaço cultural. No entanto, para esta pesquisa entendo que não fica fora a idéia de que possíveis hibridismos estejam presentes, devido ao professor surdo ainda estar sob em relação de hibridismos. Não há uma pedagogia dos surdos pura. Do mesmo modo, posso, às vezes, identificar estes aspectos referentes à parte do professor que age sob alguns fatores coloniais e também pode identificar estes aspectos referentes à parte do professor que age sob alguns fatores negociações que sempre existirá se as relações de poder permitirem.

A respeito de como entender o processo de pesquisa nas observações. Costa se posiciona:

Pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação. A originalidade da pesquisa está na originalidade do olhar. Os objetos não se encontram no mundo à espera de alguém que venha estudá-los. Para um objeto ser pesquisado é preciso que uma mente inquiridora, munida de um aparato teórico fecundo, problematize algo de forma a constituir-lo em objeto de investigação. O olhar inventa o objeto e possibilita as interrogações sobre ele. Assim, parece que não existem velhos objetos, mas sim, olhares exauridos. (2002, p. 152)

Neste dizer de Costa, a metodologia da pesquisa com observação possibilita interrogações a respostas sobre o objeto pesquisado.

A outra metodologia que escolhi: foi colher as narrativas em relação à pedagogia dos surdos e que estão enfatizando sobre o jeito surdo de se ensinar. A escolha de metodologia apresenta uma possibilidade de contato direto com o discurso do professor surdo. Ela permite os professores surdos se narrarem a partir do que pensam a respeito sobre a pedagogia de surdo. Serve para captar os aspectos culturais utilizados por eles, como eles refletem e pensam a experiência no trabalho na sala de

aula. A partir daí passo a fazer alguma análise das narrativas no texto, trabalhando no campo dos Estudos Culturais.

Para captar narrativas, optei por dois dos professores que narram, peguei algumas narrativas que se associam terem artefatos culturais¹⁶, como também a respeito da identidade, diferença, alteridade e pedagogia de surdos. Entendo que eles se narram pelo jeito que eles querem o seu próprio jeito de se ensinar, do seu próprio pensamento.

As narrativas se revestem, pois, de importância para a constituição deste trabalho.

É importante analisar as narrativas dos professores surdos para entender o que eles querem, mostrar o jeito deles de como ensinam e enfatizam a cultura. Se não analisar a esse respeito, ficará aprisionada a história da pedagogia de surdo. Como Costa diz:

Se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que encontramos, elas serão narradas desde outros lugares, aprisionando-nos em posições, territórios e significados que poderão comprometer amplamente nossas possibilidades de desconstruir os saberes que justificam o controle, a regulação e o governo das pessoas que não habitam espaços culturais hegemônicos. (2002, p. 94).

A partir das narrativas se nota como se transforma a pedagogia de surdos. E se percebe que tem alguns professores que estão produzindo a entrando numa transgressão pedagógica. Captei algumas narrativas dos professores surdos que querem quebrar a pedagogia tradicional que contém a prática dos ouvintes para transformar e fazer acontecer a pedagogia de surdos. Como afirma a autora Costa, “a assertiva corrente é a de que é preciso produzir conhecimentos não só para conhecer a realidade, mas também para transformá-la”. (2002, p. 97).

¹⁶ É um elemento cultural como a cultura, a linguística, a diferença, a alteridade, a narrativa, a política, o povo, a pedagogia, e entre outros que são carregados de artefatos culturais.

2.3 - Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa por mim escolhidos são quatro professores de diferentes posições e subjetividades, pertencentes ao povo surdo. Não me importo aqui com o gênero, sendo se é homem ou mulher nem como os níveis de formação dos professores surdos ou o lugar de que atuam. São sujeitos escolhidos e que atuam de acordo com as posições culturais dos surdos. Isto é, eles são sujeitos que se posicionam culturalmente como surdos e também tem momentos em relação à hibridização cultural.

Minha posição pela escolha dos professores surdos é referente a posição que os quatro ocupam face à pedagogia dos surdos. Interessou-me pouco saber se eles têm uma situação em relação de hibridismos cultural. Sei das condições de hibridismo que acontecem nestas situações e não pretendo deixar isto à margem. Como afirma a respeito Wortmann:

Como assinalam Nelson, Treicher e Grossberg (1995), cabe, mais uma vez, afirmar que, apesar das análises culturais envolverem uma configuração investigativa ampla, caracterizada pela possibilidade de incursão a variados campos de saber e as suas metodologias, todas elas partilham o compromisso de “examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder” (p.11), o que exige um esforço no sentido “de teorizar e capturar as mútuas determinações e inter-relações das formas culturais e das forças históricas”. (2002, p. 77).

Achei necessário anotar, também estes cruzamentos culturais dos sujeitos porque eles me permitirão avaliar até que ponto a pedagogia do professor surdo transgride a pedagogia no sentido de objetivação, como é na maioria das vezes com aquela dos ouvintes e constrói a pedagogia dos surdos. É então que diz Wortmann:

Na perspectiva construcionista assumida por Hall e também por nós, as representações não constituem “um campo passivo de mero registro ou de expressão de significados existentes” (p.47): eles atuam na constituição das identidades dos sujeitos e dos grupos sociais, estando, então, identidade e representação intimamente vinculadas, pois a “identidade é ativamente produzida na e por meio da representação”. Por tudo isso, torna-se necessário atentar, quando da realização de análises culturais, para os diferentes circuitos de significação que integram o que Hall refere ser o “circuito da cultura”- os diferentes momentos e práticas que atuam na construção das identidades, na

delimitação das diferenças, na produção, no consumo e na regulação das condutas sociais. (2002, p. 81).

Acredito que a explicação da metodologia de trabalho do professor surdo é muito importante para entender o desenvolvimento da pedagogia do surdo. Pela observação do trabalho do professor surdo e as suas atividades pedagógicas bem como suas narrativas se torna mais fácil realizar uma melhor análise. Os sujeitos da pesquisa, são professores sob hibridismo cultural ou não, que serão analisados. Isto também, dadas às características específicas e especiais da escola de surdos. A análise permite procurar também a representação da poética e da política ¹⁷ dos sujeitos segundo propõe Wortmann:

Assumir tal compreensão exige, então, que, ao se realizarem análises culturais, atente-se para o modo como o discurso constrói, de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele posiciona os indivíduos nas relações de poder, dimensão que os trabalhos acima citados têm considerado. Por outro lado, admitir isso implica, também, complexificar a noção de representação. Como destaca Hall, em uma abordagem analítica que utilize semiótica, as representações atuam, essencialmente, na produção de significados- a preocupação analítica direciona-se como da representação-, a sua poética; já tem em uma abordagem discursiva, “os significados e as práticas significativas são vistos como construídos no discurso” (1977, p. 45), deslocando o interesse “para os efeitos e conseqüências da representação- a sua política” (idem, p.6). (2002, p. 85).

Realizar análises da pedagogia dos surdos é também entender a partir da negociação dos professores surdos, sua política e sua poética. Esta estratégia está fortemente vinculada às lutas dos povos surdos para encerrar a forma homogênea das práticas dos ouvintes. O professor é que quer transformá-los a partir da sua política para conseguir o espaço dos surdos. Segundo a autora Costa diz: “Segundo essa concepção, trata-se de um processo educativo cujo ponto fulcral reside no fortalecimento do diálogo e da negociação com vistas à capacitação para a participação política nas mais variadas arenas sociais, sejam elas institucionais ou não”. (2002, p. 97).

¹⁷ Poética e Política quer dizer que tem nas políticas de identificação, de construção, de representação, da diferença. Por exemplo: A pedagogia de surdos podem fazer os discursos culturais através da política e também da poética que está mostrando a atitude de nostalgia para que as outras não criam a ilusão nas transgressões.

Em relação à escolha dos professores surdos conforme sua experiência de trabalho, foram observados quatro professores com mais de cinco anos de experiência profissional. Saliento que alguns dos professores surdos escolhidos trabalham em escolas de surdos. Esta presença dos professores surdos tem ampla participação, alcançando espaço nas lutas surdas e na sua própria produção pedagógica. Outros salientam a falta de possibilidades culturais e produções próprias como professores surdos. Por exemplo, alguns deles não conhecem a nova produção pedagógica, nem têm acesso à criação da própria metodologia dos surdos. São mais acomodados e os professores ouvintes entregam a metodologia pronta.

Assim apresento os dados dos sujeitos que identifico como professores surdos e suas estratégias de ensino na sala de aula.

2.4 - Como fiz observações e colhi as narrativas?

Penso agora dizer sobre como agi com esta metodologia.

Escolhi para esta dissertação a metodologia da observação e a coleta de narrativas de professores surdos. Professores que se apresentam com atividades culturalmente como surdos e também outros que tem momentos em relação à hibridização culturalmente.

Eu sei que pode ocorrer algum hibridismo, também nas atividades culturais. Mas meu critério de escolha se baseia em que este professor usa língua de sinais e que se identifica e usa uma metodologia própria do jeito surdo de ensinar, usa a língua escrita em sinais, o que o diferencia de um professor surdo sob influência colonial

As observações, de caráter imediato, colhidas em uma primeira vez e de uma maneira flexível, estavam orientadas a captar os modos de ensinar, sentir, situar-se, olhar etc. dos professores surdos em relação ao ensino.

Registrei com a filmadora, captando ao vivo, em filmes alguns momentos de atividades dos professores surdos que atuavam na sala de aula. Deixei o professor surdo à vontade para que a sua prática pudesse se desenvolver a partir do seu jeito de ensinar, sem a minha intervenção direta. As aulas são em língua de sinais e a filmadora me permite continuamente gravar o que se passa. Não fiz discriminação e com a

filmadora captei professores mais próximos da pedagogia dos surdos e que têm mais avançado nesta prática, têm nas suas lutas, têm a sua identidade, sua cultura de que estão assegurando.

Todas as observações foram feitas no momento em que assistia ao filme. São observações captadas e transcritas diante do vídeo. Quanto à coleta de narrativas captei com a filmadora alguns momentos que os professores surdos quiseram narrar e para as narrativas escolhi apenas dois professores.

A minha transcrição das narrativas não aconteceu de forma global. Escolhi apenas algumas narrativas dos filmes que fiz com os professores surdos. Escolhi esta forma porque me ative ao que considere importante e referente ao foco desta pesquisa.

Sobre a diferença de professores, este fato não acontece somente com surdos, bem como afirma a autora Costa:

Temos hoje, no país, um imenso contingente de professoras e professores que alcançaram um elevado grau de conscientização relativo às circunstâncias políticas, históricas e culturais que degradaram o status de seu campo de trabalho e de sua identidade profissional. (2002, p. 102).

Assim, foi a escrita de minhas observações e coleta de narrativas. Coletei o que senti e entendo. Veio o momento de colocar minha experiência de que também sou professora surda, e que também estou nela, na pedagogia de surdos. Como Bujes afirma de como se capta com lentes próprias:

[...] Tratava-se mais precisamente de buscar me colocar num outro ponto focal, de assumir um outro registro, sair em busca de novas perspectivas. De me educar para olhar de outra maneira aquilo que eu não podia ver senão com as velhas e confortáveis lentes. A questão era problematizar noções tradicionais (e correntes) como *infância*, *Pedagogia*, *currículo* e como tais significados haviam constituído minhas convicções como educadora. (2001, p. 15)

Destas perspectivas por mim colhidas escolhi o que continha significado e coloquei nos muitos espaços desta dissertação. Tudo que coloquei estava constituindo minhas afirmações e certezas sobre a pedagogia dos surdos.

2.5 - O local de pesquisa

Decidi fazer observações e análises de alguns professores surdos nas escolas de surdos, de diferentes cidades e em dois Estados. Optei por locais onde era mais fácil encontrar com os professores surdos conhecedores da pedagogia de surdos.

Na metodologia tive intenção de ir ao local, captando as observações e narrativas a respeito da pedagogia do surdo, principalmente observando como o professor surdo a realiza na sala de aula. Sabia que a tarefa não é fácil, além de trabalhar para produzir as idéias de conhecimento, tive de refletir como os autores Grun e Costa que dizem assim: “[...] Mas talvez o impasse maior resida no fato de que toda nossa formação intelectual edificou-se sobre a idéia de conhecimento como verdade, como certeza, e produzir certezas é, sem dúvida, uma tarefa extremamente responsável...”. (2002, p. 101). Tarefa de responsabilidade com a escolha do local.

Foram observados ao todo quatro professores surdos que lecionam em três escolas em locais diferentes. Três em escolas de surdos, e uma em escola com educação especial. As escolas estão localizadas em cidades na região sul do Brasil.

No Brasil, o local de produção da pedagogia dos surdos é mais próprio no sul. Numa pesquisa, o local é importante, mas é de mais importância a forma de conhecimento, onde se descreve, nomeia, narra, segundo a autora Costa afirma sobre como entender o que é pesquisa:

Pesquisar é uma atividade que corresponde a um desejo de produzir saber, conhecimentos, e quem conhece, governa. Conhecer não é descobrir algo que existe de uma determinada forma em um determinado lugar do real. Conhecer é descrever, nomear, relatar, desde uma posição que é temporal, espacial e hierárquica. (2002, p. 107).

Dentro do contexto local, podemos pensar em uma pesquisa com aspectos mais fortes em alguns locais ou que contém elementos, sejam históricos, e culturais para enfatizar e produzir a pedagogia de surdos. Porém alguns locais também enfatizam o tradicional que está acontecendo nas atividades cotidianas em várias escolas. Pode-se tratar do que o autor Shapiro afirma: “propostas educacionais alternativas que

postulam um currículo centrado nas variadas tradições culturais dos estudantes ou numa pedagogia que leve a sério a cultura cotidiana”. (2003, p.124).

2.6 - Mais alguns dados a mais de minha coleta: atitudes de recepção.

Como citei acima, percorri três diferentes escolas de surdos no sul:.

Em minha chegada à primeira escola de surdos, fui apresentada a todos: alunos surdos em todas as séries, professores surdos e ouvintes, instrutores, monitores, funcionários (faxineiro e secretária surdos). Na escola, vi algo que me surpreendeu, o uso da língua escrita em sinais em todas as portas como wc, sala dos professores, cozinha, gabinete da diretoria, entre outros lugares. Nesta escola me senti como que em outro mundo. Os surdos sabem língua escrita de sinais, têm a sua cultura própria, sua identidade, estavam construindo e aprendendo com a identificação do professor surdo. Entre eles, estavam alguns professores ouvintes que já fizeram seus mestrados e que têm comunicação em língua de sinais. Este, portanto, era um lugar privilegiado para os surdos no qual se tem respeito à cultura e a primeira língua tendo possibilidade de uma forma de ensino sem dificuldade de entendê-los.

Antes de ir para a sala de aula observar o professor surdo, tive a possibilidade de encontrar a Diretora da escola e boa parte dos professores. Sinalizamos sobre a realização do trabalho, sobre o currículo próprio para os surdos, a disciplina de língua de sinais, bem como a inclusão das narrativas e poesia dos surdos, cultura dos surdos, identidade surda, história de surdos e língua escrita em sinais.

Ao chegar à segunda escola de surdos, fui recebida pelo professor surdo, que me apresentou a todos e me levou a conhecer a escola. Fui em todas as salas, e também na sala da diretoria, sala dos professores, dos instrutores, sala de psicologia, sala de informática. Logo depois fui apresentada à diretora da escola. Ela me surpreendeu com a explicação a respeito da escola, e também da história da escola desde a fundação, as muitas lutas que participou. Nesta escola que conheci, tem várias salas de aulas para alunos surdos, de acordo com a categoria de séries de atendimento especial, jardins, ação educacional e de 1º a 8º série.

No meu encontro com a terceira escola da educação especial, a ser observada e onde colhi narrativas, fui recebida pela professora surda, como já tinha conhecido coordenador, alguns professores e alguns alunos surdos. Nessa escola tem uma área de educação especial, com uma disciplina especial. Também trabalhada no ensino médio. Fui para a sala de aula e filmei o professor surdo que dividiu o conteúdo em cinco grupos em relação da cultura e língua de sinais de acordo com a Literatura Surda, Identidade, Sign Writing, CBS (Confederação Brasileiro de Surdos) e FMS (Federação Mundial de Surdos).

Isso me deixou impressionada com essa história da escola de surdos que tem o seu espaço educacional para preservar a identidade dos alunos surdos, que me ajudou a compreender dentro da teoria que se associa nos Estudos Culturais. Como a autora Costa se posiciona: “Toda a teorização corrente sobre a escola, a educação, o ensino, a pedagogia, a aprendizagem, o currículo, constitui um conjunto de discursos, de saberes, que, ao explicar como estas coisas funcionam e o que são, fabrica estas identidades.” (2002, p. 104).

Isto se constituiu ajuda a compreender a partir das análises para a pedagogia de surdos dentro da escola semelhante ao que afirma a autora Costa:

A contribuição deste tipo de análise para a escolarização, o currículo e a pedagogia é inestimável, uma vez que nos alerta para a necessidade de conceber estes campos como territórios de disputa, como arenas sociais em que estão em jogo as próprias identidades. (2002, p. 105).

2.7 - Como fiz a análise das observações e narrativas

A pesquisadora Costa refere as práticas da análise em Estudos Culturais, como segue:

Praticadas nos Estudos Culturais, estudos que se caracterizam por operarem na convergência de métodos e conceitos dos diferentes ramos das humanidades e das artes, como refere Graeme Turner (1996), tais análises ganham importância por darem visibilidade a aspectos e relações não referidas em análises tradicionais, como as que tratam, por exemplo, das negociações ocorridas no cotidiano dos sujeitos, as quais têm, como refere o mesmo autor (idem), inegável efeito e influência em suas vidas. E esse é um dos muitos motivos que nos têm levado a atentar para elas e a buscar praticá-las. (2002, p. 76).

A prática da análise se mostra importante em minha pesquisa pois atenta ao fato de como estarei lendo as observações por mim vivenciadas e praticadas. Esta estratégia me permite enfatizar a pedagogia dos surdos no que ela tem na prática do professor surdo. Constitui-se em uma ferramenta e/ou uma estratégia que movimenta minha atitude durante a análise.

Com a análise das observações e das narrativas em pedagogia de surdos se abrem espaços. Alguns destes espaços são de forma clara, fáceis de identificar, outros, de uma forma inquietante e causam preocupação. Com esta prática de análise nessa dissertação me permito fazer uma pesquisa sobre a prática pedagógica, a realização da mesma com a existência do professor surdo. Prática pedagógica que se produz a partir da cultura, ou seja: língua de sinais, diferença, identidade, narrativa e alteridade. Este aspecto é presente, o mesmo como a autora e pesquisadora Bujes se posiciona:

Portanto, a pesquisa nasce sempre de uma preocupação com alguma questão, ela provém, quase sempre, de uma insatisfação com resposta que já temos, com explicações das quais passamos a duvidar, com desconfortos mais ou menos profundos em relação a crenças que, em algum momento, julgamos inabaláveis. *Ela se constitui na inquietação.* (2002, p. 14)

Para não concluir aqui, devido a ser esta análise um movimento constante nesta dissertação, a sua prática é um dos momentos que são mais salientes. Ela praticamente abre o ritmo, para o encontro da pedagogia dos surdos com sua crescente abertura, ansiedade e apreensões.

Capítulo III

ABORDAGENS DOS ESPAÇOS DA PRODUÇÃO PEDAGÓGICA DOS SURDOS

{...} nós ainda precisamos de uma visão maior do que surdos e suas comunidades são, tem sido e podem vir a ser. Tal visão tem que ser centrada na 'Experiência Surda' e fazer dessa a sua fonte para criar uma teoria para essa nova leitura.

Paddy Ladd.

Neste capítulo quero discutir sobre os espaços educacionais, que são o local instigante que mostra como os professores surdos produzem a pedagogia dos surdos.

E como tudo isto está relacionando às escolas com as identidades culturais?

Como e de que forma as escolas contribuem para a construção das identidades culturais dos surdos? Os espaços educacionais permitem aos alunos surdos sentirem que pertencem ao lugar educacional e não se sentirem como “estrangeiros”? Segundo o pesquisador e autor Skliar: “Os depoimentos de alunos surdos que passaram pelo ensino regular sem uma metodologia específica mostram como eles se sentem estrangeiros e marginalizados nessa situação”.(1998, p. 37) .

E também estes espaços educacionais permitem aos professores surdos que sintam a pertença ao lugar e se sintam “não-estrangeiros”, como aconteceu com o meu pesquisado professor surdo FF que trabalha numa escola de surdos, no momento que estava narrando a sua profissão. Seguem narrativas colhidas com este professor:

Ao comparar os ouvintes e surdos, trabalhava dando aula [...] para os ouvintes, só conseguia ensinar língua de sinais básico como: toque de vôlei,

manchete, água, banheiro, etc... Mas não me comunicava profundamente, sentia muito frustrado, paciência. (2006).

Dessa forma, no contexto, para os campos teóricos dos Estudos Culturais, os Estudos Surdos em educação de surdos, é instigante antes discutir sobre o que é o espaço educacional em que o professor surdo está atuando.

Para um espaço educacional com aspectos culturais a escola se torna mais própria quando é um espaço atraente, que favorece aos alunos aprendizagens em portes culturais. Elas levam ao crescimento positivo da identidade, porém sem ter aquele fechamento, mas que promova uma proveitosa troca intercultural, o desenvolvimento afetivo e cognitivo equilibrado e onde os valores culturais e lingüísticos possam ser cultivados.

E quanto aos espaços educacionais para os surdos, com tendências culturais, é importante perceber que estas escolas diferentes, onde têm alunos surdos em seu sistema escolar, têm uma diferença curricular às vezes próxima, outras vezes distante da cultura surda.

Só que é importante deixar o espaço favorável para que os surdos possam desenvolver a sua identidade surda com a interação entre os alunos surdos e professores surdos. É preciso assegurar espaço à cultura surda em sua presença marcante e não dissolvida, ou seja: nos processos identificatórios do professor surdo com o aluno surdo. Seguindo o exemplo da narração que colhi do professor surdo FF: “comunicava-me normalmente sinalizando, de forma profunda no momento de ensinar aos surdos no esporte, tudo certo, mas com os ouvintes é muito diferente e com os surdos, tenho condições mais fáceis”. (2006).

Com esta narrativa, dá para compreender um pouco mais sobre o espaço educacional dos surdos. Agora, sinto que seria interessante analisar a história da educação de surdos.

3.1. - Retrospectiva histórica do policiamento das fronteiras: escola para surdos x escolas de surdos

Os sujeitos surdos, na história tradicional, eram considerados incapazes de serem ensinados e de aprender, por isso eles não freqüentavam escolas e também não havia espaços educacionais para surdos.

Até fins do século XV as pessoas surdas eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de ter instrução. Assim, os sujeitos surdos privados de seus direitos básicos, ficavam com a própria sobrevivência comprometida.

Como não havia espaços educacionais para surdos e nem para os professores surdos, havia professores ouvintes que ensinavam aos surdos segundo modelos ouvintistas não conhecendo a cultura surda.

Nos séculos seguintes, segundo Lane (1992) não havia professores de surdos com formação profissional, porém os requisitos para serem professores era possuírem boa instrução e serem fluentes em língua de sinais.

(...) quase metade dos professores eram surdos. Não existiam audiologistas, terapeutas de reabilitação, ou psicólogos educacionais e, para a maioria, nenhum destes eram aparentemente necessário. (...) pelo contrário a criança e o adulto surdos eram descritos em termos culturais: que a escola freqüentaram, quem eram os seus parentes e amigos surdos (caso os houvesse), quem era a sua esposa surda, onde trabalhavam, quais as equipes desportivas de surdos e organizações de surdos a que pertenciam, qual o serviço que prestavam à comunidade dos surdos? (1992, p.36)

Em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos em Milão, Itália, houve a votação a favor da exclusividade dos métodos oralistas na educação dos surdos e chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados só através de oralidade e ali começou uma longa e amarga batalha para defender o direito lingüístico cultural dos surdos.

E assim houve dominação dos ouvintes sobre os surdos e no Século XX houve avanços na visão clínica, que faziam dos espaços educacionais dos surdos como reabilitação de fala e treinamento auditivo preocupando apenas em ‘curar’ os surdos

que eram vistos como doentes e anormais e não em educar. Seguindo a autora Reé que diz:

Por quase um século, as línguas de sinais foram perseguidas nas mesmas instituições que supostamente deveriam propagá-las. Mas os códigos não chegaram a ser eliminados, mas simplesmente conduzidos ao mundo marginal, onde sobreviveram graças às contraculturas estabelecidas pelas crianças nas escolas, clã-destinas, rebeldes e cruéis. (Reé, 2005)

No Brasil, em ano de 1855 Eduard Huet¹⁸ o professor surdo francês começou a usar uma metodologia específica para ensinar os surdos, usando a língua de sinais. E ao mesmo tempo ensinava o alfabeto manual que facilita a intermediação com a cultura ouvinte.

Com Huet a língua de sinais foi difundida para todas as regiões brasileiras valorizando e enriquecendo a cultura surda.

Hoje o Brasil possui vários espaços educacionais diferentes: escolas de surdos, escola para surdos, escolas-pólo, classes especiais, salas de recursos¹⁹.

Entre as abordagens no decorrer da história da educação de surdos ainda vigoram hoje o ‘Oralismo’²⁰, e a filosofia ‘Comunicação Total’²¹. Existe ainda o bimodalismo²² que ainda está dentro dos espaços educacionais enquanto os profissionais pesquisam o bilingüismo²³ e começam a colocar essa proposta em prática, segundo as pesquisas desenvolvidas por Quadros:

¹⁸ O surdo Eduardo Huet Francês veio ao Brasil a convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para surdos no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos no dia 26 de setembro de 1857.

¹⁹ Espaços educacionais dentro das escolas regulares.

²⁰ São as técnicas dos aspectos da percepção auditiva, de escuta do som, de leitura labial da língua falada, surgindo assim também o uso de próteses. Visa ensinar as crianças com surdez grave e profunda a ouvir e, conseqüentemente, a falar. Isto, porém, é como uma forma de comunicação imposta aos surdos. Neste método a aprendizagem da língua oral é preconizada como indispensável para o desenvolvimento integral das crianças surdas. Geralmente a cultura surda e a língua de sinais são proibidas, em contrapartida aceita-se o uso de gestos naturais.

²¹ É a comunicação através de uso de língua de sinais e língua oral ao mesmo tempo. Este método segue os sinais gramaticais de português. A comunicação total pode utilizar tanto sinais retirados da língua de sinais usada pela comunidade surda quanto sinais gramaticais modificados com marcadores coloniais para elementos presentes na língua falada, mas não na língua de sinais. “Dessa forma, tudo o que é falado pode ser acompanhado por elementos visuais que o representam, o que facilitaria a aquisição da língua oral e posteriormente da leitura e da escrita” (Moura, 1993).

²² Bimodalismo é o uso de duas modalidades de estímulo como a fala e língua de sinais ao mesmo tempo.

²³ Bilingüismo: É onde as pessoas utilizam duas línguas, por exemplo com os surdos podem usar a primeira língua ou seja: língua de sinais e a segunda língua; a língua portuguesa. Existem vários

(...) Ainda hoje estão sendo desenvolvidos o oralismo e o bimodalismo nas escolas brasileiras; porém, há algo que está aflorando nas comunidades de surdos e isto tem afetado os educadores de surdos. As comunidades surdas estão despertando e percebendo que foram muito prejudicadas com as propostas de ensino desenvolvidos até então e estão percebendo a importância e valor de sua língua, isto é, a LIBRAS. (1997, p. 26)

É importante refletirmos sobre os diferentes espaços educacionais existentes atualmente no Brasil. Eles possibilitam conhecimentos e ferramentas, potencializam as abordagens de uso nestes espaços educacionais por surdos.

Quais os desafios que estes espaços educacionais apresentam aos professores surdos e alunos surdos?

Dentre os vários espaços, citei as fronteiras educacionais que contém características distintas com relação ao meu tema de dissertação, que é sobre a política e poética de pedagogia surda, ou seja, o espaço onde acontece a transgressão pedagógica por parte dos surdos, principalmente do professor surdo. Contudo me deterei em dois espaços: escola para surdos e escola de surdos.

Qual a diferença entre Escola para Surdos e Escola de Surdos? A diferença de ambas é que a primeira nega a identidade cultural dos surdos procurando fazer com que os alunos surdos procurem imitar os sujeitos ouvintes e nos segundos alunos se identificam com a cultura de surdos que motiva a identidade, bem como a língua de sinais e outros artefatos culturais específicos das experiências surdas.

3.2. Escola para surdos

Hoje, mais de um século depois do Congresso de Milão com a imposição do oralismo dentro das escolas de surdos, as mesmas continuam sendo dominadas pelo ouvintismo.

A tentativa de educar os alunos surdos nestas escolas ainda é ligada aos métodos de ensino e aos currículos desenvolvidos para alunos ouvintes. Ainda predomina nas salas de aula a língua dita, ou seja, o português falado e/ou escrito como

momentos em bilinguismo, desde um bilinguismo oralista a um bilinguismo promissor para a cultura surda.

primeira língua. Os alunos surdos neste método sentem dificuldade de compreender os conteúdos e de entender o português e o ensino. Esta metodologia é impotente quanto alunos surdos não têm conhecimento da língua portuguesa, de falar e de ler os lábios.

Para estas escolas, se os alunos surdos conseguem falar e entender o português têm mais chance de terem sucessos. Muitas vezes acontece que os alunos surdos querem falar algo para professores ouvintes e os próprios professores não compreendem o que os alunos dizem, então geralmente acontecem problemas sérios de comunicação na sala de aula.

Numa grande parte das escolas para surdos, o método propõe a preocupação de tentar fazer com que os alunos surdos consigam falar. De fato, estas escolas têm tendência a se transformarem em clínicas de fala, os professores em ‘terapeutas’ e os alunos em ‘pacientes’.

A maioria de professores ouvintes se especializam com graduação na área de surdez com os métodos oralistas. Estes aprendem ainda certos ‘tabus’ em relação à língua de sinais. É como que se ao permitirem o uso de língua de sinais, os alunos surdos desaprenderiam a falar. O mito que a língua de sinais é pobre, que é feio, que forma guetos de surdos, que é uma língua da minoria e, por isto, os surdos devem aprender a língua da maioria que é o português é transmitido. Isto leva a querer que os alunos sejam ‘normais’, assim como reflete a pesquisadora Lopes sobre esta realidade da escola para surdos:

As representações realistas sobre a “normalização do surdo” através da fala, produzidas, também pela escola, confortam os pais de surdos com a esperança da fala e com a possibilidade de as pessoas não perceberem a surdez. A representação do surdo como um doente dificulta a organização política desses para reivindicar seus direitos na escola, na mídia e nos lugares públicos. A identidade do sujeito surdo, sob a ótica da representação realista, busca se adaptar ao seu déficit auditivo e à superação da deficiência por outras atividades chamadas de compensatórias (1998, p.111)

Por outro lado, tem escolas para surdos que se dizem bilíngües, mas na prática não o fazem, como argumenta Kyle: “(...) quando a escola muda sua política para uma abordagem bilíngüe, isso não significa necessariamente que há aceitação real do uso da língua e do contexto no qual esta ocorre. Não implica que a língua seja usada em toda a escola” (1999, p.18-19)

Por exemplo, trabalhei em uma escola em que uma professora ouvinte sem ter domínio de língua de sinais tentava ensinar aos alunos surdos a ler e a falar o português, usando o bimodalismo tornando a aprendizagem dos alunos de forma mecânica, assim como comenta Thoma: “(...) a língua de sinais é vista como uma possibilidade de mediação dos surdos com a oralidade e não como uma produção cultural legítima”.(2004, p.59)

Dentro destas escolas para surdos a língua de sinais é vista como a segunda língua, não se respeitando ou não conhecendo a cultura de surdos

Acompanhemos as reflexões do pesquisador Lane:

(...) a educação constitui, deste modo, a chave para o futuro das pessoas surdas, mas neste preciso momento, na América assim como em qualquer lugar, está longe de habilitar os surdos para se confrontarem com os futuros desafios. Visto que os programas de educação para as crianças surdas não tem tido bons resultados no ensino do inglês, do qual, ainda hoje, depende a capacidade de aprendizagem, os programas de educação já há muito ministrados e que recorriam à linguagem gestual para instrução dos surdos, reentram agora em vigor. (1992, p.123)

Nestas escolas para surdos, muitos professores não são fluentes em língua de sinais, só se preocupam em ensinar o português como a primeira língua. A maioria vêem os alunos surdos como ‘deficientes’, fazendo o trabalho como assistencialismo. Contudo, a maioria dos professores de alunos surdos dão mais atenção a trabalhar através da audição e da fala, ao invés de tentarem preencher necessidades das informações através da experiência visual usando a língua de sinais.

Assim como a pesquisadora Quadros argumenta:

Nas tessituras das propostas atuais de educação de surdos, encontramos muitos indícios desta postura: a língua de sinais é vista como secundária. Os surdos politizados já não aceitam mais isso e, portanto, implementam um movimento de resistência ainda no sentido de subtração, uma vez que o movimento é de oposição. (2005, p. 31)

Como tal postura que se impõe à nossa subjetividade, em nome de uma objetividade pode ser útil, uma vez que nem a língua, nem a identidade, nem nossa cultura são favorecidas? O que temos, segundo Quadros, são minimalismos concedidos diante dos quais somente podemos fazer oposição, transgressão.

3.3. Escola de Surdos

Ao comentar sobre a escola de surdos faz-se referência a algo inovador, ou seja algo que traz à luz as nossas lutas como povos surdos para termos escolas de surdos, para termos uma pedagogia que possa legitimar nossas culturas, pelo uso da língua de sinais.

Acontece a afirmação da batalha do povo surdo por uma escola de surdos marcada por transformações pedagógicas no que se refere á educação que nós queremos.

Dentro de um contexto relacionado ao povo surdo, que está afirmando a batalha dos professores surdos para conseguir a pedagogia, o espaço dos surdos, colhi a minha observação do professor surdo FF (2006):

O professor surdo perguntou: Onde está o povo surdo?

Os alunos responderam-lhe: Na Associação.

E o professor explicou que está certo e continuou: - Imaginem, na escola inclusiva acontece os povos surdos? Não é o povo surdo porque não tem cultura, identidade e, sim, a escola de surdos porque tem professores, funcionários, crianças e adultos surdos que constroem cultura surda.

Um aluno lembrou que tem uma funcionária que é surda,

O professor o corrigiu dizendo que não é surda, é apenas parcial porque nunca foi crescida com os surdos, usava oralismo, sendo que ela ouve um pouco, não tem uma identidade surda definida, ela está um pouco confusa.

O professor continuando a aula se aproveitou desta situação de uma forma informal. Disse que é muito importante estar nos povos surdos, na associação nos momentos em que não estiverem em aulas, aproveitarem estes momentos para praticar esportes, aprender com os mais velhos por causa da sua experiência e também é importante conhecer os surdos em vários estados, isso é povo surdo, a nossa cultura.

E assim os professores surdos têm um outro olhar sobre as práticas em que a escola de surdos insere, no currículo, as manifestações das culturas surdas: tais como pintura, escultura, poesia em língua de sinais, narrativas de estória em língua de sinais, teatro visual, história cultural de surdos, sign writing e outros. Seguindo sobre professor surdo, a pesquisadora Quadros que diz:

[...] Com base nisso, a questão da língua passa a ser também um instrumento de poder nas relações com as crianças e alunos surdos. Sendo a língua de sinais brasileira a língua de instrução, os professores (e/ou instrutores surdos) são os que mais dominam a língua. Quando são professores, são mais indicados para garantir o processo da língua (2005, p.31)

E também quanto ao professor surdo que se sente bem em ensinar através da língua de sinais aos alunos surdos, ele também se preocupa com a disciplina, porém tem a mesma cultura no espaço educacional, sendo que é diferente do outro espaço. Segundo a narrativa que colhi do professor surdo FF (2006):

Eu me preocupava com a disciplina de Língua de Sinais porque os alunos surdos não tinham cultura, identidade. A medida que ensinava, consegui ver se desenvolver. E ensinava língua escrita em sinais, também e desenvolveu por isso sinto melhor em ensinar aos alunos surdos. Não dava certo ensinar aos ouvintes. Havia um pouco mau entendimento língua de sinais simples. E mais fácil ensinar aos surdos, seria mais fácil e mais claro para entender a comunicação. E percebi que os professores ouvintes são diferentes, mas se os professores ouvintes têm fluência em língua de sinais, podem dar aula, mas maioria precisa aprender melhor em língua de sinais. Assim seria mais fácil de contatar com os surdos. Mas o ideal é o professor surdo porque é a mesma língua.

E assim, a educação está sendo mais bem sucedida, buscando os professores surdos profissionais que estão crescendo cada vez mais. A formação pedagógica surda está acessível ao povo surdo e, em alguns lugares, a língua e cultura dos surdos tendem a ser mais valorizadas. É importante ter as relações de pertencimento nos professores surdos e ouvintes mas o ideal é o professor surdo e também pode relacionar com o outro que também é fluente na língua portuguesa, mas se os professores ouvintes são fluentes em língua de sinais, também podem dar aula.

Portanto, no passado os surdos fomos considerados como sujeitos ‘doentes’ que não podiam ser educados. Depois de tantas reviravoltas, dificuldades e batalhas dos povos surdos contra as práticas de ouvintismos nas escolas para surdos, hoje tem o reconhecimento de diferentes espaços educacionais, identificando práticas pedagógicas

surdas diferenciadas que concorrem para a aprendizagem dos alunos surdos, então os povos surdos apelam e procuram conquistar espaços em educação cultural, que seria escola de surdos com professores surdos.

(...) A sua história como surgiu ocasionalmente nos manuais de ensino para professores de estudantes surdos elogiava os professores ouvintes de surdos, tais como, Thomas Gallaudet Mas a história dos surdos quase nunca lhes é ensinada, visto que tal fato seria um passo para a legitimação do modelo cultural do modo de ser e de estar dos surdos; os adultos surdos aprendem hoje a sua história com surpresa e prazer. (Lane,1992, p. 40)

Nossa história, nossa língua, como assinala Lane, foram amordaçadas. Nunca tiveram vez e para nós cada momento de contato cultural representa hoje o prazer proibido, negado no passado. De tal forma que nossas coisas se tornam nostálgicas daquelas coisas culturais do passado.

Isto acontece ao contrário do passado onde se realizou a história do espaço educacional, sendo, que hoje, na escola de surdos isso acontece de uma forma tão diferente e os professores surdos querem ter a disciplina de Língua de Sinais no currículo. Isto para assegurar a educação cultural e fortalecer as relações de poder entre os professores surdos. É então que colhi a narrativa do professor surdo FF (2006), que lutava muito e viu realizar seu sonho em ter uma disciplina de língua de sinais no currículo.

Sonhava há quatro anos atrás em ter disciplina de Língua de Sinais dentro do currículo para ensinar a cultura, história, poesia, narrativa, língua escrita em sinais, classificador, identidade de surdos. Percebi todos os alunos não tinham a sua identidade própria, cultura própria por isso resolvi lutar para conseguir uma disciplina de Língua de Sinais e se realizou o seu sonho. Percebi que a escola está desenvolvendo muito, e no futuro as escolas precisam lutar para conseguir a disciplina. Mas nas escolas da inclusão não é muito bom porque o currículo é próprio dos ouvintes, não sendo adequado a identidade dos alunos surdos. Onde está a cultura? Onde está a identidade de surdos? Resolvi lutar para conseguir uma escola própria para os surdos para recuperar a identidade e cultura dos surdos. E acredito que todas as escolas podem voltar a ter seu próprio currículo educacional que leve a respeitar os povos surdos. E como se fosse respeitando aos povos indígenas o seu direito. Mas estou preocupado muito com a inclusão devido ao poder a favor das praticas ouvintistas, Então, os surdos precisam ter movimento,

devem lutar para conseguir as escolas de surdos no Brasil e têm muitos surdos do CEJA - Centro de Estudos Jovens e Adultos – que largaram para estudar numa escola de surdos.

É muito importante ver a narrativa do professor surdo, que pode modificar a identificação do professor surdo que sofre a dominação dos ouvintes. É uma parte da política cultural da auto-representação, reconhece o seu valor para demonstrar a sua própria identidade, o exercício de seus direitos, e que não deve ser objeto de nenhuma forma de discriminação, o que necessariamente implica o respeito dos professores surdos e assegurar o reconhecimento do professor surdo na proposta da educação de surdos. Esta proposta inclui a cultura; manter suas formas de organização, de representação, adaptar-se às realidades da vida surda, culturas e identidades; manter e usar a língua de sinais; solidificar os povos na área onde vive, participar nos programas educacionais; políticos e assegurar que os povos surdos possam manter a propriedade de seus mundos e das coisas naturais a que tem direitos educacionais.

Outra questão feita pelo professor surdo que captei na sala de aula, procura entender a importância do espaço educacional. Está fortemente marcada pela visão da cultura surda, pertencente a pedagogia de surdos. Na perspectiva dos Estudos Culturais, suas realidades e histórias se transformam, se solidificam. A minha observação que captei do professor surdo FF (2006) na sala de aula é esta:

O professor surdo perguntou aos alunos: - Na escola de surdos precisa o quê?

Resposta dos alunos surdos: Professor surdo.

Voltou a indagar: Na escola regular precisa o quê?

Intérprete.

E nas universidades só há professores ouvintes, precisa o quê?

Interprete.

O professor surdo prosseguiu: - Isso seria mais fácil para os surdos comparando com a diferença dos ouvintes.. Perguntou então: - O que tem de diferente na educação de surdos e na educação de ouvintes?

Um aluno perguntou se o sinal “Educação” significava “comportamento”

O professor surdo explicou claramente a diferença do significado de educado (comportamento) e Educação (Ensino), sendo que esta diferença na língua de sinais não é notada, mas é dada pelo contexto,

Continuando a explicação da diferença da escola de surdos e da escola especial, o professor usou muito bem desta estratégia, porque a escola dele é especial, mas mesmo assim explicou que ela faz parte do governo devido a questões políticas. Só que continuava a favor da educação de surdos, orientando os alunos brevemente que

eles podem estar lutando para conseguir um lugar na educação de surdos. Vivia perguntando através do contexto, numa conversação informal sobre os surdos explicando a respeito da educação para os surdos.

Continuou perguntando: Qual foi a primeira escola de surdos no Brasil?

Todos lhe responderam certinho: INES.

E quem o fundou? Perguntou o professor.

Os alunos repetiam: o Eduard Huet.

Daí o professor foi relembando a história da França e continuaram conversando sobre a história dos surdos.

Portanto, é importante o surgir destas interações entre os professores surdos e alunos surdos dentro do espaço educacional. Coisas que dificilmente acontecem no espaço tradicional. Dá para conhecer e respeitar a importância da cultura surda, e também para entender de que forma os professores surdos se transformam e transformam a educação de surdos. Através do seu jeito de ensinar, de se expressar, de se comunicar, afinal, a mesma cultura, a mesma língua e muito mais do que isto, a cultura surda dentro de um aspecto que também parte da subjetividade do professor surdo.

3.4. Relações de poder: Professor surdo X Espaço educacional

Os Estudos Culturais enfatizam as relações de poder dos povos surdos, culturas, pedagogia surda, identidades surdas e outros que resultam de conquista de seu espaço educacional que resistem contra ouvintismo, como afirma Giroux: “Como podemos construir um discurso que elimine os efeitos do olhar colonizador enquanto ainda estamos sob sua influência?” (1999, p.32).

Como vimos dentro do contexto histórico da educação de surdos no subcapítulo anterior, as relações de poder estão mudando nos espaços educacionais e as práticas educacionais também. Pois, devido aos apelos de povo surdo com as mudanças, não podemos mais pensar e nem praticar a pedagogia surda na forma de ouvintismo.

Assim estão surgindo relações de poder entre os professores, e se defende o respeito na relação dos professores surdos, conforme o professor Fleuri:

Uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre as pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações estas que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos- legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão- são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções. A perspectiva intercultural de educação, enfim, implica mudanças profundas na prática educativa (...) pela necessidade de oferecer oportunidades educativas a todos, respeitando e incluindo a diversidade de sujeitos e de seus pontos de vista. Pela necessidade de desenvolver processos educativos, metodologias e instrumentos pedagógicos que dêem conta da complexidade das relações humanas entre indivíduos e culturas diferentes. E pela necessidade de reinventar o papel e o processo de formação de educadores(as). (2000, p. 78)

Há disputas e conflitos dentro do espaço educacional referente aos surdos, porque a escola para surdos está habituada à cultura ouvinte que não utiliza o currículo das manifestações das culturas surdas. Então a cultura é o principal campo ‘de briga’ em torno da formulação e da fixação de significados sobre as identidades surdas, pedagogia surda e língua de sinais. Almeida nos diz sobre a língua de sinais em terras americanas:

(...) através da proibição de seu uso nas escolas para surdos. Surgiram, então campanhas políticas contra a língua de sinais, ainda que não baseadas nos desejos dos surdos. (...) Enquanto os surdos, desordenadamente, brigavam pelo uso da língua de sinais nas escolas para surdos, os ouvintes dividiam a questão em cultural e familiar. Finalmente, a campanha contra a língua de sinais foi um imenso sucesso, eliminando-a das escolas americanas. (2000, p.3)

Dentro da cultura surda o fator principal é a língua de sinais, que é vista como um processo simbólico através do qual a realidade é produzida, reproduzida e transformada.

Então, para atuar como professor surdo, é necessário que ponha em jogo as maneiras de ensinar e produzir, as trocas de manifestações culturais e lingüísticas com os alunos surdos.

Assim, o professor surdo ao produzir suas manifestações culturais através das posições de poder dentro do espaço educacional, é orientado pela influência dos professores surdos líderes em sua identificação. Estes querem conservar a cultura, a língua de modo a ser valorizada. Segundo diz Quadros:

Desse modo, os surdos sonham com espaços em que a língua de sinais seja a língua de instrução, em um ambiente cultural e social que favoreça o fortalecimento das heranças surdas para a consolidação de um grupo que se diferencia a partir da experiência visual.(2006, p.35)

Isto reflete a importância dos professores surdos no espaço educacional através das relações de poder. Isto concorre para mostrar o que é capaz de produzir o seu jeito de ensinar, construir cultura, identidade, pedagogia da diferença, além da transgressão pedagógica que acontece.. Noto que é um poder que dá o direito a ser povo, cultura, identidade.

E quanto à reflexão sobre a importância do jeito do professor que se ensina e se produz pelo seu próprio pensamento através do poder, como afirma Ewald, o efeito desse micropoder é a “produção de almas, produção de idéias, de saber, de moral”. (1993, p. 28).

E também conforme o autor Veiga-Neto:

Esse entendimento relacional de poder aponta no sentido de, para usar uma redundância proposital, “conduzir as condutas”: de si mesmo- do próprio corpo, suas atitudes, gestos, comportamentos, vontades etc.- e dos outros. Nesse sentido, então, o poder diz respeito menos ao enfrentamento e afrontamento entre adversários do que aos governamentos, de si e dos outros. (2004, p. 148).

Questiono: quais significados os professores surdos querem produzir nos espaços educacionais?

Pretendo comentar esta pergunta, que inclui a tentativa principal da razão para acontecer a educação que os professores surdos querem. Para isso, é necessário considerar que estamos diante de um argumento, é importante entender que eles querem o seu espaço educacional. Isto para que todos os espaços acolham o sistema educacional devido à diferença. Assim, não quis falar o espaço educacional só para os surdos, mas seriam as práticas específicas, certamente. Isso é óbvio para assegurar a diferença; o sistema educacional para nós, surdos, deveria incluir minimamente a língua de sinais, mas não pode ficar somente na língua de sinais.

E, quanto aos professores surdos que estão buscando organizar o espaço educacional, devem debater sobre a educação de surdos na atualidade. É importante que busquem a formação dos professores surdos. Enquanto isto, discutir para associar aspectos relacionados ao professor surdo e a interação com o aluno surdo e a escola.

Isto para se ter uma explicação já explorada pelos professores surdos a respeito de um ensino que se aplica às necessidades dos alunos surdos. Do mesmo modo em relação à comunicação em língua de sinais, pelo seu jeito de ensinar, entre outros.

Nesse processo, nos espaços educacionais, o professor surdo assumiu sua identidade surda. Isto com suas estratégias pela busca de uma política da atividade educativa. Esta mudança, muitas vezes, não está sendo fácil de organizar no espaço educacional devido à crítica das políticas educacionais do governo e de particulares. Há negociação com as práticas políticas onde a cultura hegemônica é introduzida pelo poder, como o autor Giroux explica:

[...] a cultura é o terreno da política, um lugar onde o poder é produzido e disputado, empregado e contestado, e compreendido não apenas em termos de dominação, mas de negociação. A cultura, nesse sentido, é um espaço performático, um lugar complexo que “abre a estratégia narrativa para o surgimento da negociação” e nos incita a pensar além dos limites da teoria que visa a “transformar a pedagogia na exploração de seus próprios limites” (2003, p. 112)

Em outro sentido, esta estratégia serve para incentivar as relações de poder onde as questões culturais surdas podem ser fixadas. Com o surgimento do espaço de negociação, acontece a formação dos professores surdos e fortalecimento de sua imagem. Desse modo o espaço educacional se amplia, bem como é viável a presença de outros administradores e funcionários a aceitar e partilhar nesta transgressão pedagógica. Ai está a interface das relações entre as políticas públicas de educação, o espaço político por meio do qual acontece a defesa dos interesses dos professores surdos e do povo surdo.

As narrativas dos professores surdos estão suturadas de espaços de disputa e de relações de negociação, através das quais se busca a conservação ou a transformação das transgressões pedagógicas de força na escola de surdos, além da pedagogia da diferença. As atividades das produções dos professores surdos vêm enfatizando a realidade política das escolas de surdos com forças internas. Está surgindo a forma de luta centrada no direito à educação na diferença no seu espaço educacional, bem como a diferença de ser. Segundo disse François Ewald: “E dado que ambos - poder e saber - se articulam (modernamente) com a produção, num corpo que é político, “já não há, pois, que opor poder, saber, produção; são todos os três solidários, revelam do mesmo corpo político”. (1993, p. 56).

Assim, o controle de negociação deve ser entendido como uma forma de celebração política exercida pelos professores surdos e povos surdos em estratégias de luta pelo reconhecimento da diferença cultural, junto às escolas de surdos, e do espaços de educação a ser utilizados. Esta busca de controle de poder acontece não só nas lutas contra práticas de ouvintismos. Mas, acontecem também no contexto geral das relações de poderes, mesmo sendo no sentido de interagir com os cruzamentos, as misturas, as manifestações híbridas.

E o que acontece na história cultural recente a respeito do contato dos professores surdos gera uma nostalgia²⁴ destes princípios. Ao possibilitar o aumento do espaço de poder na educação de surdos por meio das forças de negociação com os professores ouvintes, surgem as transformações pedagógicas que se produzem. Pelo processo educativo estas forças propiciaram o surgimento de relações de poder entre os professores surdos e os professores ouvintes. Sendo os sujeitos ouvintes qualificados diferente, tendem cumprir suas profissões a seu modo. Mas, também estes, têm legitimidade, ou seja, seu conhecimento sobre mundo dos surdos obedece a princípios gerais que orientam o poder político cultural hegemônico. Conforme isto, descrevem estas práticas autores como Giroux e McLaren:

[...] se encontra numa prática em que os educadores e educadoras devem “construir um espaço (...) onde as identidades individuais encontrem significado na expressão coletiva e na solidariedade com outros/as trabalhadores culturais, no qual o tempo eurocêntrico e a ansiedade caucasiana cedam lugar ao momento vivido, histórico, das lutas contemporâneas por identidade”. (1996)

Portanto, os professores surdos não compartilham a idéia da metodologia própria dos professores ouvintes. A noção dos professores surdos não focaliza o espaço educacional de onde vem o jeito do ensino de português para os surdos, como a primeira língua. Estes devem criar as possibilidades de decidir pelas representações de poder as quais nostalgicamente acontecem com a pedagogia dos surdos. O poder político cultural tem como alcançar força suficiente para a tomada de decisões que possam alterar a realidade, provocar as transgressões pedagógicas dos professores surdos no espaço educacional. Isto no momento vivido, no momento histórico e nas

²⁴ Nostalgia quer dizer que uma pessoa tem o seu jeito de pensamento para se produzir, o seu jeito no que se pensa, no seu jeito de estar na poeticamente e na politicamente, no seu jeito de se construir, e entre outros jeitos.

lutas, garantindo que suas decisões e acordos sejam cumpridos. Como as relações de poder são centradas no uso da palavra, os professores surdos conduzem as transgressões pedagógicas conforme seus desejos mais nostálgicos. Estes desejos nostálgicos são de produzir cultura, identidade, pedagogia da diferença, alteridade, além de tudo, soltar as correntes do seu próprio jeito de ensinar.

Tais características dos professores surdos são atualizadas e liberadas mediante reflexões que os Estudos Culturais provocam. Elas incidem nas posições culturais, voltadas a educação de surdos, voltadas para a mediação do contato de língua de sinais, mas com pertencimento de ver, entender, explicar e sugerir rumos a tomar nas negociações com o espaço educacional. Nesse caso, o professor surdo é sujeito de uma intervenção intercultural mais eficiente junto aos professores ouvintes em relação ao espaço educacional dos surdos. Ele ultrapassa os interesses individualizados de cada sujeito ouvinte e conduz ao sujeito cultural ouvinte. Ai está a dinamicidade desta transgressão praticada pelo professor surdo. Vale a reflexão do grande pesquisador Veiga-Neto: “No interior das relações de poder, todos participam ativos.” (2004, p. 143).

Assim sendo, a relação entre os professores surdos e ouvintes pode levar ao debate que acontece nas relações de poder através da discussão, escuta e reflexão da metodologia, do conteúdo cultural e da prática de ensino. A partir do currículo próprio dos surdos, se observam as mudanças que estão acontecendo. As transgressões do professor surdo batalham no currículo de surdos, devido que o currículo está ainda na metodologia ouvinte. Então conforme a reflexão da relação entre os professores dentro da pedagogia como diz o autor Fleuri:

Assim, as relações entre os diferentes sujeitos, que agenciam relações entre suas respectivas ópticas e éticas, constituem-se como o próprio lugar do aprender (e requerem o desenvolvimento de uma pedagogia do acolher e do escutar o outro). (2003, p. 65).

Esta reflexão de Fleuri enfatiza a transgressão pedagógica do professor surdo e suas perspectivas acontecem nos cruzamentos nas relações de poder através do sujeito de que tem conhecimento, da sua produção. A transgressão provoca a uma não prática do ouvintismo. E o que já está nos cruzamentos dos sujeitos dentro do espaço educacional. Com isto surgem novas relações de poder na representação do que vem a

identidade cultural surda. Seguindo a reflexão sobre as relações de poder ao se produzir pelo seu próprio pensamento como afirma o escritor Foucault:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo de relação de poder. Essas relações de poder-saber não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. (1989,p. 30).

Enfim, é muito importante a relação com o poder-saber do professor surdo, respeitando sua identidade e sua busca de uma nova visão do espaço educacional como produção e reprodução. Todo este espaço de poder-saber cabe com a tendência a buscar a resistência contra a prática dos ouvintismos, a nostalgia pela pedagogia da diferença, o assumir a sua postura de identidade, o seu jeito de ensinar, a subjetividade construída através de um contexto educativo. Conforme o autor McLaren:

Subjetividades são construídas na forma como se organiza o espaço, o tempo e o corpo, e na forma como a linguagem é utilizada tanto para legitimar como para marginalizar diferentes posições subjetivas (...), produzindo identidades, desejos e necessidades. (2000, p. 28)

Entendo que falo de um caminho a ser percorrido por muitos professores surdos. Personagens esses que se interrelacionam num cenário de interdependência. O que pretendo considerar é a estimulante busca, por parte de cada um deles, provocada pelo papel na luta pela educação de surdos e não para aquilo que os ouvintes identificam como educação para surdos.

Seria ingenuidade considerar que apenas as inserções de indivíduos surdos em sala de aula de ouvinte seriam suficientes para a melhora da educação de surdos? Como já vimos anteriormente, o currículo mexe com o momento da identidade deste indivíduo e carrega a representação de sua visão social através do discurso pedagógico. É um fato possível e presente em muitas instituições o indivíduo surdo que desenvolve e perpetua a pedagogia ouvintista que traz um processo de manutenção da política

paternalista e assistencialista. Culpar os surdos pela irresponsabilidade ou pela preguiça também é artifício frequentemente observado na cultura hegemônica. É extremamente necessário, no entanto, entender que enquanto a atitude de rebelião cultural, de inconformismo perante a situação em que se encontra o surdo, a não aceitação da realidade social pode ser considerada por muitos como inatas ao ser humano, como rebeldes à socialização, estas posições dominantes têm dificuldades de entender que os meios, a forma, as estratégias de organizar os alvos de modo que possam ser aceitos e aplicados é também um legado cultural dos surdos. Além do mais não se pode lutar por algo que não se conhece, não se entende, e não se acredita ser possível. A educação dos surdos tem nos levado a entender que o que recebemos no legado cultural é exatamente o que nos identifica, afirma nossa diferença e nossa alteridade. Concorre a nossa condição, nosso jeito, nossa eficiência surda. Rousseau definiu a “gênese do conflito social” da “propriedade, no momento” em que o indivíduo aceita a assertiva do outro de que “a terra lhe pertence”. Para meu entender, o surdo aniquila seu desenvolvimento educacional quando aceita que o que é lhe oferecido pela outra cultura é o bastante para a sua condição. É claro que não posso contradizer-me ao afirmar generalizando que isso ocorre com todos os indivíduos surdos, pois estaria nos nega o que acredito ser nossa bandeira na busca de uma educação cultural, a capacidade ilimitada da cultura surda, potencialmente e alcançável ao indivíduo surdo. Muitos sujeitos colonizados nestes espaços percebem a opressão quase sempre tardiamente, e se rebelaram contra ela. Mas a forte estrutura de coerção social e a organização institucional já estavam preparadas para o alta/baixa, boa/má cultura que vai coibir o status de si mesmo. Coube nós, aos mesmos surdos isolarem nos mundos em que permitiram ter e transformar apenas os espaços em que foi permitido cultivar, sempre na presença das múltiplas cercas ouvintistas frequentemente vigiadas por sentinelas da opressão. A muitos, no entanto, coube lançar sementes para fora das cercas, sementes essas que se transformaram em pequenas árvores que aos poucos vão se desenvolvendo e dando frutos.

Portanto o caminho que vislumbro para o professor surdo está em ainda sair do espaço delimitado pela cerca. Muitos dos que estão de fora, cresceram fora dela, e não podem brigar por algo que não conhecem, que não viram, que não sentem, por uma terra em que não viveram. Cabe a estes serem guiados por aqueles que saem da cerca e

buscam transformar a realidade fora dela, muitos neste meio caminho são engolidos pela “inclusão deformadora” que consegue fazê-los acreditar que foram aceitos num cenário de liberdade coerciva, rapidamente aprendem as fôrmas em que deverão trabalhar, e as pequenas cercas onde podem lançar seu ideal. Cabe a eles alojá-las ali, ou voltar para seu terreno livre rodeado pela “grande cerca” ou o “grande irmão”.

Então, o que acontece no processo reflete a realização de um tipo potencial do professor surdo dentro de um espaço educacional, como o sujeito dos povos surdos, enfatiza sua diferença, sua identidade, sua cultura, sua capacidade da experiência visual de definir os rumos da sua própria história e de conhecimento. A identidade do professor surdo implica direito próprio de ser surdo para ser reconhecido pela que está sentindo na sensibilidade.

CAPITULO IV

A CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA E DA POÉTICA

Professoras e professores que se preocupam com a concretização de uma sociedade menos injusta e excludente precisam pensar urgente e seriamente sobre a política cultural.

Marisa Vorraber Costa

No campo de Estudos Culturais, a representação da política e da poética assumem um espaço de transformação. Elas, como um marco de referências, se valorizam possibilidade da experiência visual que, no caso dos surdos, se valoriza pelos Estudos Culturais como construção cultural. De um lado, a política e a poética têm muitos pontos em comum com o campo teórico, pode pensar e construir às políticas de representação e poética de identificação nos artefatos culturais. No momento, aparecem juntos ao novo processo da representação do professor surdo. Envolvem aspectos de estratégias culturais que se manifestam, bem como a pedagogia da diferença. Sendo que concorrem na elucidação, elaboração para construir a identidade do professor surdo em uma realidade que possibilita criar a sua representação.

Deste modo, as representações da pedagogia dos surdos interferem a partir do produzir a subjetividade do professor surdo e, também, produzem a política e a poética. Isto tem de ser entendido a partir do seu contexto de produção, de incursão nos campos teóricos dos Estudos Culturais. Este é o aspecto de onde se percebem e se entendem os acontecimentos nas lutas, nas escolas, nas associações, nos eventos e no cotidiano de vida seguindo a cultura nacional. Segundo Schwarz, quando aborda a questão da nação:

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos- um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. (1986, p. 106).

A representação do ponto de vista surdo inclui as suas práticas culturais e a construção de identidade por meio de que são produzidos para se posicionar como sujeito. E o que acontece sobre a representação dos surdos na visão dos ouvintes é que eles percebem os surdos como incapazes, subalternos. Há graves consequências desta representação dos ouvintes diante do desempenho educacional dos surdos. Temos representações sobre surdos como: "Surdo Macaco" ou "Olha, um surdo"! Muitas vezes representações não faladas, mas visíveis em um olhar, ou são percebidas no lugar pois existem no lugar de um silêncio profundo. Quantas vezes perceptíveis, e em qualquer lugar que vejo alguns preconceitos ou flagro estes olhares.

Então o que acontece para quebrar a visão e o pensamento dos ouvintes? Depois de lutas e reconhecimento da educação de surdos e da política cultural, começaram a respeitar os surdos e a língua de sinais. Da valorização, surgiu uma representação do sujeito surdo como militante, professor surdo no sentido da nossa experiência e do que somos.

Apesar de ser é entendida na visão dos ouvintes, mas não de todos, tem alguns que continuam a pensar assim até hoje, mas já estamos na luta pela qual podemos tornar possível a nossa cultura. Podemos dizer que é muito importante ter a representação do professor surdo que está no processo cultural e que está na construção de identidade.

Vamos refletir sobre as seguintes questões relacionadas à representação que o professor surdo constrói de si mesmo:

Quem sou como professor surdo?

O que eu poderia ser dentro na escola?

Quem eu quero ser? Sou professor ou eles (ouvintes) me usam?

Para se posicionar, o professor surdo deve ter uma representação de si através da sua política e poética, pois tem a sua própria cultura, a própria língua, a própria identidade, a partir da construção da sua representação de si e de se relacionar com os surdos. O poder da representação do professor surdo está envolvido nas relações de

poder na experiência, na política e poética em que elas são produzidas. Reflete-se como diz Woodward:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (2000,p. 17).

E o que é importante é que os professores surdos é que sejam reconhecidos na luta e na disputa quando estão construindo a sua identidade cultural. O sujeito do professor surdo se enfatiza num contexto histórico, no espaço educacional, para construir a sua representação. O professor surdo está buscando sua representação para autenticar uma determinada posição de poder por meio da luta por ele vivenciada com os outros professores surdos.

A partir da construção da representação que o professor surdo faz, ocorre uma transformação e ele vai se posicionar a si próprio em diferentes posições de que os professores surdos podem expressar pela comunicação entre si e eles a realizam nas rodas de língua de sinais.

Entendo que a identidade é relevante para as pessoas. Que tenham a sua identidade é algo importante. A questão da identidade do professor surdo faz parte, pois é nele que os alunos surdos buscam vestígios para sua identidade surda, se identificando e se aproximando ao professor surdo.

O que se vê hoje em dia, muitos professores surdos têm a sua postura, sua força para transgredir sem fim, há de ir e vir. Porém, o que se vê a cultura surda está por aí, e a tradição nos condena à transgressão sem fim. Por essa razão, poderíamos afirmar que devemos ser uma cultura, valorizar a nossa própria língua. Sempre teremos confronto com a outra língua que é o português, que é como a língua estrangeira para os surdos. Da nossa língua, passamos algum tempo, e partimos para a língua estrangeira, a língua portuguesa. É como se vivêssemos de repente entre fronteiras, a segunda língua está ali e podemos usá-la no momento em que se atravessar a fronteira, onde o tempo, o espaço e o sujeito se encontram. Usar a língua para que a identidade não seja uma prisão, mas que mostre a identidade de que somos para o outro.

Assim se expressou o professor surdo que usava o momento da fronteira entre as duas línguas. Enquanto ele estava explicando através da língua de sinais, ele passou

pela fronteira e entrou no outro lado, no momento em que soletrava a palavra que vem da língua portuguesa. Captei isto pela observação do professor surdo FF na sala de aula (2006):

O que o surdo quer para si mesmo? Implante Coclear - IC, Aparelho Auditivo ou Natural? Logo, os alunos não concordaram com o IC e lamentam muito pela situação do sofrimento dos surdos devido a interferência dos pais, e optaram por serem surdos de uma forma natural, contato com os surdos pela língua de sinais. O professor surdo explicou soletrando com a palavra “ACEITAR” que é muito importante aceitar ser surdo.

É o que acontece na prática dos professores surdos na sala de aula: estão sendo uma transgressão, porque utilizam a sua própria língua, o seu jeito de ensinar, o seu jeito de comunicar, e isso está assegurando a identidade do professor surdo. E, também, tem outra intermediação com língua de surdos escrita em sinais, que surgiu bem recentemente. Ela já está acontecendo na escola de surdos onde que observei. Achei tão interessante observar o professor surdo utilizando esta língua escrita para os alunos surdos. Este uso, de fato, comprova que os alunos surdos se desenvolveram e se entenderam. Seguem as observações que colhi do professor surdo FF (2006):

Na sala de aula, Ele só escrevia usando escrita de língua de sinais no quadro, totalmente ao natural, esperando os alunos surdos copiarem no caderno. Estava escrito em Sign Writing no quadro: Bom Santa Maria, quinta feira, nove junho 2005. E traçou a linha horizontal continuando escrevendo nove junho 2005 com sorriso. E logo perguntou aos surdos se tinham copiado, e com a posição de frente ao olhar dos alunos. E apontou o dedo no quadro num desenho de língua escrita em sinais, e os alunos surdos lerem a escrita de sinais de uma forma natural, sem dificuldade, deixou os alunos fazer e ler os sinais à vontade, sem ficarem dependentes do professor surdo.

No outro momento, quando entra o professor ouvinte na sala de aula, logo os alunos surdos se preparam para o momento da fronteira das duas línguas. Usar a segunda língua, ou seja a língua estrangeira, que interfere no construir a identidade. Os professores ouvintes são muito diferentes, pois, o português não é a língua estrangeira para os ouvintes. É uma língua que interfere, desloca a identidade em vista de ser fronteira para os surdos.

Em minha observação noto que é importante manter a própria língua na sala de aula, que não pode ser impedida qualquer tipo de identidade do professor surdo. É importante formar uma visão do que devia ser assumido em nosso papel de professor surdo. Importa nos darmos conta da diferença para manter a identidade e a cultura. E também é importante respeitar a própria língua (dos surdos), pois é aquela que se domina mais, dado o fato da competência de utilizar a língua própria dos surdos. Para o caso, a língua de sinais com a qual o professor surdo se identifica melhor, o critério para a definição da língua própria que lhe corresponde. É a primeira língua que é normalmente sinalizada, em casa, nas escolas, durante a primeira infância. Então essa primeira língua que se encaixa nas diferenças lingüísticas, que coloca os surdos ligados à identidade; e o que pode acontecer com as relações de poder ganha maior valor.

Portanto, essa representação do professor surdo envolve a celebração de possibilidades através da construção cultural. É uma luta da própria expressão da identidade, na qual permanecem as possibilidades para valores políticos, apesar de construir uma política da diferença enfatizada pelos povos surdos contra a prática dos ouvintismos. É uma revelação de como o professor surdo se representa dentro da pedagogia de que está relacionada às diferenças para buscar a construção e uma representação a partir da identificação com a cultura, a língua de sinais, a alteridade e a identidade.

4.1 – Pedagogia da diferença ou dos surdos

A educação ocupa um lugar estratégico no pensamento dos professores surdos. Ela é a própria prática de que se ensina enquanto se produz o próprio processo de transgressão pedagógica. E segue uma nova pedagogia da diferença, mesmo que, como disse no início, nem todos professores surdos tenham a mesma estratégia. A preocupação em incentivar professores surdos capazes de transformar a pedagogia de surdos que está no povo surdo é sempre presente. Os professores surdos intelectuais traçam os caminhos da pedagogia dos surdos. Hoje, em dia, há uma articulação explícita entre educação e luta política. A educação traz um objetivo em si para

guerrear a ignorância e a miséria, e também, é instrumento de atuação política contra os privilégios, as injustiças e todas as formas de exploração.

Temos claro que nós, professores surdos, já temos condições de entender sobre a questão da ênfase da pedagogia: O que já sabemos e fizemos em Pedagogia? O que se vê hoje em dia, temos condições de saber e fazer? O que poderemos fazer com tudo isso? E, também, temos condições de responder sobre que já aconteceu conosco, o ser surdo. Já fizemos muita coisa e sabemos fazer por nós próprios da pedagogia de surdos? Segue a narrativa da professora surda CH (2006), sua percepção sobre a pedagogia, sua identificação a diferenças pedagógicas existentes :

Vou falar sobre que pedagogia que temos em nossa escola. Formei-me em pedagogia há uns quase quatro anos atrás. Percebi que há muito tempo atrás não tinha nenhuma pedagogia de surdos, não tinha o que especifica a educação de surdos para saber ensinar aos alunos surdos, estimular os surdos e entre outras coisas. Isso que eu me preocupo, a educação de surdos no Brasil e, também, principalmente nas cidades do interior, porque percebi que a pedagogia aqui na minha escola, é igual a pedagogia dos ouvintes, segue sua pedagogia normal e não especifica sobre o surdo como a pedagogia própria, ou seja com identidade surda, como aprender é igual aos dos ouvintes.

É outra observação que fiz no sentido da pedagogia que o professor surdo estava usando na sala de aula onde demonstra a sua estratégia pedagogicamente clara sobre a sua concepção de diferença. Em seguida à minha observação do professor surdo FF(2006), narrando a sua profissão de pedagogia. Ele é professor surdo, formado em outra área que não a pedagogia. Ele é professor surdo na sala de aula e sempre utiliza na disciplina de língua de sinais, que segue do currículo da escola. Adapta-a ao seu jeito usando a história dos surdos, cultura, língua escrita em sinais, classificador, narrativa de poesia, identidades surdas, entre outros assuntos associando-os ao mundo de surdos.

Assim, na medida em que está por dentro dos Estudos Culturais a aproximação ao campo da educação de surdos, justifica que ele está recolhendo, adaptando e aproveitando metodologias que coincidem com a diferença neste caráter híbrido, tanto da educação no contexto moderno, quanto ao contexto dos Estudos Culturais.

Neste contexto, portanto, de compreensão das diferenças, no qual está sujeito à influência das mesmas no seu processo de significação pessoal e de mundo, temos o

surgimento da pedagogia da diferença, através dos Estudos Culturais, segundo veremos com o pesquisador Tomaz Tadeu da Silva:

Em certo sentido, “pedagogia” significa precisamente “diferença”: educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na pedagogia como diferença. (Silva, 2000, p.101).

Essa pedagogia da diferença induz uma nova construção, novas relações de poder, ligadas a novas estruturas discursivas, bem como narrativas e representação. O que se pode entender como a pedagogia da diferença, e o que quer dizer a diferença de que é o outro, além do seu respeito, o autor Pardo que diz:

Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (1996, p. 154).

Na pedagogia cultural trata-se de trabalhar, sempre, com as diferenças, reforçá-las, e enfatizar pelo seu próprio jeito de ensinar, ou seja no caso dos surdos viver todas as suas experiências visuais, políticas e de representação. É por nossa alteridade que estamos sendo desafiados, como professores surdos. Para que aconteça esta pedagogia, é importante assumir a responsabilidade de orientar a própria diferença.

Com tudo isso, torna-se muito importante criar um novo currículo específico para os surdos. Os currículos além de sempre serem possíveis de apresentar novas estratégias pedagógicas, também necessitam de disciplinas que em suas práticas estimulam e promovam a identidade cultural. Ao utilizar na sala de aula a primeira língua como contação de histórias dos surdos, a utilização de recursos como poesia e narrativa dos surdos, isto levaria a uma maior consciência sobre a cultura surda. O ensino de uma forma escrita da língua de sinais dentro de uma disciplina de língua de sinais, além da discussão em torno da teoria de identidade surda, se apresenta como muito importante a transmitir aos alunos surdos. Isso é uma abordagem da pedagogia dos surdos que levaria em conta precisamente as contribuições da teoria cultural e da

qual emergiria uma nova produção da identidade e da diferença do professor surdo na sala de aula.

O que captei na observação do professor surdo, é que ele enfatiza a pedagogia da diferença e, também, se relaciona com a cultura de acordo com o jeito de ensinar de uma forma cultural que tem a realidade da cultura dentro da subjetividade dos sujeitos surdos. Por exemplo, observei que o professor surdo FF(2006) explicou na sala de aula a respeito da tecnologia para surdos, pois, sentem na mesma realidade deles. O jeito do professor surdo que ministrou na aula, segue em forma de diálogo:

O que tem tecnologia para os surdos?

Responderam-lhe os alunos surdos: Mensagem do celular, TDD (telefone para surdos), televisão com legenda.

O professor surdo logo acrescentou mais claramente a respeito da TDD. Mostrando o desenho do TDD numa propaganda comercial, explicou que é muito importante usar a experiência visual pelos surdos. Continuou explicando que tem uma empresa de São Paulo e que tem aparelhos à venda e está sob a responsabilidade de um surdo. Continuando a conversa sobre o responsável da empresa de São Paulo, explicou que este surdo foi a Porto Alegre deu uma palestra sobre a importância da tecnologia para os surdos e do TDD. Na palestra ele diz que há muitos ouvintes que usam o telefone público e os surdos também têm o direito de usá-los em qualquer espaço público. Sendo que é importante divulgar para os interessados poderem adquirir o TDD e também lutar para conseguir sua fixação em espaço público como: na prefeitura, em escolas e outros lugares. Na sua falta, explicou: os surdos podem sofrer por não ter conseguido comunicarem-se com os policiais, hospitais, bombeiros, etc em casos de emergência. Por isso é muito importante disponibilizar o TDD para os surdos poderem se comunicar com qualquer pessoa ouvinte em casos necessários. Explicou de uma forma clara para os surdos entenderem como funciona o centro de comunicação entre surdo e ouvinte: A este respeito ele fez uma dramatização na sala de aula sobre o uso do TDD:

Surdo: Preciso falar com mamãe?

-Ouvinte: O que quer?

- Surdo: Vou teatro sexta feira tarde, pode?
- Ouvinte (traduzindo oralmente para mãe)
- Mãe: Pode livre, mas cuidado.
- Ouvinte: (escrevendo para a surda)
- Surda: Por que cuidado?
- Ouvinte: (traduzindo para mãe)
- Mãe: tem namorado, tem respeitar.
- Ouvinte: (escrevendo para a surda)
- Surda: Sério, pare brincar. Eu sei respeito e fiel meu namorado. Tchau, beijos e abraços!
- Ouvinte: (traduzindo para mãe). E se desligou o TDD.

Sintetizou que é muito importante a comunicação entre a mãe ouvinte e a filha surda. E os alunos surdos iniciaram o diálogo desabafando com as histórias que acontecem com eles referentes ao telefone público. O professor surdo os deixou conversando sobre a importância do TDD em público. Respondeu todas as dúvidas dos alunos inclusive disse que a funcionária da empresa telefônica que intermedia a ligação, tem a sua ética profissional, e ela não vai transgredir o diálogo na hora de traduzir. Em caso de não ter ética, pode ser processada pelo Ministério Público, por isso é certo ter uma funcionária atendente ética. Explicou por que precisa uma funcionária para ter uma comunicação com qualquer pessoa que não tem TDD, em caso que o tenha, apenas liga direto.

E por finalizar, toda a tecnologia para os surdos são TDD, mensagem do celular, televisão com legenda, intérprete na TV, campanha luminosa, campanha para os bebês, internet e entre outros.

O Professor surdo FF continuou perguntando:

O que tem de comunicação sem tecnologia? E deu um exemplo que aconteceu na casa dele.

Lá na minha casa só tinha uma pessoa surda, e um dia não tinha ninguém em casa, e também não tinha campanha luminosa. Quando veio uma pessoa apertar a campainha, o que aconteceu? O cachorro iniciou a latir. Claro que dá pra perceber que tinha gente apertando a campainha. O cão ajudava a atender as pessoas quando

vinham apertar a campainha. Realmente é muito diferente, e até também se consegue comunicar com os cachorros através de sinais, mas não são todos, e apenas alguns sinais. Por exemplo: “sentar” e o cachorro senta; “rolar” e o cachorro rola. Neste caso, deve-se treinar com o sinal. Então o professor que explicou há um costume entre os surdos de treinar o visual, como no caso do cachorro que late e lembra a campainha da porta.

E os alunos perguntaram então: se deve ensinar língua de sinais ao cachorro na idade precoce?

O professor respondeu: Isso mesmo, só se for de cinco meses e se for tarde nunca vai conseguir aprender o sinalizar básico dos surdos para este fim como: “comer”, “passear” etc.

Entendo, portanto, essa pedagogia cultural como a possibilidade de aproximar a forma cotidiana de existência do sujeito com a sua prática de ensino. E que não se reduza a um conjunto de habilidades técnicas ou profissionais, a pedagogia dos surdos pretende ir além da sala de aula para desenvolver sua potencialidade. Ela mostra ser diferente da pedagogia tradicional, tem esta nova perspectiva, pois rompe com aquela.

Lanço agora mão de um olhar sobre um professor surdo, neste emaranhado de significações e concepções. Trata-se de um sujeito surdo que por muito tempo permaneceu na sombra do professor ouvinte. Este professor surdo está reivindicando seu papel de agente formador, de identidade, de construtor da história. Isso tudo obviamente, com muita luta e resistência. Surgem aqui algumas perguntas: Há importância na identidade cultural do professor surdo? Que cultura é essa do sujeito surdo? Que identidades e concepções culturais o professor surdo têm passado aos seus educandos?

Penso, portanto ser significativo para que possa ajudar o professor a desenvolver a sua cultura e entender sua história, construindo a sua identidade a partir da diferença. Nós, os professores surdos, vivemos, atualmente, a busca da identificação de nossa diferença porque tem o sentido da produção da subjetividade. O professor surdo que se relaciona com a cultura tem atitudes politicamente e poeticamente de

produzir o seu jeito de ensinar, o seu jeito de percepção do aprendizado dos alunos surdos, o seu jeito de entender no que os alunos se explicam. E entre outras coisas tem contato com a mesma cultura, sendo que captei a narrativa da professora surda CH (2006) relacionando com a sua subjetividade: “Agora dentro da minha subjetividade o que é importante hoje, a pedagogia transforma muitas coisas porque as pessoas preocupam com a pedagogia, e como faz: é igual ou não, ou diferente, como? Como ensinar, precisa aprender? Não é isso, é importante perceber que o surdo, o que ele é?”

Deste ponto de vista, o surdo não se considera como fazendo parte da diversidade e, sim, da diferença devido ao poder cultural e da sua subjetividade. Essa dificuldade de reconhecimento é percebida, nas palavras de Skliar:

... habitualmente se utilizam termos como “deficiência” ou “diversidade”, Estes, no geral, mascaram e neutralizam as possíveis conseqüências políticas, colocam os outros sob um olhar paternalista e se revelam como estratégias conservadoras para ocultar uma intenção de normalização. A diferença como significação política, é construída e socialmente; e um processo e um produto de conflitos e movimentos sócios, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante. (1998, p. 5).

Vê-se que um professor surdo na sala de aula tem a sua liberdade em dar as suas aulas. Dentro da sala de aula regular ele é posto numa situação em que se lhe impõe uma aparente norma, ele é incluso dentro da diversidade. Muitas vezes, a inclusão está trabalhando na perspectiva da diversidade na escola regular, mas na verdade os surdos não estão dentro desta, porque ele é considerado como pertencente à diferença devido ao uso da sua própria língua, de sua cultura, de sua identidade. Um fato que pode atestar isto é o olhar de pedagogas (os) surdas (os) na sala de aula e de seu bom relacionamento com os alunos surdos devido ao uso de mesma língua e identificação cultural.

O que vejo ainda são surdos com identidades construídas, conforme diz Perlin (1998), nas múltiplas identidades, o que pode explicar a identidade dos surdos em geral para esclarecer quanto à sua diferença.

Ao pontuar o conceito de que o surdo é diferente, é de se esperar que o professor surdo participe das lutas políticas pelo poder cultural, e a melhoria da educação dos surdos, é resultado das suas práticas devido à sua experiência que está

por dentro da sua identidade cultural. É preciso refletir sobre a prática para buscar a defesa dos povos surdos. Particularmente, os professores surdos buscam desvendar as relações de poderes que subjugam e segregam a cultura surda. Isto vai depender do meio cultural em que estes surdos tiveram a sua experiência. Ser professor surdo pode significar poder político, mas tem muitos professores surdos que não apresentam uma identidade surda porque alguns deles tiveram desde pequenos influência ouvintista. Isto pode prejudicar as relações entre o professor surdo e o aluno surdo. Por outro lado, há professores surdos que apresentam uma identidade surda, e conseguem ensinar fluentemente em língua de sinais, desenvolvem uma metodologia sem interferência dos padrões ouvintes. Estes teriam uma maior facilidade pra ensinar as crianças, para que elas pudessem ter a aquisição da língua e da sua identidade com o professor surdo como a identificação.

Saliento em minha pesquisa o tipo de identidade do professor surdo: o hibridismo presente na atuação do professor surdo. O que acontece no momento de hibridismo, em relação das misturas, nos cruzamentos, sendo que é está no seu processo da construção a partir do ouvintismo devido da metodologia própria dos ouvintes. Este aspecto não fortalece a cultura surda devido ao domínio dos ouvintes, mas mesmo assim ele usa a língua de sinais sem metodologia pedagógica própria dos surdos. Enfim, este professor surdo não possui aspectos suficientes da identidade cultural à sua subjetividade.

E também, sendo que um processo da construção de si mesmo ao ensinar para os alunos surdos mesmo sendo a sua subjetividade ou seja, de identidade surda, tem a sua cultura, usa a metodologia longe do domínio dos ouvintes. Cria a sua produção textual em língua de sinais, além de utilizar a sua própria língua, usa da resistência contra a prática dos ouvintismos. Que pode entrar numa relação de uma forma de negociação no espaço educacional onde tem o hibridismo presente na atuação do professor surdo. Segundo os autores Fleuri & Souza que disseram:

[...] Nesse espaço do hibridismo, é provável que tenha acontecido o que Bhabha denomina *processos simbólicos de negociação ou tradução*, dentro de uma temporalidade que tornou possível a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios. Tal espaço de hibridismo teria possibilitado a ultrapassagem das bases de oposição dadas (dominantes/ dominados). Não se trataria mais, nesse espaço de hibridismo, de uma coisa (dominantes), nem de outra (dominados), nem mesmo de uma superposição de ambas as

categorias (dominantes e dominados), mas de um *entrelugar* que contestaria os termos e o território de ambas as categorias. Isso possibilita ir além e despertar o desejo de *outro lugar* e de *outra coisa* que, nesse caso, poderia ser identificado como novas possibilidades de relações pessoais e sociais entre sujeitos marcados por uma política de diferenças. (2003, p. 62).

É muito importante ter um espaço de negociação com os outros professores quando intervir na cultura dos surdos, mas também é importante aceitar os professores ouvintes que conhecem a língua de sinais. E o que acontece dentro na sala de aula, é importante esclarecer para aceitar a nossa cultura, a nossa identidade, a nossa língua para respeitar os professores surdos no espaço educacional, e os surdos podem respeitar a cultura dos professores ouvintes dentro de um contexto político. Importa que continue acontecendo a resistência contra as práticas dos ouvintismos para não produzir a exploração e dominação de uns aos outros.

Assim, que surge uma complexa relação de negociação, a partir de uma necessidade de fronteira cultural, que intervem á nossa cultura de que os professores que constroem aos alunos surdos a ter cultura dentro de um espaço educacional mas é importante ter a relação que pode ajudar a estimular. Conforme o autor Bhabha que diz: (...) “fronteira cultural”, uma “borda deslizante e intervalar nas relações”, que estimula “o desejo de reconhecimento de ‘outro lugar’ e de outra coisa”. (1998, p. 27).

Mais um desafio é o de elaborar a nova metodologia de que os professores surdos querem, porém, se situa como a pedagogia da diferença, onde é considerado ser diferente dos outros. E a partir desse desafio, ele também pode acontecer dentro do sistema de negociação entre os professores surdos e ouvintes para valorizar o espaço educacional.

Neste recente despertar para o contexto pedagógico, aceita a diferença dos professores surdos, a partir da pedagogia da diferença, que é considerada que o conceito é uma celebração nos processos de negociação, há de ir e vir, há o retorno, há resistência, há a marcação da diferença para garantia de acesso e igualdade. Na prática ainda tem alguma influência dos ouvintes, só que ainda continuam resistindo enquanto professores surdos despertam pelo próprio de si mesmo e o que eles podem ser independentes de fazer a partir da transgressão pedagógica.

Portanto, quanto o hibridismo presente na atuação do professor surdo dentro de um contexto de dependência colonial e negociação, o que deve situar essa pedagogia dos surdos, sendo o que se situa nele na área da educação de surdos.

4.2. Situando a pedagogia dos surdos

A pedagogia dos surdos é uma tentativa de reconstruir no espaço educacional da experiência visual, das políticas e histórias passadas aos alunos surdos. Apesar dos esforços dos professores surdos, ela ainda é desconhecida. Pesquisas estão sendo feitas, tímidas, insistentes. A chance da pedagogia da identidade enquanto pedagogia de surdos depende do que ela expressa e os trabalhos atuais que ela motiva.

Como o meu objetivo era focalizar a prática dos professores surdos na sala de aula para chamar atenção sobre o despertar desta pedagogia que é diferente daquela dos professores ouvintes, para ativar à pedagogia de surdos. A sua diferença se dá devido à cultura ou seja: à língua de sinais, à identidade, à diferença. Aborda elementos condizentes às necessidades pedagógicas dos surdos. Os professores surdos estão despreparados em relação a ela. É em sala de aula, que iniciam a entender e a atender a atualidade da transformação pedagógica que se processa.

Percebo agora que os professores surdos vivem em inquietações constantes. E a sua ansiedade pela pedagogia de surdos na sala de aula já a ultrapassa. Nota-se que quase nunca deram espaço e atenção aos professores surdos. Cada professor tem idéia que está ligada a interesses pela nova produção cultural, em particular, nas suas relações com o poder e conhecimento. Conforme o autor McLaren: “Minha perspectiva agora não é apontar um dedo inquisidor para qualquer grupo específico de pessoas, mas sim para as ideologias, estruturas e mitos que ajudam a reproduzir nossa presente cultura”. (1977, p. 182).

E o que acontece nos professores surdos? Eles estão situando, reforçando, mostrando as estratégias de tornarem a pedagogia dos surdos presente. Identificam seus locais, locais onde eles podem sentir à vontade de ensinar e usar os instrumentos desta pedagogia. Isto concorre para ganhar o seu valor e senso de controle de negociação no espaço educacional cultural.

Assim, trago aqui o trabalho da pedagogia dos surdos para que não seja de uma forma oculta que encara o poder. É importante mostrar o sucesso dos professores surdos que trabalham de maneira de uma forma própria cultural.

Geralmente, os professores ouvintes alguns não têm experiência nem conhecem a verdadeira educação de surdos, somente só preocupam com os alunos: saber falar, ler e se integrar com os alunos ouvintes e mais nada. A minha visão sobre professores ouvintes e surdos é que têm um pouco complexo de conhecimento e se preocupa como tomar essa iniciativa como educar e relacionar com os alunos surdos devido à falta de conhecimento específico e de metodologias culturais para os surdos. Como o autor McLaren disse: “Os esforços atuais de reformas demonstram uma falta de vontade de construir e sustentar um projeto político claramente articulado, no qual a pedagogia possa ser relacionada à criação de práticas educacionais e referentes morais necessários para a construção de uma esfera pública democrática”. (1977, p. 266).

Por isso, escolhi esse tema da prática do professor surdo, sua política e poética de transformação da pedagogia dos surdos. É claro que isto envolve nosso conhecimento sobre a pedagogia de surdos. E, também, para que a nossa educação seja cada vez mais respeitada, valorização devida à língua de sinais, nossa cultura, nossa diferença em sua nova metodologia. O que me preocupou nessa pesquisa foi procurar aquele lado onde a pedagogia dos surdos existe com alguns professores surdos. Para mim, todos os professores surdos que desenvolvem esta pedagogia dos surdos a desenvolvem como uma política pedagógica, que traz marca da sua identidade, sua diferença, ao questionarem, reconhecer e celebrar a identidade e até os pedagogos surdos acolhem o surdo como é na sua diferença com o ouvinte. Como diz Nuria Pérez de Lara (2003, p.11) em seu prefácio ao livro de Carlos Skliar: “Então, o que é dado se apresenta diante de nós como algo que não só não deve ou não pode ser superado como também como o que está ainda por ser alcançado em sua plenitude, visto que é o desejável”.

A pedagogia dos surdos está aí, aguardando melhores dias, aguardando ser despertada, descrita, narrada, contada com as ferramentas que os Estudos Culturais têm. Nesta pesquisa, mesmo que tivesse perspectivas em vista da formação pedagógica dos surdos e o olhar pela pedagogia da diferença devido à centralidade da cultura, da primeira língua, da identidade surda, de forma totalmente diferente, sei que a tarefa de

descrevê-la é instigante. O importante é ter a reflexão pedagógica na prática educativa que resgata a possibilidade de criar, moldar, imaginar e dramatizar, representar o seu mundo construindo-se como cidadãos em seu cotidiano escolar. Como diz o autor McLaren:

No centro desta posição está a necessidade de desenvolver modos de investigação que examinem não apenas como a experiência é moldada, vivida e tolerada dentro de formas sociais particulares, tais como as escolas, mas também como certos aparatos de poder produzem formas de conhecimento que legitimam um tipo particular de verdade e estilo de vida. (1997,p. 31).

A meu ver, têm os professores surdos estão preparados pedagogicamente e produzem formas de conhecimento que se aplica na educação de surdos e um novo terreno se apresenta uma experiência de que é moldada e vivida, mas a pedagogia dos surdos parece ser realidade. Eles têm língua de sinais, aos poucos descobrem que necessitam de instrumentos que os capacitem a exercer a função docente. Para buscar os instrumentos para o seu aperfeiçoamento, é necessária a busca na área pedagógica.

Ao identificar seu problema, ocorrem pequenas mudanças, porém tem sido lentas e ainda pouco profundas, especialmente nas escolas de surdos ocupadas por profissionais ouvintes na maioria. Como espaço ocupado por profissionais surdos, estas escolas precisam incorporar e endossar as novas práticas.

Essas escolas de surdos oferecem espaço a mudanças, embora seus resultados exaustivamente não sejam notados e comprovados como eficientes e seus procedimentos chegam muitas vezes a passarem despercebidos em pressupostos científicos que apontam caminhos bastante claros e possíveis.

Entendo o professor surdo como o sujeito surdo possuidor de uma cultura e membro do povo surdo no sentido de uma diferença cultural que, devido à língua e cultura, também desenvolveu um meio de relacionar-se, construir história e compartilhar as mesmas experiências, ou seja, se de alguma forma esse sujeito foi privado ou privou-se de estar inserido nesta cultura constituída pelos sujeitos surdos através dos tempos, a esse sujeito definimos como identidade diferente de identidade cultural surda e não como surdo no contexto da palavra. Vê-se, a identidade do professor surdo como possível de transgressão, sem negar, no entanto a possibilidade também de estagnação a forma como foi moldada, segundo a pesquisadora surda,

Perlin: “A identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode freqüentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. (1998, p.52)

O professor surdo culturalmente identificado deve estar inserido no povo surdo que segundo a pesquisadora surda Padden se presume:

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para alcançá-los. (Padden, 1998, p.58)

Meu argumento sobre este professor surdo interroga a partir da perspectiva do sujeito colonizado.

Vejo também, no campo escolar, a influência do ouvintismo nas práticas pedagógicas do professor surdo, que tende a moldar-se naquilo que ao ouvinte parece correto, entendo a presença do ouvintismo como:

Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (Skliar, 1998, p.15)

Ele tece um enunciado que é motivado pela compulsão colonial. Perlin deixa clara esta interferência do problema da questão da imposição cultural sobre a identidade do professor surdo.

É evidente que as identidades surdas assumem formas multifacetadas em vista das fragmentações a que estão sujeitas face à presença do poder ouvintista que lhes impõem regras, inclusive, encontrado no estereótipo surdo uma resposta para a negação da representação da identidade surda ao sujeito surdo. (Perlin, 1998, p. 52).

Para representar o professor surdo, me baseio nos conceitos definidos por Hall (1990) e entendo representação como sendo o processo pelo qual a linguagem é utilizada para produzir significados culturais. É fundamental procurar perspectivas não no campo que comumente é trabalhada a educação de surdos; educação especial, medicalização da surdez, supervalorização da incapacidade. Não o discurso do campo da educação especial pois a mesma passou, assim como os demais conceitos criados

pela modernidade, a vestir uma aparência bem aguda e estereotipada. Analisando, por exemplo, os Planos Nacionais de Educação Especial, podem perceber a indução de certa “Pedagogia Corretiva” que tenta corrigir e “normalizar” o surdo. Segundo Lunardi, destituindo-os de sua cultura.

A educação especial como um dispositivo de normalização, ao diagnosticar a surdez como uma anormalidade, lança mão de suas estratégias terapêuticas e corretivas, a fim de docilizar, disciplinar, “ouvintizar” os sujeitos em indivíduos produtivos e governáveis para os pressupostos da episteme moderna. (2004, p.23).

Acredito que neste contexto os Estudos Surdos se aliam aos Estudos Culturais. Encontrei, portanto neste campo muitas identificações, principalmente quando passamos a olhar além da carga pejorativa e clínica embutida na visão tradicional como sujeito da episteme moderna²⁵, segundo propõe Skliar:

As idéias dominantes, nos últimos cem anos, são uns claros testemunhos do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem, se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez, numa versão que amplifica e exagera os mecanismos da pedagogia corretiva, instaurada nos princípios do século XX e vigente até nossos dias. Foram mais de cem anos de práticas engeuecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (Skliar, 1998, p.07).

Na pedagogia, pode voltar então à adaptação do trabalho a ser feito sobre o professor surdo, agora baseados em um novo olhar, que reflete o antigo e situa a pedagogia de surdos do novo. A respeito desta reflexão pode destacar o pensamento de Klein sobre a luta para a pedagogia da diferença.

Dirigindo nosso olhar aos ‘movimentos’ surdos, encontramos uma história de lutas em diferentes sentidos, na qual se procura marcar, entre os próprios surdos e a sociedade em geral, questões referentes a sua língua, suas identidades, sua cultura. Uma das marcas mais efetivamente colocadas diz respeito às formas de entender a surdez e a experiência do estar sendo surdo a partir da diferença. Podemos problematizar daí, a relação de significados

²⁵ É o sujeito transcendental e único, o sujeito que na definição kantiana é, simultaneamente, o sujeito cognoscente e objeto de seu próprio conhecimento. Para Veiga-Neto (2000), o sujeito compreendido pelo pensamento moderno representa as concepções de sujeito instauradas pela filosofia platônica e pela tradição hebraica, que mais tarde foram retomadas pelo Cristianismo, Humanismo e Idealismo Alemão.

entre diversidade, termo tão disseminado nas políticas públicas, e diferença, assumida por diferentes grupos, entre os quais, os dois surdos. (Klein, 2004, p. 88).

Na perspectiva agora dos Estudos Culturais, partimos então da idéia do sujeito surdo como possuidor de uma cultura própria e na relação de sua cultura com as diferentes culturas existe relações de poder e dominação que devem ser questionadas.

Os Estudos Culturais podem fundamentar as ações educativas para a diferença comprometidas com a construção de uma pedagogia dos surdos fundada na convivência entre identidades culturais e surdas. Para que isso ocorra é necessário que sejam questionada as relações de poder assimétricas que se manifestam nas atitudes preconceituosas e excludentes.

Ao permitir analisar a atuação do professor surdo, pretendi ver também de que forma sua postura tem sido determinada pela cultura dominante para que, caso seja necessário, possa ocorrer a desconstrução das “condições que têm impedido outras pessoas de falar em locais onde aqueles que são privilegiados em virtude do legado do poder colonial assumem a autoridade e as condições para a ação humana” (Giroux, 1999, p.39).

Minha pretensão, portanto, com base nessas premissas teóricas, e com a perspectiva analítica aqui retratada, foi de caracterizar o professor surdo dentro da sala de aula, identificar a existência do hibridismo cultural, tentando desvendar e fornecer ferramentas para a atuação competente e completa do docente surdo.

Contudo não se consegue fugir ainda da visão do coletivo que produz estes discursos e práticas: a que patologiza a relação professor ouvinte e aluno surdo, colocando este como deficiente, tomam seu discurso, sempre imperfeito na forma, com locuções muitas vezes só compreendidas em parte, escrita incorreta, como uma voz que há de ser muito pouco levada em conta. E faz tudo para o surdo e desvaloriza suas contribuições à pedagogia dos surdos visto que ela é invisível. Como por exemplo: quando as explicações feitas em uma língua incompreensível, não surtem efeito, o surdo permanece à deriva, diz-se que não se esforça para aprender, não se sabendo ver o outro lado nobre e rico da pedagogia dos surdos.

Então penso como identificar esses problemas nesta pesquisa para que eles estejam claros, por enquanto tem algumas pesquisas para tomar essa reflexão diante

das perguntas: Todo surdo é adaptado para fazer acontecer a pedagogia dos surdos? De que modo a pedagogia dos surdos se apresenta no cotidiano do professor surdo? Ela é perceptível, palpável, pode ser adaptada? Como ela afeta a vida do professor surdo e do aluno surdo?

4.3- Identificação e “Modelo”: Uma questão da afirmação

Uma das questões mais recentes trata justamente da identificação e modelo sobre as identidades, que indicam explicitamente sua vinculação aos estudos culturais. Bem sabemos que no lado do “ modelo” , no geral, são ditas que não têm conexão nos Estudos Culturais. Ao contrário, é a identificação que acontece, sobretudo a partir de uma produção de significado que se associa na relação pela qual se identifica com o outro igual. Do meu ponto de vista, para situar-se nessa área de identificação entre educação e estudos surdos, é importante entender uma explicitação do lugar a partir do qual se produz uma nova identificação do professor surdo. É ele que revela sua cultura, sua língua de sinais, sua identidade, e sua alteridade a partir da qual foi construído seu jeito de ser.

Além de entender do dizer a postura do professor surdo, é simples, nos estudos surdos, existem em vários professores surdos, uma identidade fixa, ao invés de construir subjetividade, que tenham a sua formação pedagógica e profissional sem afirmar a complexidade que envolve nos professores surdos, o que acontece da história de cada um.

Assim, com essa questão de entender a afirmação da identificação e modelo, procuro problematizar com essas teorias de Estudos Culturais para afirmar com essa noção da análise em entender a diferença entre a identificação e modelo. Também é importante afirmar a diferença ou seja, o sujeito do professor surdo, entender melhor a sua formação e entender a afirmação da postura do professor dentro do processo de identificação.

Acredito que o processo acontece e provoca uma transgressão pedagógica; provoca transgredir; provoca também uma pequena transformação. Na presença do pedagógico, nos leva a construir, numa situação de fronteira, uma formação ao construir a identidade. A aproximação ao campo da teoria dos Estudos Culturais

permite entender o processo e concorre para assegurar a cultura dos surdos, a identidade.

O que se parte com essa inovação de dizer a identificação do professor surdo se constitui de processos de identificação. Parte do momento que inicia sua postura a se vincular aos alunos surdos. Estes se movimentam para assumir a construir a identidade e cultura como identificação de si mesmo. Este processo como o autor Silva que diz:

(...) A própria auto-identificação do professor enquanto pertencente a uma cultura distinta é importante para, a partir daí, poder estabelecer os vínculos com o aluno; da mesma forma, a crença de que todos os alunos têm potencial cognitivo e podem vir a desenvolvê-lo rompe com a lógica da exclusão *a priori*. (2003,p. 30).

Trata-se de que uma identificação busca uma construção de reconhecimento de que são partilhados e vincular aos outros a partir de uma nova cultura, identidade, alteridade de ser. A língua de sinais como ponto de início, concorre para ter o seu novo posicionamento ao se identificar na identidade. Trata-se de um processo de determinação e ambivalência de que é considerado diferença, pois envolve no meio da fronteira de língua. É importante considerar aqui que o sujeito surdo inicia seu contato com o mundo ouvinte na infância e raros são os sujeitos surdos que têm contato com o mundo surdo, ao nascer.

Minha reflexão sobre a realidade do acontecimento da existência da identificação que se dá na relação entre os alunos e professores, quer acreditar que a postura do professor surdo permite a identificação à cultura surda. A cultura surda permite fazer emergir a identidade; permite vincular valores para se construir, ou seja adquirir língua de sinais; permitem se identificar aos valores surdos. A importância da identificação que nos faz empurrar entender entre as diversas posições para se identificar aos outros para valorizar o seu ser. A partir daí o sujeito surdo inicia a produção cultural.

Para melhor compreensão de como é a produção desse conceito, de entender a identificação, a noção do professor surdo e as relações de poder, que nos permitem resolver os problemas da postura do professor surdo, a partir de se vincular à identificação.

Falar em identificação e modelo é um pouco complexo para entender o significado mas esclareço o quanto das diferenças deles dentro nos estudos culturais.

E quanto ao termo de identificação como o segundo o autor Hall que diz:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece á lógica do mais-que-um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. (2000,p. 106).

Estou introduzindo aqui algumas questões e/ou algumas perguntas associando à identificação.

- ✓ Haveria jeito de fazer os alunos surdos se vincularem ao professor surdo, construir identidade, alteridade, cultura e diferença? Eles construirão o processo sozinhos, ou seja, tem como fazer os alunos surdos se identificar ou construir pelo seu desejo, sua subjetividade?
- ✓ Como os alunos oralizados se identificam com o professor surdo e o que acabam construindo?

Modelo quer dizer que é uma coisa, ou seja, a cópia dos objetos, roupas, utensílios, carros, jeitos pessoais e entre outras coisas, é como se fosse a volta ao mesmo. Deleuze e Guatari identificam o modelo ou seja a cópia do mesmo: “E nesse sentido, isso quer dizer dentro do mapa da mesmidade como uma cópia do mesmo, a cópia daquilo que sempre volta ao mesmo.” (1977, p. 29). Neste sentido se o professor surdo fosse modelo para o surdo ele iria repetir a mesmidade, iria copiar todo o aspecto do ser surdo de forma mecânica.

Então o que pode entender o modelo do professor surdo? Novos questionamentos com algumas perguntas de que está associando ao modelo.

Tem jeito de fazer os alunos surdos a ter modelo do professor surdo para ficar igual de que está sinalizado?

Se os alunos surdos forem oralizados, tem como fazer ele a ter o modelo do professor surdo?

O que os ambos têm em comum? São tentativas de discutir que, apesar dos estudos culturais, é necessário explicar como se entende e como se desenvolve uma nova construção a se identificar nesse identidade. Afinal de contas, a identificação trata

dos principais, das bases conceituais da afirmação da identidade. Com isto nota-se que há inúmeros exemplos e aponto que existe um mecanismo onde, de fato, os professores surdos agem sobre o que faz os alunos se identificar com a cultura, língua de sinais, entre outras coisas. É preciso recorrer aos professores surdos que estão em circulação no espaço educacional. Aí se percebe, no cruzamento de áreas, para desenvolver novos olhares à questão de identificação dos surdos. Os Estudos Culturais permitem entender o processo de determinação ao se vincular com os outros.

Assim que o termo da identificação surda que se envolve no processo pelo qual se identifica com o outro, seja pela língua de sinais, cultura, alteridade, diferença e do ser, e que é um central do qual o sujeito se atua na sua própria situação. E esta visão se encaixa nos Estudos Surdos na perspectiva dos Estudos Culturais. Mostra algum forte da consciência do sujeito ao se relacionar com os alunos para que eles reconheçam a sua imagem, e identificam-se com ela e tornem-se conscientes de sua nova construção de ser diferente dos outros.

Para Hall, (2000) a identificação não considera a noção da identidade que carrega a idéia de um sujeito totalizante e homogêneo. O termo identificação leva em conta a multiplicidade de discursos e de dizeres que o constituem. Considero aqui que as identidades são múltiplas, contraditórias e empurram em diferentes posições.

Para tanto, entendo que não se trata de uma vinculação a um modelo do professor, e sim trata de um deslocamento provocado pelo professor surdo, com relação à construção da identidade do sujeito. E também, a noção a postura do professor, deslocando a noção da identidade do outro surdo e que se vê como sujeito descentrado. Tal fato centra as coisas e o mundo á se vincular em torno da fronteira do professor/aluno em uma busca da identificação. O deslocamento do professor é perceptível na visão da pós-modernidade. Aí não se aplica como centrado, se aplica como descentrado, de que se constitui de pequenos fragmentos no que acontece dentro de uma heterogeneidade. Coisa do além de que não pode se considerar, pois o professor surdo não pertence à homogeneização.

Os professores surdos na sua diferença, ou seja eles e suas diferentes identidades: identidade surda, híbrida e flutuante. Não existem uma identificação como homogeneização. O que se vê neles, o que acontece é que existe a diferença nas identidades ao se identificar em com a cultura, identidade e língua de sinais.

Continuam mantendo a identidade ao se vincular. Os alunos podem se vincular pelo desejo que tem de identidade. Isso revela a complexidade que envolve nós, professores surdos, pela falta de construir a identidade cultural, pois a identidade é um processo em construção. Os desejos de identificação dos alunos continuam buscando a se vincular à questão de identificação do professor surdo em busca de valores para construir a identidade.

Nesse sentido, a identificação constrói-se na heterogeneidade, o que empurra em diferentes posições. Embora sejam as diferentes identidades, que acontecem pelo fato de que nossas identificações são continuamente deslocadas pela presença de discursos de outros. O caso da identificação é compreendido, pois, é uma construção como um processo que nunca pára de se desenvolver. O que leva a construir em o momento de identificar o professor surdo, leva a uma nova identidade, deslocada, da qual o professor surdo não pode ter controle, pois é reconstruída por meio da diferença. Acontece na relação com o outro, e no caso surdo, devido à língua de sinais, que influi na transmissão de saberes.

Acredito que um caminho que possibilita entender a questão do professor surdo, ou seja, buscar a compreensão dos processos da identificação do professor está no processo da pós modernidade. O pós moderno favorece a compreensão daquilo de que é considerado uma transgressão pedagógica e permite buscar compartilhar de discursos com os outros professores. Favorece para se manter ao se identificar á cultura, identidade e língua de sinais.

Os professores surdos que relatam experiências que marcam a sua vida profissional ao se descobrir trabalhando na sala de aula. Para eles, além de deixar os alunos construir identificando sua cultura, sua identidade e se comunicar na primeira língua, ou seja a língua de sinais. Enquanto ao se identificar como professor surdo, de que é considerado o seu reconhecimento profissional o que possibilita buscar apenas momentos de identificação. Isso leva a compreender o professor surdo a partir da transgressão pedagógica vinculada a questão da pós-modernidade, em que ele não é visto como centrado e controlador. É visto como um professor diferente de que se constitui no qual ele produz, se relaciona, se altera com o Outro que está na marca da heterogeneidade.

Isso leva a refletir a importância de como identificar com o professor surdo. Remete à importância de que os alunos surdos devem ser vistos não como tradicionais e dependente dos outros professores ouvintes, se bem que estes professores ouvintes também são agentes do processo. Isto em vista da interação. Mas é importante buscar a formação dos professores surdos que busquem as inovações e possibilita entrar numa transgressão pedagógica. Isto é que permitem usar sua vontade e jeito de ensinar o seu próprio pensamento, e permitem a eles se auto-identificar como professor surdo e a construção histórica dos valores culturais. É necessário esclarecer a importância a prática dos professores surdos vivenciada e surgida dentro do povo surdo. Ser diferente, permitir produzir no sentido, a partir da sua história, de seu conhecimento, enfim, compartilhar uns com aos outros para ter mais experiência dessa prática pedagógica. Isto com vistas a se identificar melhor, enquanto busca as inovações, as transgressões e vai continuando, buscando, fazendo acontecer as múltiplas experiências de que é o seu fazer.

Esse conceito de identificação apresentou algo importante relacionado à questão da afirmação da identidade. Desenvolvendo dessa forma condições de refletir para à análise. E também é importante tratar dessa questão e analisar de que forma ela surge nesse ponto de identificação do professor surdo. Analisar, além disso, os processos de identificação, as conseqüências, ou seja, a produção da identidade e a produção da cultura por meio do primeiro contato com a representação do professor surdo.

A identificação tem se destacado ambivalente como uma questão central para Estudos Surdos no ponto que se articulam aos Estudos Culturais. Eles permitem que se aproxime das questões que envolve os povos surdos, os quais estão vivendo a preocupação com a afirmação das identificações pessoais e culturais. A aproximação facilita novos olhares para se identificar a realidade da cultura que está envolvendo nas lutas dos surdos. Esse procedimento coloca em evidência questões a serem discutidas sobre certas estratégias para quebrar a tradicional vigência de uma identificação universal e única. E leva ao surgir uma nova transgressão dando a força ao argumento de que existe a identidade surda em sua multiplicidade de fragmentações. A crise de identidade, surge nas fronteiras que provocam o confronto ao modelo mas não é essa questão de afirmação da identidade.

Modelo se aproxima a uma questão, um elemento de cópias de qualquer coisa por meio dos quais de que não significam e de que não são produzidos.

Entretanto, essa questão da afirmação não há como explicar, é um termo em questão. O que os professores surdos guardam na sua identidade que faz os alunos surdos se identificar com a cultura, assumir sua diferença, usar a língua de sinais e perceber sua alteridade é algo importante. Motiva para compreender de como as posições de identidade são produzidas. É necessário entender como se realiza o processo de identificar, buscando compreender aqueles processos de que se forma uma nova identificação, além da ação da pedagogia, da diferença que vai motivar a construir.

4.4 – A transgressão pedagógica com o professor surdo

Michael Foucault escreve no prefácio de: “Linguagem, contramemória, prática” algumas palavras que estão indicando a transgressão como sendo nunca um destruir, mas um simples construir.

Transgressão. Talvez um dia ela pareça tão decisiva para a nossa cultura, tão parte de seu solo quanto a experiência da contradição foi no passado para o pensamento dialético. A transgressão não busca opor uma coisa a outra ... não transforma o outro lado do espelho ... em uma extensão rutilante ... sua função é medir a excessiva distância que ela inaugura no âmago do limite e traçar a linha lampejante que faz com que o limite se erga. (Foucault, apud Hall, 2003, p. 219).

Nos últimos anos, tem surgido uma nova transgressão entre os professores surdos e, ao contrário do passado, vinculado a pedagogia tradicional. Ela faz com que se transforem nas transgressões na educação dos surdos. Transgressões que pretendo investigar neste espaço.

Se no passado, os professores surdos foram considerados os grandes responsáveis pelas dificuldades do ensino, o fracasso educacional veio do implante

escolar do oralismo. Nos tempos atuais, entrar na sua profissão como professor surdo, no meio da educação de surdos, altera a perspectiva de trabalho do professor surdo. O espaço enfatiza a cultura, a língua, a identidade, a alteridade, a política e a poética. A transgressão foi tomando rumo, foi fazendo acontecer o espaço cultural. No entanto, é uma virada cultural, como vimos com Foucault. Estes aspectos podiam ter sido considerados como um ato contra a dominante dos ouvintes sobre a educação dos surdos, constituída na visão dos ouvintes.

No contexto, aponto a transgressão pedagógica do professor surdo como a saída democrática que remete a relações de poder como povos surdos a partir da transformação. A fim de indicar a importância da transgressão, como diz o autor Popkewitz (1994, p. 56), (...) “pontos débeis nos regimes de verdade, identificando, portanto, lugares potenciais de transformação”, são as transgressões que lançam as visões sobre a perspectiva da cultura surda. Transgredir a visão histórica dos professores ouvintistas sobre o professor surdo e o povo surdo. Elas são o indicativo do que estava sendo subalternizado dentro das relações de poder entre os professores.

O que pode se entender com o surgimento de uma nova transgressão do professor surdo? O que limita o trabalho nas escolas, mas como um lugar de direitos nos povos surdos? A transgressão remete à decisão própria dos surdos para defender a existência da cultura surda, alteridade, pedagogia da diferença, língua de sinais, política, poética e entre outras coisas diferente da cultura ouvinte..

Isto possibilita a afirmação da cultura dos surdos, que deve ser vista não como uma diversidade, e sim pela diferença. Mas tem que entender como a existência do professor surdo necessita ser entendida. A forma de ver o professor surdo como profissional e intelectual, o estabelecer relações e valores culturais deve ser usada na educação de surdos. Para poder integrar na sua educação, em conjunto para entrar numa relação intercultural nas escolas, que vão celebrar os valores entre os professores surdos e ouvintes.

Ao buscar o repertório dos sujeitos para o meu projeto de pesquisa, pude perceber a minha íntima concordância com quantidade de idéias destes professores surdos. Todos eles mostraram estratégias educacionais direcionadas à especificidade de suas práticas como professores surdos, o que me motivou ainda mais ao

desenvolvimento da presente pesquisa. Como surda e professora, senti-me não só motivada, mas também impelida a desenvolver pesquisas nessa área.

É importante a participação do professor surdo, mas como uma representação de “marcas surdas” que há muito tem tentado falar sobre os aspectos culturais da educação dos surdos, Sá disse:

Sabe-se que, ao longo da história, a participação da comunidade surda nos processos educativos para os surdos tem sido impedida. Esta forçada omissão não se justifica sócio-educativo; não são incapazes patológicos destinados a um alvo que não é naturalmente o deles; tornar-se como o ouvinte.

A maior parte das polêmicas sobre a educação de surdos sempre se desenvolveu no âmbito dos ouvintes, ou melhor, dizendo, quando esta se desenvolve entre os surdos, elas não são difundidas ou consideradas. Há muito tempo é imperiosa a necessidade de mudanças. (Sá, 2002, p.12).

Olhando para o professor surdo, é necessário entender de que forma seu ser surdo afetou sua subjetividade e de que forma ele foi construindo ao longo do tempo a sua visão sobre a educação de surdos. Que sujeito e que identidade se originou das experiências como sujeito surdo? Esse fator é fundamental para compreender e analisar a consciência pedagógica do sujeito surdo. Ao discorrer sobre este tema chega-se a questão da importância do auto-conhecimento de si mesmo como surdo, um ser político e membro de povo diferente, se vendo como diferente e não deficiente.

O professor surdo emerge, portanto, enraizado a esta sociedade pós-moderna na demarcação da diferença. Trata-se de uma sociedade que produz uma variedade de diferentes “posições de sujeito”.

Afirmar, portanto que o mundo mudou, que as identidades estão sendo reformuladas ou desformuladas, que as concepções dos sujeitos a partir de si mesmo também estão profundamente abaladas, e que vem sendo feita por inúmeros teóricos sociais.

No cenário global, as fronteiras já são quase inexistentes, a velocidade da informação, disseminação e disponibilização de conteúdos através da internet e outros meios é uma realidade. Esse processo conhecido como globalização sem dúvida é um fator importantíssimo no processo de transformação global.

Essas mudanças, como não poderiam deixar de ser, penetram até o campo educacional, onde a emergência de uma pedagogia que assimile o surdo com sua identidade e sua cultura definida é cada vez mais presente. Segundo Roger Simon:

Pedagogia refere-se à integração, na prática, de certos planos e conteúdos do currículo, técnicas, estratégias de sala de aula, e avaliação, propósito e métodos. Todos esses aspectos da prática educacional estão juntos dentro da realidade das salas de aula. Juntos, eles organizam uma visão de como o trabalho de um professor, dentro de um contexto institucional, especifica uma versão particular de que o conhecimento é de maior valor, o que significa saber algo, e como nós podemos construir representações de nós mesmos, dos outros, e de nosso ambiente físico e social. Em outras palavras, falar sobre pedagogia é falar simultaneamente sobre os detalhes do que os estudantes e outros podem fazer juntos e sobre a política cultural que tais práticas apóiam. Nesta perspectiva, não podemos falar sobre práticas de ensino sem falar sobre política. (1987, p. 370)

Essa pedagogia dos surdos, como foi alcunhada, me leva a repensar a prática cultural do professor surdo.

Por um bom tempo, os professores surdos entenderam o sujeito surdo, como ser rotulado e caracterizado de maneira homogênea, como possuidor de deficiência ou incapacidade. Como se pudéssemos anular estes inúmeros fatores que envolvem o ser humano (gênero, condição social, nacionalidade, estrutura familiar, etc.)? Felizmente hoje, sabem reconhecer o surdo como possuidor de uma identidade mais ampla em vista de sua diferença.

Pois bem, entendendo o contexto histórico em que vivemos, é necessário então compreendermos onde se situa o sujeito surdo, de que forma este é afetado e de que forma ele reage neste cenário de transgressão já que o mesmo é o alvo de pesquisa.

Ser necessário ressaltar que, quando se pressupõe que o sujeito pós-moderno passa a descentralizar a sua identidade que até então era “ancorada” em modelos existentes nas épocas anteriores, estou falando aqui de um sujeito surdo, já que ao lançar luz a trajetória dos surdos, vê-se que os mesmos, devido ao holocausto cultural, lingüístico e educacional, foram privados da formação de sua identidade cultural e do complexo entendimento a partir de si mesmo dessa identidade surda, se assim o posso dizer, ou seja, o sujeito surdo não podia se reconhecer como surdo, mas sim como não normal. Ele era visto e obrigado a se ver a partir da perspectiva do que ele não era, e

qualquer tentativa de formação de identidade cultural era abolida como uma tentativa de formação de guetos e segregação.

Claro que alguns sujeitos surdos conseguiram sobreviver a todas essas relações de poder, no entanto isso se deu através de um processo constante de negação da tentativa de rotulação etnocêntrica.

É ingênuo, portanto pensar que somente com o advento da pós-modernidade é que temos a percepção por parte do sujeito do seu pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. O que se vê ao longo da história é o sujeito surdo lutando constantemente contra essas tentativas de homogeneização de sua identidade e também a sua importância entrar numa relação intercultural, pois faz parte da sociedade, e respeitar uns aos outros.

Pois bem, no contexto histórico da visão dos professores surdos, é importante entender que os próprios professores surdos se produzem do seu jeito de ensinar, do seu jeito de se produzir, isso é uma referência a política e a poética e a transgressão pedagógica.

4.5 – A construção da política e a poética do professor surdo

O surgir da política e a poética dos professores surdos é um assunto inquietante, principalmente pelas dificuldades que impõe e por suas limitações. Ao trazer as estratégias políticas que o sujeito surdo têm para difundir o desenvolvimento da construção da política e a poética de encontro de suas capacidades e a sua produção, porém, não é isso que se observa na prática e sim pelo cotidiano de vida.

Somos, então, indicações para o sentido de outros? (Azúa, 2001, p. 32).

Há possibilidade de ter política e a poética para o professor surdo?

O que reflete sobre acima, pode refletir o que entende de que os surdos têm outro sentido a partir de ter a sua ação politicamente e a poeticamente?

Antes, achavam que não tinham capacidade e sentimento dentro das diferentes práticas pedagógicas envolvendo nos professores surdos: apresentavam uma série de limitações devido a que apontavam que não sabiam ler, escrever e dar uma explicação,

porém, não aceitavam o que o professor surdo quer, ou seja, eles querem normalizá-los.

Era excluído no meio dos professores, recuperando o trabalho deles, e não aceitavam que os professores surdos tomassem o sentido dele, apesar do seu próprio político, e deixar ele se produzir poeticamente. O que parece é que ele se sentia abandonado, reflito a importância do sentido do professor surdo, a partir da sua construção política e a poética.

É o que acontece com os professores surdos se sentindo subalternados por professores ouvintes. Penso que ele tem o seu próprio raciocínio, da sua consciência, do seu pensamento, do seu sentimento, da sua produção, de se expressar, do além, da sua possibilidade de se comunicar, que eles podem ser bons professores, bom de família, bom de experiência, um bom de interesse, uma boa vontade de lutar, e porque os outros não escutam e olham de que eles estão querendo mostrar a construção do seu própria forma poética de se expressar e de se ensinar dentro da sala de aula.

E por que professores surdos continuam sendo administrados por ouvintes? Para mudar para outro jeito do professor surdo como uma forma de sociedade disciplinar, como diz o autor Skliar:

A sociedade disciplinar assume a forma de um mapa que representa uma demarcação estrita de territórios, o que permite observar e controlar os sujeitos, reparar suas presenças e suas ausências; é o panóptico de Foucault, que sugere a possibilidade de ver e de fazer tudo, sempre, ocupando uma posição superior, de privilégio. A sociedade disciplinar é o resultado de um poder maciço, cotidiano, sistemático e conseqüente que, utilizando a mesma metáfora de De Marinis, tornou-se “cega” desde há muito tempo para as exclusões e para tudo o que pode acontecer “ali fora”. (2003, p. 100).

É possível apontar um caminho para a prática pedagógica próprio dos professores surdos para entender que eles estão produzindo, dentro do seu fazer político e a poética. Somos diferentes e somos os outros e não sob o poder disciplinar pelos ouvintes para não perder o espaço dos surdos e também para não permanecer na sombra dos ouvintes como a professora surda CH (2006) narra o seu sentido de pedagogia que precisa transformar e não sob o jeito da pedagogia dos ouvintes:

Por exemplo como a pedagogia pra mim é ter uma atitude curiosa com as crianças, em relação ao conhecimento. Esse aspecto é muito importante pra aprender como também importante a minha identidade para me relacionar com os alunos surdos. Se vincular com carinho, cuidar e conversar com os

alunos surdos porque é diferente e ele traz o grande problema da família. É isso da minha subjetividade. Sinto necessidade de atuar na pedagogia. A família precisa acompanhar a orientação da escola. A família sempre deixa o filho na escola que resolve tudo. E os pais fogem da responsabilidade. Onde está a pedagogia? Esse assunto parece falta a pedagogia do amor, por isso não tem. É por isso que eu me preocupo. Percebi que diante desse surdo, em primeiro lugar, precisa ter calma. É importante conhecer o sujeito, o aluno surdo, se tem problema ou não. E também ensinar como desenvolver a ver as coisas da sociedade, o surdo a saber como é a cultura surda que está desenvolvendo e se mostrando? E também a maioria dos professores ouvintes que exigem o português? Eu sei que é importante mas, como começa? É igual ao da semente, coloca-se água e cresce e fica inteligente? É igual a essa criança surda, como? Só ensina, ensina, ensina apenas o português e pronto. E deixa os alunos passar de uma vez em todas as séries. E depois este aluno não sabe nada, não entendeu português, não aprendeu sobre a vida.. E eu não concordo com isso. Agora é difícil de tocar o assunto sobre a pedagogia, mas tem que discutir sempre sobre isso, nunca tem a pedagogia pronta e direta. Precisa perceber e transformar algumas coisas e a pedagogia também transforma. Os dois se transformam, e sempre tem uma vinculação de transformação entre os alunos e os professores. Eu percebi de mim mesma, tenho uma relação ótima com os alunos surdos, sempre dou conteúdo muito claro e eles me entendem bem. Sempre acontece que qualquer professor ouvinte não sabe como esclarecer. Sempre me chamam para explicar e esclarecer melhor e os alunos me entenderam claro. Fico preocupada, por exemplo, os instrutores como eu, sempre dão aula no tempo curto e o professor ouvinte sempre tem mais tempo. Como ela se relaciona e ensina o tempo todo, e eles continuam sem entender? E eu, quando esclareço, me entendem rápido. Isso me deixa preocupada, por isso precisa mudar muitas coisas referentes aos professores surdos, [...] e entre outras coisas que se vinculam. E eu, dentro da minha subjetividade, sempre preocupo com a pedagogia e precisa transformar.

No contexto da narrativa, a professora surda está esclarecendo que a pedagogia precisa se transformar. A realidade nas escolas de surdos para não permanecer o jeito da pedagogia dos ouvintes, os professores surdos entendem como ensinar do seu jeito através da nossa política e a poética.

É o que pode entender a política e a poética do professor surdo?

Na política, é importante ter a política surda porque pode quebrar a pedagogia tradicional que está encaixada como pedagogia colonial. Estão lutando para mostrar a realidade de que os professores surdos têm a sua identidade e diferença. Lutar para conseguir o espaço dos surdos e a educação que nós queremos; ter o desenvolvimento de trabalho para um nível específico que pode apresentar uma diferença. Não é subalterna e sim de grande importância, com valores, intelectuais, além de tudo, sem mascarar a própria consciência da sua política cultural e conservar a identidade e a diferença. E também é muito importante celebrar a diferença, como diz o autor Skliar:

Por essa razão, existe um outro de uma diferença política que, simplesmente, deseja a diferença, se instala na diferença, é pura diferença. E desconstrói a idéia de que toda diferença política é, somente, reativa, contestatória. Vive em sua diferença. (2003, p. 145).

E na poética, é importante entender a poeticidade do professor surdo que se produz pelo seu próprio jeito de se expressar e de ensinar através do seu próprio corpo, da sua própria identidade, da sua própria consciência, do seu próprio pensamento, da sua própria diferença, da sua própria cultura e da sua língua de que estão enfatizando.

Pelo contexto histórico, depois de lutas desencadeadas pelos professores para conseguir ter a sua política e a poética que nos aproxima a partir de entrar numa transgressão pedagógica, porém, têm o seu jeito de se ensinar, de se produzir a cultura dentro de si mesmo. Vê-se que a administração dos ouvintes não traz a poética cultural para os surdos, e que não pode mascarar o trabalho deles.

Devem mostrar a importância da política e a poética que estão produzindo e construindo para enfatizar a cultura, língua de sinais, alteridade, diferença e identidade para tornar o reconhecimento da representação do professor surdo.

Vê-se, hoje em dia, os professores surdos estão atualizados nos vários espaços educacionais para mostrar a representação de ser eu mesmo e não sob a prática colonial, devem ressaltar a transgressão pedagógica para não permanecer na sombra colonial, como diz Skliar:

A representação do outro não se limita a uma rápida mitologia, a um nome eficaz, a uma determinação eficiente, a uma simples oposição de é isto ou é aquilo, isto é, sou eu ou é você ou somos nós ou são eles ou, para voltar a uma imagem anteriormente mencionada: sou eu, somos nós ou é dilúvio. (2003, p. 113).

Nesse sentido, parece oportuno refletir sobre alguns aspectos da política e a poética do professor surdo que representa ao longo da realização do trabalho nos espaços educacionais, procurando compreender seus desdobramentos e influências sobre a transgressão pedagógica na atualidade.

Os trabalhos que procuram analisar a história dos professores surdos como o processo de negociação sobre relações de poder e interculturais, possuem uma afirmação fundamental: o respeito da poética reside na subjetividade do professor surdo para os povos surdos que têm acesso a ele.

Então, a partir da construção da política e a poética do professor surdo, celebra-se a sua nova transgressão, a qual é atribuído pelo próprio, o que é dele em que invadir do seu jeito de ser professor e ver as coisas de que somos nós como o outro. E trata, na palavra deles, a citação de Larrosa e Pérez de Lara:

(...) somos nós que decidimos como é o outro, o que é que lhe falta, de que necessita, quais são suas carências e suas aspirações. E a alteridade do outro permanece como que reabsorvida em nossa identidade e a reforça ainda mais; torna-a, se possível, mais arrogante, mais segura e mais satisfeita de si mesma. A partir deste ponto de vista, o louco confirma e reforça nossa razão (faz nos sentirmos ainda mais satisfeitos com a nossa razão); a criança, a nossa maturidade; o selvagem, a nossa civilização; o marginalizado, a nossa integração, o estrangeiro, o nosso país; e o deficiente, a nossa normalidade. (1998, p. 8).

Dentro do contexto do histórico de ser outro, é uma necessidade de construir o próprio jeito de ser, inventar de qualquer jeito, moldar, além de tudo, construir o seu jeito de poeticamente através da transgressão pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando o professor surdo na sala me impressionou e impressiona muito devido a nossa cultura, nossa língua, expressando a pedagogia dos surdos na sua forma marcando a diferença. E também percebo que o professor surdo sempre usa a sua postura em frente aos alunos sinalizando sobre a situação da cultura dos surdos. Seja transmitindo valores culturais ouvintes ou valores culturais surdos, o professor surdo está para a transgressão com a pedagogia dos surdos. Isto me faz refletir que é muito importante ter o professor surdo na sala de aula com uma boa formação, uma boa prática, utilizar a didática própria para surdos e conhecer e criar sua metodologia. Especificamente o currículo cultural está aí para que os surdos se adaptem ao seu mundo, à cultura, à identidade, à língua. Para fortalecer a pedagogia de surdos, o professor surdo assume uma política e uma poética em vistas a transgressão. Além de tudo, a construção da cultura, o professor surdo tem a sua identidade e com ela interfere, motiva e impulsiona novos rumos. É muito importante assumir essa postura como professor surdo na sala de aula, para que não haja desconstrução, mas impulso às identidades dos alunos. E também é muito importante o professor surdo que transmite conhecimentos com clareza e língua para que os alunos se inteirem do conhecimento com facilidade, sendo induzidos à atualidade e ao estar bem informado.

O que vejo nele, sua política e poética que tem o seu gesto de carinho, seu gesto de toque no ombro, chamando um aluno surdo para observá-lo e observar com ele. Seu acenar para chamar, a alguma coisa. Seu deixar que os alunos surdos sintam à vontade para interagir. O fazê-los sentir em contato com o cotidiano atualizado. Portanto, transgredir o seu paradigma da deficiência face ao aluno surdo. A sua postura para assumir essa estratégia de professor surdo. Seu transgredir e motivar a sua forma pedagógica. Aceitar o seu trabalho na sala de aula, e também dar o seu exemplo para os outros professores surdos. Transgredir com o respeito devido à língua escrita em sinais no quadro. Transgredir com o comunicar em língua de sinais de forma natural

para ter clareza no ensino. Transgredir no seu espaço educacional de forma cultural, além da sua motivação política e poética que faz acontecer a transgressão pedagógica.

Em relação à presença do professor surdo, ele pode incentivar seus alunos na reflexão sobre suas atitudes e práticas, produzindo, dessa forma, mudanças significativas nas relações interpessoais. O que marca é a sua postura no que diz respeito à diferença cultural. Porém, o que me chama atenção é o fato de não haver questionamento para os limites da cultura dominante, e se a cultura dos surdos é reconhecida na sua diferença. Faz-se assim necessário distinguir criticamente o papel do professor surdo na cultura educacional do sujeito surdo.

De outra forma, é importante motivar a consciência dos professores surdos diante da realidade na educação de surdos. Conseguir a transformação das condições reais da vida profissional que produzem a dita consciência para entrar numa forma com a valorização das diferenças na cultura. Isto seria uma forma de incentivar a busca a proporcionar aos professores surdos o conhecimento sobre a educação dos surdos e prática pedagógica. Motivo bom para estimular os alunos surdos a entender o que deve aprender a viver harmoniosamente entre as diferentes culturas.

O que me impressiona ver o professor surdo na sala de aula utilizando a sua disciplina com a implementação da proposta pedagógica, trazendo a proposta de uso da cultura e da língua como na visão da Zimmerman:

É preciso formar professores capazes de atuar com êxito no ensino das línguas indígenas, bem como investir na pesquisa acadêmica sobre os costumes, a cultura, a cosmovisão etc. dos povos indígenas, servindo como aportes para a continuidade do processo de implementação de projetos de educação intercultural. (1997, p. 42)

Quanto à comparação da cultura indígena, me é instigante a forma como o professor surdo produz sua política e poética. Isto concorre com a qualidade deste professor surdo, para a educação dos surdos. Para entrar numa transgressão pedagógica e ter o seu fortalecimento das identidades como professor surdo, ou seja, identidade cultural e possibilitar ensinar com a sua própria metodologia, sua estratégia e a sua produção em ensinar aos alunos surdos.

O que instiga a ênfase aos povos surdos referente à minha pesquisa é com vistas a fortalecer o conhecimento do funcionamento da pedagogia de surdos. Um novo olhar ao professor surdo. Se eu não contar as histórias, os labirintos da pesquisa em que vivi e encontrei o trabalho do professor surdo, eles serão narrados desde outros lugares. Podem ser aprisionados em posições tradicionais, nos lugares, nas escolas que poderão comprometer nossas possibilidades. Pode desconstruir os saberes, as culturas, os conhecimentos da cultura do povo surdo, as identidades dos surdos, e pedagogia de surdos. Nisto perde-se o controle, a regulação e o governo das pessoas que não constroem espaços hegemônicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de. *Leitura e Surdez: Um estudo com adultos não oralizados*. Rio de Janeiro: Revinter: 2000.

AZÚA, Felix de. Sempre em Babel. In: Larrosa, Jorge; Skliar, Carlos (eds.) *Habitantes de Babel: política e poética da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUJES, Maria Isabel. Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. In: Costa, Maria Vorraber. (org); Alfredo Veiga Neto. *Descaminhos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Infância e maquinarias. *Tese de doutorado*. Porto Alegre: PPGDEU/ UFRGS, 2001.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e cultura(as): encontros e desencontros. In: CANDAU, Vera Maria. (org) *Reinventar a escola*. Petrópolis; Vozes, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Maria Vorraber (org); Alfredo Veiga-Neto. *Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Maria Vorraber (org); Alfredo Veiga-Neto. *Introdução: Novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____; GRUN. Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. In: Costa, Maria Vorraber (org); Alfredo Veiga-Neto. *A aventura de retornar a conversação- hermenêutica e pesquisa social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. In: Costa, Maria Vorraber. (org); Alfredo Veiga Neto. *Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. In: Costa, Maria Vorraber. (org); Alfredo Veiga Neto. *Uma agenda para jovens pesquisadores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *Rizoma: introducción*. Valência: Pré-textos, 1977.

EWALD, François. *Foucault, a Norma e o Direito*. Lisboa: Vega, 1993.

ESCOSTEGUY, Ana. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FLEURI, R.M. *Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos*. In: Candau, V.M. (org) *Ensinar e aprender. Sujeitos, saberes e pesquisa*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Educação intercultural. Mediações necessárias. In: FLEURI, Reinaldo e SOUZA, Maria. *Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural*. Reinaldo Matias Fleuri (org).- DP&A, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1989.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____ & MCLAREN, Peter. *Por uma pedagogia crítica da representação*. In: SILVA, Tomaz T. e MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.) *Territórios contestados*. Petrópolis, Rj: Vozes, 1995.

_____ *Cruzando as fronteiras do discurso educacional: Novas políticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____ Atos Impuros: a prática política dos estudos culturais. In: GIROUX, Henry e GIROUX, Susan. *Ensinando o Político com Homi Bhabha*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HALL, Stuart. *Diáspora Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

_____ *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KYLE, Jim. *O Ambiente Bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para os surdos*. In SKLIAR, Carlos (Org.) *Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos*, Porto Alegre: Mediação, 1999.

KLEIN, Madalena. *Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho*. In. Thoma, Adriana; Lopes, Maura. *A invenção da surdez*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LARROSA, Jorge; Pérez de Lara, Nuria (orgs.) *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOPES, Maura Corcini. *Relações de Poderes no espaço multicultural da escola pra surdos*. In Skliar Carlos (org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998

LUNARDI, Márcia. *Medicalização, reabilitação, normalização: uma política de educação especial*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/marcialiselunardit15.rtf> .

MOURA, Maura Corcini. "A língua de sinais na educação da criança surda." In: Moura, M.C. *et alii; Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993.

- PADDEN, Carol & HUMPHRIES, Tom. "Sharing a Culture". *WFD News*, Mar.1993.
- PARDO, José Luis. El sujeto inevitable. In: CRUZ, Manuel (org). *Tiempo de subjetividad*. Barcelona: Paidós, 1996.
- PEREZ DE LARA, Nuria. Pensar muito além do que é dado. Pensar a mesmidade a partir do outro que está em mim. (Prefácio) In: SKLIAR, Carlos (org). *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org). *A Surdez, um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- _____ *O Lugar da Cultura Surda*, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação*, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.
- _____ *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- POPKEWITZ, Thomas S. *Sociología política de las reformas educativas*. La Coruña/Madri: Fundación Paideia/Morata, 1994.
- QUADROS, Ronice. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____ *O 'BI' em bilingüismo na educação de surdos*. In:FERNANDES, Eulália (org).*Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- _____ *Qual é a peça que se encaixa no quebra cabeças da inclusão de surdos?* Revista Pátio. Porto Alegre: Editora S.A. Ano IX nº 36 Novembro 2005/Janeiro 2006.
- RÉE, Jonathan, *Os deficientes auditivos são uma nação a parte?*, Inglaterra, 2005.fonte: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2005/03/ult2678.jhtm>

- SÁ, Nídia. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2002
- SCHWARZ, B. *Conservatism, nationalism and imperialism*. In Donald, J. e Hall, S. (orgs), *Politics and Ideology*. Milton Keynes: Open University Press, 1986.
- SHAPIRO, Svi. O fim da esperança radical? O pós-modernismo e o desafio á pedagogia crítica. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-Modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SILVA, Gilberto Ferreira. . Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. In FLEURI, Reinaldo (Org). *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.
- SILVA, Tomaz. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- _____ A produção social da Identidade e da diferença. In SILVA, T.T. *Identidade e diferença a perspectiva dos Estudos Culturais* (Org) Petrópolis, RJ: Vozes, 2000
- _____ *Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico*, Belo Horizonte–MG Autêntica, 2000
- SIMON, Roger. *Habilitação como uma Pedagogia de Possibilidade*. Language Arts, 64,4. 1987.
- SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In. SKLIAR, Carlos (Org.) *A Surdez, um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- _____ “*Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação*”. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de, GOES, Maria Cecília Rafael de (orgs). *Surdez: Processos Educativos e Subjetividade*. São Paulo: Lovise, 2000-b.

_____ *A forma visual de entender o mundo. In Educação para todos . Revista especial, SEED/DEE Curitiba, Editora Expediente, 1998.*

_____ *Pedagogia (Improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.*

STROBEL, Karin. *História cultural: novas reflexões sobre a história dos surdos.* Florianópolis, UFSC, 2006 (no prelo)

THOMA, Adriana da Silva. *A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema.* In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs). *A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação.* Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

THOMPSON, Kenneth. Estudos Culturais e educação no mundo contemporâneo. In Rosa Maria Hessel Silveira (org). *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação.* Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Focault & Educação/Alfredo Veiga-Neto.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.* In SILVA, Tomaz, Tadeu (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

WORTMANN, Maria Lúcia. *Análises culturais- um modo de lidar com histórias que interessam á educação.* In COSTA, Marisa Vorraber (org); Alfredo Veiga Neto. *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

